

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES

DANIELA EUGÊNIO TAVARES DE SOUZA

ENTREOLHAR-SE

**Curso de fotografia abordando o autorretrato e ensaios autorais para mulheres
negras**

São Paulo

2021

DANIELA EUGENIO TAVARES DE SOUZA

ENTREOLHAR-SE

**Curso de fotografia abordando o autorretrato e ensaios autorais para mulheres
negras**

Versão Original

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós
Graduação em Artes Visuais - Eca USP

Área de Concentração: Teoria, Ensino e Aprendizagem

Linha de Pesquisa: Fundamentos do ensino e Aprendizagem de
Arte

Orientadora: Profa. Dra. Regina Machado.

São Paulo

2021

Nome: Daniela Eugênio Tavares de Souza

Título: Entrelha-se Curso de Fotografia Abordando Ensaios Autorais e Autorretratos para Mulheres Negras

Dissertação apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profª Drª _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profª Drª _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profª Drª _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Resumo

Esta dissertação apresenta a criação de um curso de fotografia para mulheres negras e suas reflexões. No entendimento do importante papel que há em se haver estudos com referenciais teóricos e poéticos que tenham uma bibliografia voltada para as questões específicas de raça e gênero, o curso Entrelhar-se surgiu para dar vazão a criações em um espaço de construção pedagógica diferente do anteriormente vivenciado por grande parte da população de mulheres negras, quando se trata dos estudos de fotografia, espaço este comumente dominado pela hegemonia do patriarcado, heterossexual e branco. Considerando o entendimento por uma pedagogia engajada, os estudos de Bell Hooks, Regina Machado, Beatriz Nascimento e de uma vasta produção de autores, autoras e artistas da diáspora africana esta dissertação discorre sobre a construção de um quilombo como método pedagógico, acessando trocas possíveis apenas quando um ideal é compartilhado em grupo. Assim, apresento a construção poética e de vida que se deu ao percorrer este caminho de aprendizagem, multiplicação e transformação.

Palavras chave: Mulheres Negras, Fotografia, Autorretrato, Aquilombamento, Ensaio Autorais.

Agradecimentos

À Regina, minha orientadora, pelo acolhimento abrindo portais em minha mente, para assim dar início a esta caminhada, sua sabedoria e capacidade de compreensão em tempos tão difíceis foram cruciais para o desenvolvimento deste mestrado. Obrigada por ser fonte de inspiração tão grandiosa.

As amigas, alunas e companheiras de vida: Adriana, Bruna, Giovanna, Josefa, Joyce, Marylia, Paula e Sunshine. Juntas neste grande encontro de almas que se tornou o curso Entrelhar-se, vocês me ajudaram a concretizar o que era imaterial.

À Profª Drª Helouise Costa, que me deu as mãos e construiu comigo força para permanecer sã, crítica e focada durante meu estágio PAE (programa de aperfeiçoamento de ensino) que iniciou exatamente ao mesmo tempo da suspensão das aulas presenciais pela pandemia de covid-19.

À Profª Drª Sumaya Mattar, onde durante meu estágio tive a oportunidade de confirmar a esperança da transformação por meio da educação, agradeço também por todos os apontamentos cuidadosos realizados no momento da qualificação desta dissertação.

À turma de Fundamentos da Aprendizagem artística do segundo semestre de 2020 do CAP. Com vocês compartilhei experiências que levarei para toda minha existência.

À Profª Drª Silvana Nascimento, quando em sua disciplina e em nosso encontro na qualificação desta dissertação, foi inundação de referências e com quem eu pude finalmente encontrar identificação em bibliografias acessadas no decorrer deste mestrado.

Minha família e especialmente à minha irmã Fernanda, meu grande referencial de existência, a quem a admiração e as conversas íntimas me incentivaram a escrever.

Maitê, a primeira pessoa que me disse que eu seria capaz de realizar esta graduação, sua voz sempre ecoará em mim como um alento.

Ana, minha amiga. Que tanto me ensinou sobre raça e que me escolheu como família, quanto já construímos dos nossos sonhos? Obrigada por permanecer.

À Mayara, que ouviu, leu e me viu repetidas vezes com carinho durante toda a extensão deste mestrado. Você é acalanto e amor.

À Sheila que revisou esta dissertação até altas horas da madrugada.

À todas as mulheres negras que conheci, li, ouvi, que existem e existiram, vocês são as raízes que nutrem os frutos de um novo amanhã.

Sumário

Agradecimentos	04
Sumário	06
Epígrafe	07
Introdução	09
Capítulo 1 - A arte da Palavra e da Escuta em transposição ao ensino de fotografia.....	19
Capítulo 2 - Ensino EAD de fotografia (<i>em meio a Pandemia de covid-19</i>).....	30
Capítulo 3 - Aquilombar-se - O quilombo como instrumento pedagógico.....	83
Capítulo 4 - O autorretrato como ação de autoconhecimento, autoafeto, autodefinição.	90
Conclusão ou Transbordamentos	102
Anexos – Plano de Curso e Relato do Curso	155
Bibliografia	190

Ainda assim eu me levanto

Você pode me riscar da História

Com mentiras lançadas ao ar.

Pode me jogar contra o chão de terra,

Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.

Minha presença o incomoda?

Por que meu brilho o intimida?

Porque eu caminho como quem possui

Riquezas dignas do grego Midas.

Como a lua e como o sol no céu,

Com a certeza da onda no mar,

Como a esperança emergindo na desgraça,

Assim eu vou me levantar.

Você não queria me ver quebrada?

Cabeça curvada e olhos para o chão?

Ombros caídos como as lágrimas,

Minh'alma enfraquecida pela solidão?

Meu orgulho o ofende?

Tenho certeza que sim

Porque eu rio como quem possui

Ouros escondidos em mim.

Pode me atirar palavras afiadas,

Dilacerar-me com seu olhar,

Você pode me matar em nome do ódio,
Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.
Minha sensualidade incomoda?
Será que você se pergunta
Por que eu danço como se tivesse
Um diamante onde as coxas se juntam?
Da favela, da humilhação imposta pela cor
Eu me levanto
De um passado enraizado na dor
Eu me levanto
Sou um oceano negro, profundo na fé,
Crescendo e expandindo-se como a maré.
Deixando para trás noites de terror e atrocidade
Eu me levanto
Em direção a um novo dia de intensa claridade
Eu me levanto
Trazendo comigo o dom de meus antepassados,
Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.
E assim, eu me levanto
Eu me levanto

(ANGELOU, M. "Ainda assim me levanto". Tr. Francesca Angiolillo. *Folha de São Paulo*, 28 de maio de 2014)

Introdução

O início desta pesquisa dá-se em 2012 quando obtive o primeiro contato com ações feministas como a “marcha mulher negra morta por aborto clandestino”, foi ao vivenciar e registrar fotograficamente o movimento de mulheres de 2012 a 2014 que pude por meio de leituras questionadoras sobre gênero tais como Simone de Beauvoir, Judith Butler e Michel Foucault, que pude perceber que o local social pode ser agente para uma mudança social. Foram desenvolvidas durante o curso cedido pela Prefeitura de Guarulhos ministrado por Rita Cavassana - PUC - SP a performance Pressão, que questiona a ditadura da beleza onde a mulher é pressionada para encaixar-se em um estereótipo que não lhe pertence. Em 2013 desenvolvi a performance “só sei quem eu não sou” que relata a quebra dos estereótipos eurocentrados para chegar ao conhecimento de uma identidade baseada em sua aparência natural, performance apresentada na Residência Cultural Casa Clam, em Guarulhos - SP. Em 2014 após leituras de bell hooks, e estudos sobre o Teatro do Oprimido de Augusto Boal o entendimento das hierarquias colocou em evidência a singularidade do entendimento da autoestima da mulher negra e a origem do embranquecimento compulsório vivenciado por mim desde a infância. No entendimento que para ser dada a construção da autoestima da mulher negra está posto o acerto de questões como afetividade, vida profissional, e falta de representatividade, foram criadas rodas de conversas com o grupo de estudos Teatro da Oprimida Mulheres Negras, em 2014 no Centro Cultural São Paulo reunindo quase 200 mulheres para conversar sobre a solidão da mulher negra. Cria-se então o projeto “Deus é uma mulher negra” onde retrato mulheres que foram espelho para minha afirmação da negritude como identidade.

Nesta busca por identidade e de entender-se negra na sociedade capitalista patriarcal branca, precisei aprender a posicionar-me de forma não passiva diante de qualquer expressão do racismo. Aprender a não me calar. Tornar-me a pessoa não querida a abordar o assunto não desejado. Ser o elefante na sala de jantar. Durante toda a minha trajetória de estudos, desde a infância passei por grandes períodos de silêncios em salas de aulas que não traziam boas referências ou alguma referência que fosse relevante para minha construção identitária, ou que parecessem oportunas para abertura de alguma fala diversa. Desde o ensino médio, até atualmente na pós-

graduação poucos foram os espaços em que autores negros eram usados como referência e menos ainda autoras negras. Durante uma descoberta conquistada com o trajeto de minha pesquisa que passou pelos estudos de performance, estudos feministas, estudos de Teatro da Oprimida, com grande referencial em mulheres reais próximas e inspiradoras pude reconhecer a necessidade e a transformação possibilitada pelo conhecimento destas mulheres transmitido nos encontros realizados e na escuta dessas vozes. Tamanho silenciamento foi obstáculo para o início da escrita desta dissertação que começo de maneira quase confessional.

Nascida em 1983 em Guarulhos, cidade às margens da cidade de São Paulo, filha de Sr. Adilson, filho de Aparecida Maria e Sr. José, vindos do interior de São Paulo, de uma cidade chamada Palmital, filha de Dona Wilma, filha de Dona Eulália e Sr. José nordestinos vindos de Campina Grande, na Paraíba. Crescida no mesmo chão, filha caçula consegui ver meu pai já melhor empregado em uma metalúrgica e minha mãe concluir o ensino superior em História.

Com minha irmã compartilhei planos para mudar a vida de minha mãe durante todos os tempos, convivemos com o machismo muitas vezes castrador de meu pai e diversas problemáticas sexistas dentro de casa, aprendemos que mulheres unidas transformam coisas.

Aos 12 anos meu pai me deu a primeira câmera, que tenho até os dias de hoje.

Figura 1 – Minha primeira câmera fotográfica.



Fonte: Arquivo Particular, Souza, Eugênio Tavares Daniela (2019)

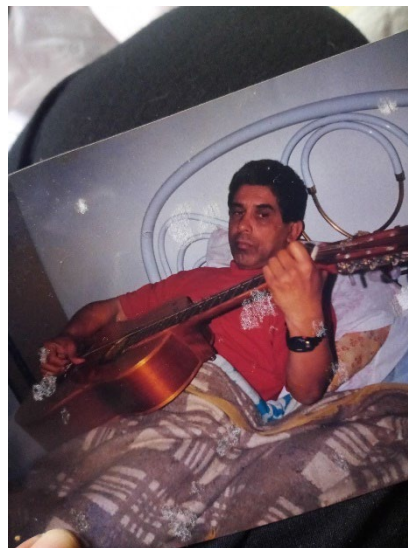
De mãe branca e pai negro que aprendeu a negar sua negritude durante toda a vida, vivi sem entender o bullying sobre o meu cabelo e o porquê de às vezes ser confundida com um menino, por conta dos cabelos sempre curtos que minha mãe mantinha assim por não saber como cuidar dos cabelos crespos e “rebeldes” quando cresciam. Minha irmã teimava em prendê-los, trançar e falar que deveria deixá-los crescer, mas o incômodo das presilhas, arquinhos (tiaras), trancinhas era insuportável e então eu mesma preferia pedir para cortar, melhor ser confundida com um menino do que apelidada por conta do cabelo, que puxei do pai e da avó, Dona Aparecida Maria.

Figura 2 - Mãe, Avó e Eu em uma Horta em Mairiporã - SP



Fonte: Arquivo Particular, Souza, Eugênio Tavares Daniela (2019)

Figura 3 - Pai tocando violão deitado



Fonte: Arquivo Particular, Souza, Eugênio Tavares Daniela (2019)

Depois de muito arquinho (tiara) e grampo no cabelo já conseguia prender o cabelo com 12 anos, mesma idade que ganhei a primeira câmera fotográfica, e a segunda, uma Polaroid.

Figura 4 - Eu com os cabelos presos e uma amiga.



Fonte: Arquivo Particular, Souza, Eugênio Tavares Daniela (1995)

Aos 12 anos, minha mãe me levou para fazer o primeiro relaxamento de cachos com Hidróxido de Guanidina (espécie de Soda cáustica), na intenção de retirar o volume e mudar assim a estrutura dos cachos. Apesar da ardência no couro cabeludo, eu me sentia mais bonita, mas apenas no mês em que tinha feito o procedimento estético, quando a raiz começava a crescer voltava a me achar feia da mesma forma que me senti durante a infância inteira. Certa vez, na padaria o atendente perguntou se alguém já tinha me dito que eu era bonita, respondi sinceramente que nunca, e saí muito brava daquele local, pois tinha certeza de que ele estava sendo irônico, passei então a odiar ir comprar pão. Tentei certa vez com uma escova redonda escovar o cabelo e decidi por bem que seria certo enrolar todo cabelo na escova antes de puxar. Tive que cortar metade da frente do cabelo com a tesoura, pois a escova não deslizava

em meu cabelo, diferente de como acontecia com todas as bonecas Barbies que já tive. Não havia referencial para cabelos crespos.

Figura 5 – Eu adolescente com metade do cabelo solto e uniforme de escola



Fonte: Arquivo Particular, Souza, Eugênio Tavares Daniela (1998)

Continuei fazendo os “relaxamentos” até os vinte e tantos anos quando depois de um procedimento desastroso que alisou mais do que deveria os cabelos, acabei migrando para a “progressiva” que alisou os cachos definitivamente, era a estética dos anos 2000 e afinal todos diziam que a pele clara combinaria muito mais com cabelos alisados, não sabia que era mais uma vítima do embranquecimento compulsório. Os cachos já não tinham mais definição, minha identidade também não. Me espelhava em mulheres brancas de tipos nórdicos e me divertia fazendo montagens no Photoshop, clareando minha pele, mudando os cabelos e olhos, tentando se parecer com algo que nunca conseguiria ser.

Não tenho praticamente nenhuma fotografia de cabelos soltos e naturais quando criança ou adolescente. Nos primeiros contatos com a ferramenta de edição de imagens Photoshop meus objetivos eram me transformar em uma mulher branca de cabelos lisos.

“O movimento de rejeição/aceitação construído socialmente pelo negro insere-se ainda em universo mais amplo que inclui dimensões históricas, sociais, culturais, políticas e psicológicas”.

“Corpo e o cabelo podem ser tomados como expressões visíveis da alocação dos sujeitos nos diferentes polos sociais e raciais. Por isso, para alguns homens e mulheres negras, a manipulação do corpo e do cabelo pode ter o sentido de aproximação do polo branco e de afastamento do negro.”(GOMES;NELMA, 2019 p. 139 e 140)

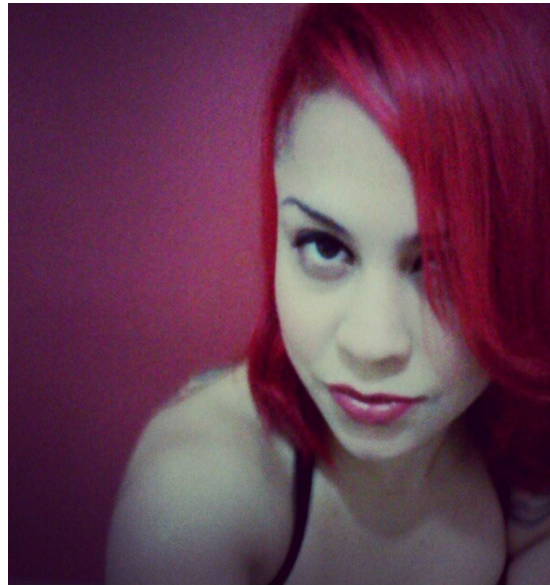
Fazer parte de uma sociedade baseada em imagens e gostar de si mesmo sendo uma mulher negra, onde até os dias atuais em redes sociais os perfis de pessoas em lugar de ascensão não configuram pessoas negras, em que os algoritmos das redes impulsionam somente conteúdo branco, ainda é desafiador e mesmo depois de passado o processo de transição ou aceitação, um trabalho diário a ser retomado. Romper com a distorção hoje tão naturalizada em filtros de instagram, que embranquece e que sobrepõem as fotografias tornando-as irreais, é um ato que necessita ser reafirmado por quase todo o tempo.

Figura 6 – Eu adolescente com os cabelos crespos e relaxados.



Fonte: Arquivo Particular, Souza, Eugênio Tavares Daniela (2001)

Figura 7 – Eu adulta com os cabelos alisados.

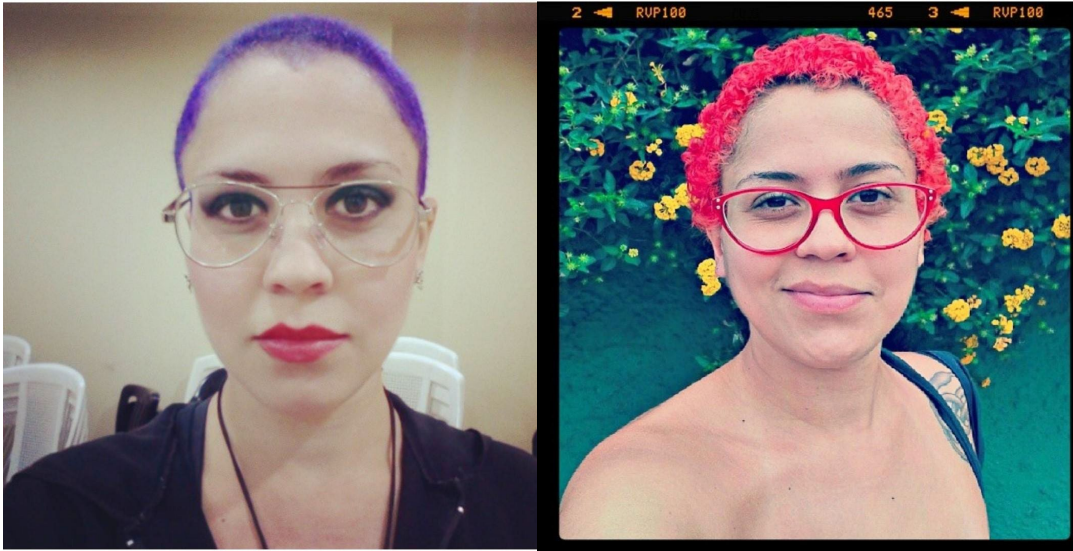


Fonte: Arquivo Particular, Souza, Eugênio Tavares Daniela (2011)

Foi na militância feminista que aprendi depois de ler “O mito da beleza” que poderia gostar de mim como realmente era, poderia aceitar meu corpo e finalmente o cabelo. Foi a época do envolvimento com a performance art, aprendendo que o corpo também era político. O dia chegou, raspei os cabelos mesmo com as amigas dizendo que não combinaria comigo e decidi me entregar a um novo ser.

Figuras 8 – Eu com os cabelos raspados

Figura 9 – Eu com os cabelos crespos crescendo



Fonte: Arquivo Particular, Souza, Eugênio Tavares Daniela (2012)

Estudei fotografia, performance, dança, teatro do oprimido e comecei a entender meu local social, meu lugar no mundo e tudo que não se deve aceitar sendo uma mulher negra politizada e consciente.

Dentro do Curso de Teatro da Oprimida Mulheres Negras, afirmei minha identidade ao ter proximidade e reconhecer as mesmas vivências sendo experienciadas por outras mulheres iguais a mim e dei início ao projeto fotográfico “Deus é uma Mulher Negra” de 2014, que se tornou o que é atualmente a pesquisa de mestrado “Entreolhar-se”. Fiz terapia, meus casamentos terminaram por conta de uma estética onde meus parceiros não me reconheciam mais e também não reconheciam o meu direito de refletir sobre raça, tinham dificuldade de reconhecer sua branquitude e então novos elos se formaram. Fiz parte do coletivo “Vale das Pretas”, de enaltecimento da estética negra e criação de eventos totalmente idealizados e realizados por mulheres negras. Enegreci e toda minha trajetória fez sentido e me trouxe até aqui.

Figura 10 – Eu com cabelo black power.



Fonte: Arquivo Particular, Souza, Eugênio Tavares Daniela (2014)

Sueli Carneiro em *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. (2011 p. 70) discorre sobre como o racismo opera sobre a diversidade cromática do negro em seu texto “Negros de pele Clara”:

“Uma das características do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos o privilégio de serem representados em sua diversidade. Assim, para os publicitários, por exemplo, basta enfiar um negro no meio de uma multidão de brancos em um comercial para assegurar suposto respeito e valorização da diversidade étnica e racial e livrar-se de possíveis acusações de exclusão racial das minorias. Um negro ou japonês solitários em uma propaganda povoada de brancos representam o conjunto de suas coletividades. Afinal, negro e japonês são todos iguais, não é?

Branco não. São individualidades, são múltiplos, complexos e assim devem ser representados. Isso é demarcado também no nível fenotípico em que é valorizada a diversidade da branquitude: morenos de cabelos castanhos ou pretos, loiros, ruivos, são diferentes matizes da branquitude que estão perfeitamente incluídos no interior da racialidade branca, mesmo quando apresentam alto grau de morenidade, como ocorre com alguns descendentes de espanhóis, italianos ou portugueses que, nem por isso, deixam de ser considerados ou de se sentirem brancos. A branquitude é, portanto, diversa e multicromática. No entanto, a negritude padece de toda sorte de indagações.”

Quando nos posicionamos e manifestamos contra o racismo, geralmente é quando conseguimos vê-lo em todos os lugares que habita. Nas tentativas de silenciamentos, por conta de “também ser branca” ou ter a pele clara, na tentativa de findar um argumento. Os olhos se abrem para a percepção da disparidade na quantidade de pessoas negras em lugares específicos, como na universidade por exemplo, na pós-graduação mais nitidamente ainda, não podemos negar que quanto mais escura sua cor, menos acesso lhe é concedido. Na Universidade de São Paulo observamos um número extremamente reduzido de alunos negros de pele escura. Procurar referências não eurocêntricas para uma pesquisa sem precisar de validação de um autor branco e ver que somos então praticamente pioneiros quando o assunto é falar de raça por si mesmos, não sendo retratado como um objeto de estudo.

O que fazer com tudo isso? A indagação e a indignação se transformam e então em 2016 com a oportunidade de lecionar fotografia em projetos sociais pude entender

que o instrumento da mudança de um pensamento conservador, racista, lgbtfóbico, misógino e classista poderia vir apenas pela educação.

Esta dissertação relata a possibilidade de um estudo onde imagens e produções de mulheres têm força impulsionadora para outras. A representatividade midiática deve ir além do “mass media” até que haja a real sensação de espelho. Na intenção de despertar em outras mulheres negras o interesse no aprendizado de fotografia e assim a construir uma possível aproximação de sua autoimagem criando-a de forma autônoma, e por meio do registro de outras mulheres, iniciar um processo de criação do amor interior e de uma representatividade real, feita pelo próprio indivíduo.

Capítulo 1 - A arte da Palavra e da Escuta em transposição ao ensino de fotografia.

Aos desavisados, aqui a técnica é apenas mais um aparato dentro da compreensão a ser obtida na esfera poética que desejamos perceber. Não é sobre “fazer do jeito certo” e sim fazer algo de uma ótica e perspectiva antes não imaginada pela branquitude, conhecendo autores, pesquisadores, artistas e pessoas que tem como proposição esta percepção como ferramenta para expansão do conhecimento.

A importância de abrir os olhos para o mundo que passa à nossa frente e não é visto pela hegemonia, o que algumas pessoas chamam de “despertar do olhar fotográfico”, nesta pesquisa chamaremos de olhar poético.

Da mesma maneira que os contos tradicionais trazem quando escritos em uma linguagem mais coloquial, ficou nítida a necessidade de uma linguagem menos acadêmica e de maior acessibilidade aos interessados que ainda não alcançaram a academia, esta linguagem fica refletida em materiais didáticos e nos referenciais artísticos trazidos nesta pesquisa.

Na introdução de seu livro “Acordais, fundamentos teórico poéticos da arte de contar histórias” Regina Machado diz que:

“As grandes questões da pós-modernidade extrapolam as discussões de físicos e filósofos, chegando até nós, pessoas comuns, de uma forma simples e contundente: não apenas não sabemos o nosso lugar no mundo, como temos medo de quase tudo, de sair pela rua de noite e de dia, de olhar para nós mesmos e não encontrar ninguém”. (MACHADO, REGINA, 2004)

É preciso conhecer as bases estruturais de nossa sociedade, de onde viemos, ter acesso aos conhecimentos ancestrais, aqueles repassados infinitamente, por meio de provérbios, cantigas, contos tradicionais, ensinamentos de mães, avós, professores, para desenvolver um olhar interior aprofundado e com o devido pertencimento, para poder construir uma identidade étnica, social e artística sólida e pautada nas melhores fontes que uma pessoa poderia ter. De maneira nenhuma desmerecemos o conhecimento acadêmico e o trabalho de pesquisadores, mas com certeza sabemos que não são os detentores das únicas formas de aquisição de sabedoria.

“Como vislumbrar o horizonte sem vê-lo?”

A fotografia na contemporaneidade se tornou ferramenta imagética para a dominação das expectativas do outro sobre si e sobre suas realizações pessoais, em uma sociedade guiada pelo consumo, podemos ver, com o Instagram sendo atualmente a maior rede social de troca de imagens, a síntese da desconexão com a importância e a profundidade que ela pode expressar, a fotografia se torna apenas objeto de desejo de compras e de status social, em via de regra corroborando com o manutenção do status quo, quando as imagens mais compartilhadas, e os usuários mais seguidos são aqueles que atendem as expectativas da branquitude, cisgenera, patriarcal e capitalista.

Pensar a fotografia nos moldes que Regina Machado apresenta os contos tradicionais pode abrir um leque quase infinito de possibilidades para seu estudo e aprendizagem. É fácil transpor o conhecimento quando uma das premissas iniciais são os questionamentos propostos em sua teoria-poética.

A premissa que de forma provocativa a autora inicia a viagem por seus estudos em seu livro *Acordais*:

“O que se aprende em contato com a arte?” é fundamental quando pensamos nas proposições possíveis acerca do ensino de arte, abrimos então assim o primeiro portal, como diz a autora e realizamos a pergunta “O que se aprende em contato com a fotografia e os autorretratos?” (MACHADO, REGINA, 2004).

A especificidade do autorretrato nesta pesquisa, dá-se por conta da falta de representatividade midiática que mulheres negras têm ainda hoje dentro do mass-média e nas artes visuais. Apesar de haver nos tempos de hoje de uma “ascensão” da estética negra na mídia comum, (o termo está entre aspas pois sabe-se que tal crescimento de visibilidade desta estética é dado apenas por conta do sistema capitalista perceber o negro como mais um consumidor) ainda hoje lidamos com os estereótipos de raça relacionados a mulher negra, tal como a mucama, a mulata e a mãe preta¹ (GONZALES; Lélia 1984, p. 223-244). Então é importante que sejamos retratadas por nós mesmas para garantirmos a representatividade que esperamos.

Representatividade: “Agora eu era herói”.

Pensar os contos tradicionais como uma maneira de ver-se dentro de uma história, ligando os pontos dentro de suas paisagens internas, para que aquela narração encontre um sentido único para cada ouvinte, faz com que seja possível traçar o paralelo com relação aos autorretratos, que representam especificidades da artista de tal modo que quando vislumbradas por outra mulher negra, ela consegue se ver naquela artista, na história por trás daquela imagem.

Figura 11 – Parede da Memória – Rosana Paulino



Fonte: Revista continente, 2020 – Foto Claudia Melo 1994/2015

Somos colagem de todas as experiências vividas até o momento presente, somos parte de nossos pais e partilhamos medos, anseios, experiências anteriores a nós que nos moldam, nos formam, nos definem e constituem.

Em “A Tradição Viva” A Hampaté Bâ, nos traz uma reflexão sobre como diferentes sociedades africanas podem ver nosso lugar de existência no universo, cosmos e a importância e como o conhecimento é transferido geracionalmente. Nos conta sobre os genealogistas, que conseguem citar toda a árvore genealógica de diversas famílias em um conhecimento transmitido oralmente, pois sabe-se da importância das origens de cada pessoa e das histórias frutificadas nesta árvore genealógica.

Este conhecimento riquíssimo se perdeu para várias pessoas no Brasil de maneira proposital com a escravização dos povos em diáspora, sendo trazidos de diferentes regiões e colocados juntos sem a capacidade de se comunicar para assim dificultar qualquer tipo de organização. Até hoje dificilmente se sabe a origem exata

dos povos negros desembarcados no Brasil, por falta de interesse e registros dos responsáveis pelos crimes.

A identidade se torna algo a ser conquistado até os dias de hoje para a população negra brasileira, pois é preciso que a sociedade supere os processos de embranquecimento, de desvalorização das tradições ancestrais e de genocídio do povo negro que resistem até hoje em nossa sociedade.

“Agora eu era.

O tempo do agora é o tempo de presentificar, atualizar, como sempre aconteceu com qualquer rito, um universo atemporal, mítico, por meio da experiência pessoal - o agora do sujeito - de escuta, vivência e apreciação de uma história, de uma obra de arte, de um símbolo.” (MACHADO, REGINA, 2004, p.24).

“Este lugar para onde a pessoa se transporta é o lugar da imaginação enquanto possibilidade criadora e integrativa do homem. Quando experimento estar dentro da história, experimento a integridade individual de alguém que não está nem no passado nem no futuro, mas no instante do agora onde encontro em mim o que não fui ou o que serei, mas a minha inteireza no lugar onde a norma e a regra - enquanto coerção da exterioridade do mundo - não chegam. Onde sou rei e rainha do reino virtual das possibilidades, o reino da imaginação criadora. Nesse lugar encontro não o que devo, mas o que posso; portanto entro em contato com a possibilidade de afirmação do poder criador humano, configurado em constelações de imagens”. (MACHADO, REGINA, 2004, p. 24).

É este novo lugar, neutro da configuração social vigente, totalmente aberto às possibilidades que a fotografia autoral também pode possibilitar, quando no lugar de mente criadora pode-se criar universos possíveis e também a autoidentificação em seu igual como realizador ao contemplar uma obra fotográfica. O “sentimento de infinitude” citado pela autora quando ela cita M. Warnock que afirma que:

“se não vivermos este sentimento é impossível entendermos a raiz do que move a arte dos grandes poetas, de todos os artistas que,

como muitos já disseram, dão forma ao invisível”. (MACHADO, REGINA, 2004, p. 24).

O estado de presença e o desloque do imaginário dos contos tradicionais relacionados à fotografia são possíveis quando imaginamos uma fotografia autoral, não comercial, que dê acesso às paisagens internas de cada um. Encontrar a própria conexão com seu aparato interior é uma busca contínua e muitas vezes não ocorre instantaneamente, é preciso abertura a partir de questionamentos pessoais que o levarão de encontro de seu eixo interior e seu eu profundo, reflexo do que o meio o torna e o que reside fortemente em seus ideais.

Figura 12 – Constelações - Dani Souza - 2019



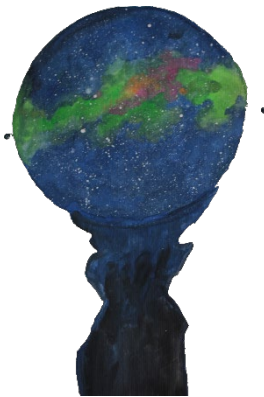
Fonte: Acervo Pessoal

Constelações

Regina, minha orientadora que aqui terei a liberdade de nomeá-la assim, durante a extensão do curso ministrado em 2019 sugeriu a criação de alvos concêntricos com as perguntas dos alunos sobre a disciplina e a dissertação de mestrado, a importância da criação destes alvos se fez ao demonstrar o foco de nossa questão primordial que se associava aos motivos de nossa presença ali, naquele momento e quais os objetivos desta presença. Semanalmente criavam-se alvos que demonstravam diferenças na ordenação do pensamento criativo e expansão de possibilidades e até mesmo a dispersão de algumas perguntas já respondidas ou desnecessárias na pesquisa e processo de aprendizagem. Procedimento essencial para organizar o acesso às constelações de imagens interiores. Determinantes para

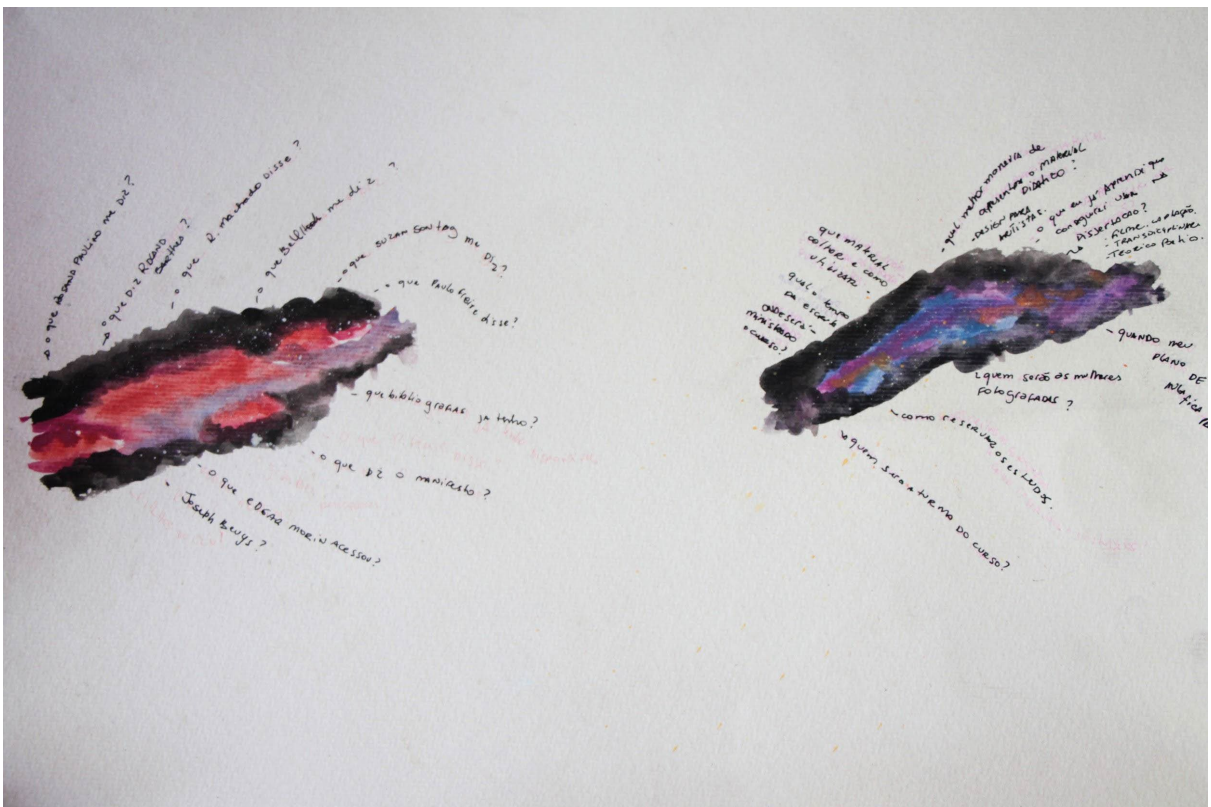
o sentido do estado de presença. Uma fotografia autoral ou um autorretrato, tem em si diversas questões interiores, antes mesmo de existir concretamente, existe um conceito, um motivo, uma pergunta primordial que se alinham com a razão criadora do fotógrafo.

Figura 13 – Constelações - Dani Souza - 2019



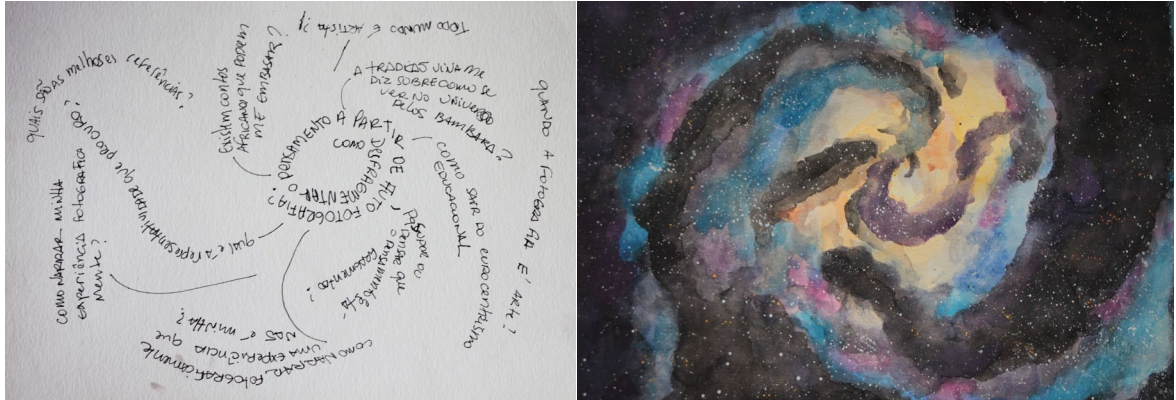
Fonte: Acervo Pessoal

Figura 14 – Alvos de Perguntas - 2019



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 15 e 16 – Alvos de Perguntas e Galaxia- 2019



Fonte: Acervo Pessoal

Roteiro de aprofundamento de compreensão em oito partes.

Figura 17 – Terceira Visão à dentro 2018

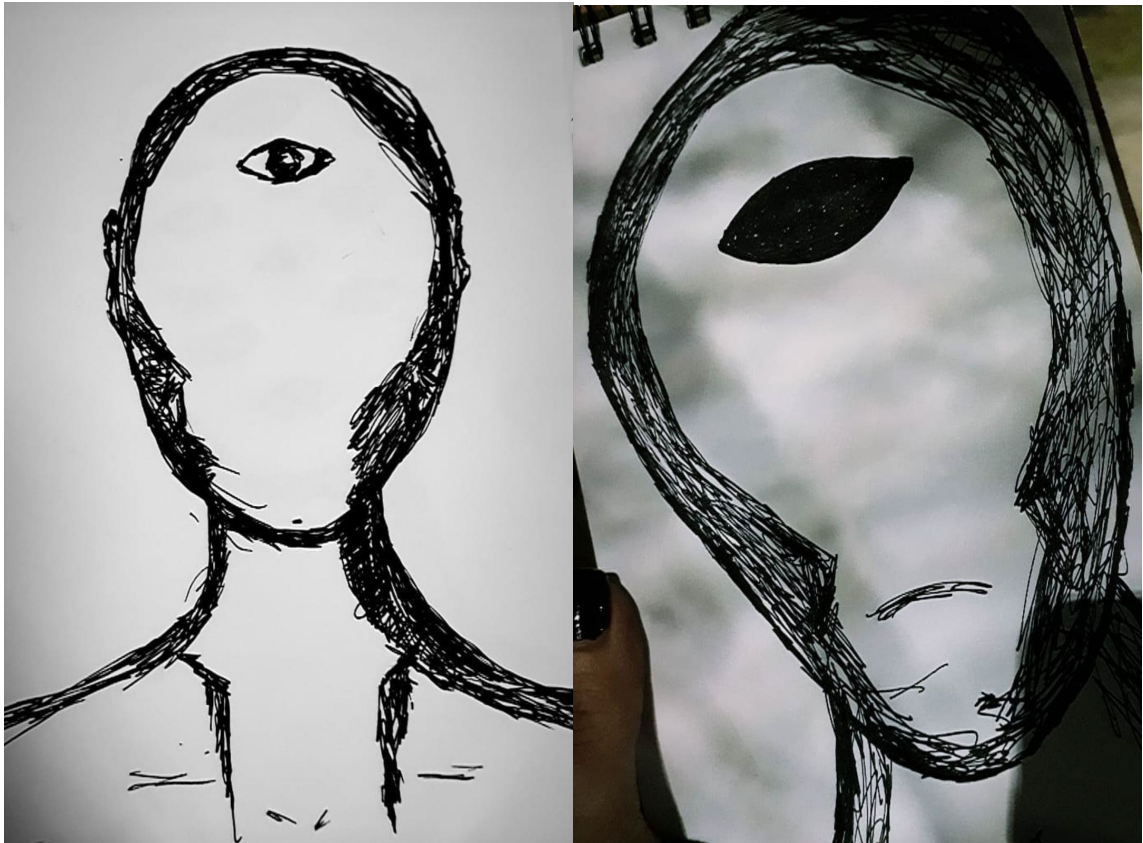


Fonte: Acervo Pessoal

Regina nos dá margem para a criação de um roteiro de aprofundamento no conhecimento dos contos tradicionais, fazendo uma divisão em oito partes, trazendo a metáfora de um trem com uma locomotiva e mais sete vagões que são guiados

pelas sequências narrativas presentes na história. Esta mesma metodologia de estudo poderá sustentar a construção de uma fotografia de ordem autoral, aliada às questões já levantadas com as criações de alvos. Podemos sequenciar o processo de criação de uma imagem de ordem interna para externa seguindo uma sucessão de ações necessárias para a criação desta imagem.

Figura 18 e 19 – Terceira Visão à dentro 2018



Fonte: Acervo Pessoal

1. Idealização, Pergunta primordial: Como olhar para dentro de si?
2. Simbologia: O que há por trás do terceiro olho?
3. Sentimento: Qual a intuição recebida pela glândula pineal?
4. Identificação do objeto fotografado: Figura Humana
5. Composição: Monocromática enquadramento 3x4
6. Recursos necessários: Captação de Imagem, Tratamento de Imagem
7. Teorização sobre o material concebido
8. Nomeação, síntese da criação, produção da obra impressa, revelada.

Terceira visão à dentro se trata de um autorretrato autoral que relata um dos processos de percepção de interna, tocando em intuições e amor-próprio, na intenção de olhar para dentro de si e conseguir ver o que realmente norteia o próprio desejo a despeito do mundo e de uma imagem esperada pelo mundo sobre si mesma.

A transposição de linguagens no estudo dos contos tradicionais para a fotografia permanece quando conseguimos executar praticamente as mesmas perguntas feitas por Regina em *Acordais*, formuladas para os contos tradicionais para outro campo de atuação da arte:

O que esta fotografia tem para mim e o que eu tenho para ela? Será que conseguimos por meio de imagens experienciar como em um conto diferentes climas de ritmo e pulsação em fotografias? Este questionamento é uma adaptação fiel à indagação presente em *Acordais*, que podemos manter nos estudos fotográficos.

Fica nítido que as abordagens e reflexões feitas no livro *Acordais*, voltadas para contadores de histórias se ampliam para todos os campos de arte.

Durante o decorrer de todo curso *Entreolhar-se* ao apresentar-se uma artista, fotógrafa ou fotografia nas aulas foi solicitado que as alunas anotassem as palavras, cores e sentimentos que reverberam em si durante a leitura de imagens. Como um acesso inicial às suas paisagens internas, e assim pudéssemos conhecer o que lhes chama mais a atenção e para onde estavam direcionados os seus olhares.

Foi apresentada a possibilidade desde o início da criação dos círculos concêntricos com suas perguntas primordiais, que se modificaram ao longo do curso e a metáfora do trem utilizada para a construção de um ensaio fotográfico autoral no segundo módulo do curso, esta está descrita no capítulo à seguir onde visualizamos como se deu tal transposição.

Capítulo 2 - Ensino EAD de fotografia (em meio a Pandemia de covid-19)

Desde o início da idealização deste curso, por conta de minha formação, leituras e experiência, todo ensino estava baseado em encontros presenciais. Imaginar este curso para uma formação de ensino com aulas remotas vem como um desafio e como um obstáculo que espero que exista apenas de forma momentânea.

Em meu estágio obrigatório PAE (programa de aperfeiçoamento de ensino), enfrentamos juntas eu e a professora Dra. Helouise Lima Costa o desafio de adaptação das aulas para o formato de aulas remotas. Além da problemática do acesso à este tipo de plataforma que requer internet de alta velocidade que funcione de maneira estável, o aluno precisa ter equipamento que aceite a instalação de softwares e prévio conhecimento de ferramentas de videoconferência, para tornar o conteúdo menos extenso foi necessário fazer várias adaptações na maneira que idealizei o plano de curso e elaborar um plano de aula que incluía aulas em vídeo que possam ser acessadas de maneira offline para que sirvam de apoio às aulas ao vivo que serão ministradas. O curso de seis meses foi dividido em módulos de dois meses sendo subclassificado da seguinte maneira:

2.1 Módulos.

Módulo 1 - Fotografia Digital - Configurações manuais básicas.

Escolhi iniciar o curso com um módulo introdutório às noções de fotografia digital com configurações manuais para dar conta da familiarização das alunas com o equipamento e com a modalidade de fotografia manual. Para isso criei um material básico de apoio com instruções essenciais e assim iniciar o contato com a fotografia digital em câmera dslr para o possibilitar às alunas uma gama maior de possibilidades de criação nos próximos módulos. Desta maneira, com o auxílio dos exercícios e videoaulas, as alunas poderiam explorar e testar o equipamento, criando juntamente dos questionamentos propostos, possibilidades fotográficas.

Módulo 2 - Ensaios Autorais - A Metáfora do Trem como possibilidade de organização de um ensaio fotográfico e exposição virtual.

Módulo 3 - Autorretrato - Imersão sobre possibilidades e experimentações dentro do universo do autorretrato.

Desta maneira os módulos se transmutam em capítulos desta dissertação pois todo material foi reestruturado para esta modalidade de ensino.

Muito referenciada pela obra de bell hooks, peço a licença para adaptação de conteúdos de uma pedagogia engajada para um ensino à distância, portanto este trabalho é uma experiência. Desta maneira acredito que para de alguma forma manter a intencionalidade de um acompanhamento pessoal das alunas foi necessário além das aulas em grupo via videoconferência, que houvessem encontros individuais para retirada de dúvidas e acompanhamento dos exercícios propostos, exercícios referenciados também na abordagem de Regina Machado, no aprendizado em análise de imagens junto à Professora Dra. Helouise Lima Costa e em experiências trocadas em sala de aula para a criação de uma estrutura de aprofundamento em temas relacionados ao curso e às proposições possíveis das alunas durante o curso.

O ensino à distância depende de que o aluno tenha tempo e disposição fora do horário definido para as aulas para que possam ter acesso às leituras ou aos vídeos selecionados para acompanhamento das aulas ao vivo posteriores. Desta maneira é necessária disponibilização do completo conteúdo em drivers ou servidores de fácil acesso às alunas.

Para manutenção do caráter de ensino que se baseia em vivências e escrevivências, termo cunhado por Conceição Evaristo, em sua pesquisa de mestrado, quando ela une as palavras, “escrever”, “viver” e “se ver” e que também faz referência as mulheres escravizadas que tinham que contar suas histórias a casa grande. Me propus a realizar entrevistas com as convidadas que fariam parte das aulas presenciais, apresentando às alunas mesmo à distância o conteúdo que diz respeito ao acesso à arte, à vivência da artista e seus projetos atuais. Este conteúdo ficará disponível junto com todo material de apoio e será realizado via videoconferências, podendo ou não ter a artista fazendo parte da aula ao vivo, conforme disponibilidade das mesmas.

Sabendo que aulas remotas tem limite de duração para que as alunas não se dispersem e tendo em vista que aulas que presencialmente poderiam durar de 3 a 4 horas, as aulas deverão ser alteradas para o formato de 90 minutos com intervalo de 15 minutos, totalizando quase 2 horas de disponibilidade em frente ao computador, notebook ou celular, sem interrupções, possíveis falhas de conexão e um curto

período de intervalo para descanso. Devemos levar em conta que 45 minutos deste período de aula serão necessários para abertura de conversa e retirada de dúvidas pelas alunas, tanto em grupo quanto individualmente, toda esta conclusão se deu após experiências obtidas na implementação das aulas remotas em meu estágio no PAE (Programa de Aperfeiçoamento de Ensino) na disciplina de Fotografia e Arte do programa de pós graduação em história da arte. Na realidade se deu que todos os encontros tinham a duração de mais de 3 horas para que houvesse tempo hábil para apresentação de conteúdo e análise das produções realizadas.

A turma que inicialmente seria proposta para 10 alunas foi reduzida para 08 alunas, para que assim possam ocorrer encontros semanais individuais com duas alunas por semana a cada mês e assim poder acompanhar as possíveis dúvidas e criações realizadas ao longo do período de curso, sendo então definido um encontro individual por aluna a cada módulo de curso, fechando então um total de 9 horas por módulo e total de carga horária de 54 horas de curso online. Adicionadas as leituras de apoio, exercícios e aulas virtuais (offline) que terão a duração média de 20 minutos adicionam-se cerca de mais 12 horas de conteúdo offline por meio de vídeo aulas que deverão ser assistidas antes da aula online como apoio prático e 48 horas de exercícios e leituras, totalizando cerca de 120 horas de carga horária de curso ao longo dos seis meses de extensão, faltando ainda adicionar as horas realizadas via roteiros de estudos.

A plataforma escolhida para as aulas nas aulas remotas de meu estágio no Programa de Aperfeiçoamento de Ensino. E após testar junto com a Professora Dra. Helouise Lima Costa os softwares: Google Meet, Zoom, Join.me e Microsoft Teams ficou definida como a Microsoft Teams como sendo a mais estável, porém obtivemos acesso a esta plataforma por conta do acesso ao e-mail da universidade. Por fazer parte da comunidade da Universidade de São Paulo existe a possibilidade criar uma equipe e trazer convidados para participação e assim utilizar esta mesma plataforma no curso, podendo garantir certa estabilidade na execução das aulas.

Com a definição desta modalidade de ensino destino minha dissertação neste momento para a criação dos roteiros para os vídeos de 30 minutos que serão disponibilizados de maneira offline, podendo ser assistidos pelas alunas fora do

horário de aula visto que serão 12 horas de conteúdo previamente preparado para as aulas.

2.2 Formação do grupo de Alunas

Foi necessário para que as alunas fizessem sua inscrição a criação de um formulário no google e um site para que conhecessem o conteúdo dos módulos de ensino.

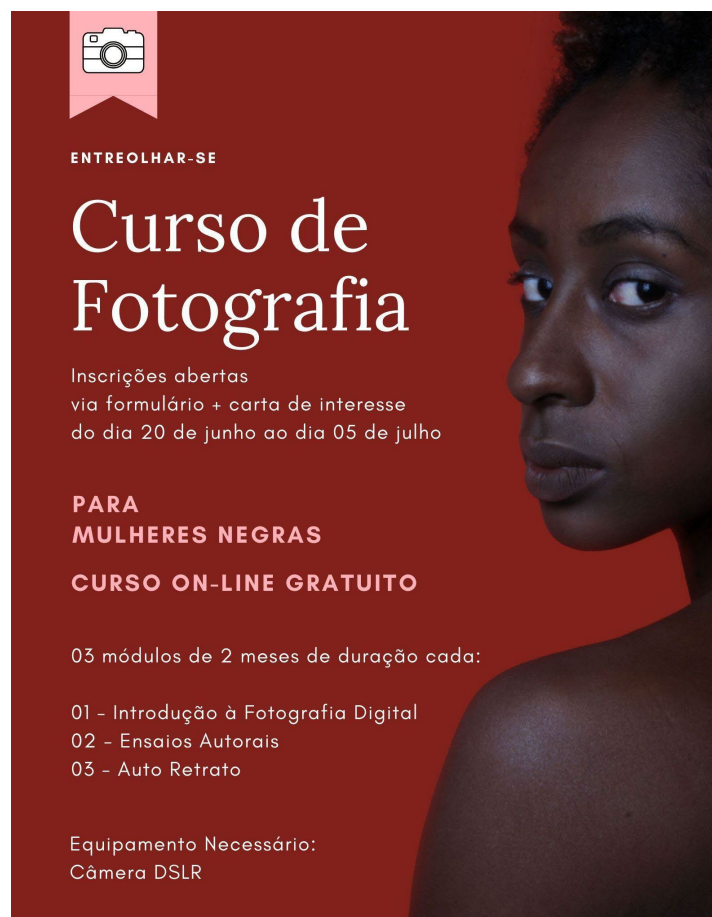
O formulário continha 17 perguntas contendo informações de contato, de ordem socioeconômicas e carta de interesse para participar do curso, pelo motivo do curso dar-se de forma on-line informações sobre a aquisição dos equipamentos necessários e a disponibilidade para participar de todos os módulos também foram incluídas, as questões presentes no formulário consistiam em:

1. Nome completo
2. E-mail de contato
3. Telefone de contato (celular, whatsapp)
4. Idade
5. Cidade
6. Renda Familiar
7. Quantas pessoas moram com você?
8. Escolaridade
9. Declaração Racial
10. Possui Filhos?
11. Pertence a comunidade LGBTQI+?
12. Possui alguma necessidade especial? Qual?
13. Possui Câmera DSLR?
14. Possui acesso à internet de alta velocidade para acompanhamento das aulas on-line?
15. Tem disponibilidade para realizar os 03 (três) módulos de curso, com duração de 02 meses cada? Todas as quartas-feiras das 19h às 21h a partir de 15/07/2020?
16. Carta de Interesse - Descreva o que te levou a querer realizar esta formação?

17. Por onde teve conhecimento do curso?

Para as alunas acessarem este formulário desenvolvi de forma autônoma um site com a ferramenta wix.com com apresentação do curso com o seguinte domínio: www.entreolharse.art. O site contém as informações sobre os temas dos módulos, calendário para início das atividades e seção para retirada de dúvidas. O site também contava com “chat” interativo para as interessadas fazerem contato com possíveis questões, o site também tem uma seção de galeria onde serão expostas fotos criadas durante a extensão dos módulos de curso. Na divulgação também foi criado um instagram para divulgação do curso e uma arte para as redes sociais:

Figura 20 – Imagem Digital de Chamamento ao Curso Entreolhar-se.



WWW.ENTREOLHARSE.ART

Fonte: Acervo Pessoal

Não houve necessidade de divulgação massiva por conta da pequena quantidade de vagas, e mesmo assim o número de adesão foi extremamente

satisfatório tendo 32 alunas inscritas via formulário, foram chamadas 19 alunas e permaneceram 08 conforme o número previsto inicialmente para a turma.

2.3 Elaboração de Vídeo Aulas

Para possibilitar a criação de roteiros dinâmicos houve a necessidade de realizar um upgrade em meu equipamento e realizar a assinatura dos pacotes ADOBE de softwares para edição e tratamento de imagens. Também se fez necessária a adaptação de um ambiente neutro para a realização dos vídeos e de aquisição de equipamentos como TRIPÉ, Microfone e WebCam de qualidade Full Frame já que não tenho a possibilidade de comparecer aos laboratórios e ter acesso a equipamentos da ECA por conta da pandemia causada pelo covid-19.

2.4 Roteirização

Para a criação de vídeos de ensino na modalidade EAD é necessário que se criem roteiros previamente montados, revisados e estruturados de acordo com as aulas propostas, para isso todo o plano de curso já deve ter sido montado para basear assim o desenvolvimento destes roteiros alinhados cronologicamente e passíveis de alterações futuras. Os vídeos para acompanhamento offline tem duração de até 30 minutos, mostrando as funções práticas do uso da câmera e terão como pauta a escolha dos conteúdos e leituras indicadas do curso na intenção de tornar os encontros on-line mais dinâmicos. Todas as pré-aulas são preparadas na semana anterior à aula, contendo resolução de dúvidas levantadas, proposições de exercícios associados ao conteúdo da próxima aula para focar o encontro em troca de sensações ao realizar os exercícios e retirada de dúvidas

2.5 Edição

O papel da edição destes vídeos foi crucial pois trouxe uma dinâmica que mostra em detalhes a utilização da câmera, e com o auxílio da opção de captura de tela, a possibilidade mostrar com grande qualidade de imagem as possibilidades de edição, tratamento, enquadramento e trabalhos realizados como exemplos dos usos dos modos de câmera e exploração criativa do triângulo da exposição.

2.6 Disponibilização de Material de Apoio

As alunas inscritas receberam e-mail com um link referente ao DRIVE do curso onde estará contido, separado por aula os vídeos de "pré-aulas", material de apoio e

pasta individual do aluno, onde foi feito o upload das fotografias e exercícios realizados ao longo do curso. Este formato mostrou-se eficiente visto que todas as alunas conseguiram acessar o drive, realizar os exercícios propostos e acompanhar os roteiros de estudos. Semanalmente é enviado um e-mail informando sobre a inclusão dos novos conteúdos de pré aula e roteiro de estudos, bem como as leituras indicadas, o que mantém as alunas atentas a execução das tarefas sugeridas para a aula.

2.7 Sobre o Grupo

Foram realizadas 32 inscrições com mulheres de 18 a 63 anos de idade. Foram inscritas mulheres dos seguintes estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Maranhão, Paraíba uma aluna de São Paulo localizada na Zâmbia a trabalho. Com rendas entre 1 e cinco salários mínimos e residindo com até 5 pessoas no mesmo local. De escolaridade desde o ensino fundamental à pós-graduação. Autodeclararam-se 27 negras e 5 pardas, destas 18 mulheres possuem filhos e 14 não possuem filhos. 22% pertenciam a comunidade LGBTQI+ e 78 não. Destas mulheres 20 possuem câmera para acompanhar as atividades e 12 não possuem. Todas declararam ter acesso a internet para acompanhar o conteúdo de forma on-line e 31 declararam poder acompanhar toda extensão do curso durante os 6 meses de duração. Em suas cartas de interesse foram revelados vários motivos as impulsionaram a realizar a inscrição.

Todas as alunas 20 que possuíam câmera fotográfica dslr foi enviado o e-mail de aprovação de suas matrículas, mas apenas 7 compareceram as 3 aulas iniciais abrindo uma vaga posterior para uma aluna que enviou e-mail interessada nas inscrições quando o prazo tinha terminado. Completando um grupo de oito alunas conforme o previsto na criação do curso.

Neste grupo todas as alunas são autodeclaradas negras.

Adriana Carvalho 38 anos, sem filhos. “Sou aspirante a fotógrafa, procuro aperfeiçoar meus conhecimentos para melhorar meu trabalho”

Bruna Dias 31 anos, sem filhos. “Já trabalho com fotografia, principalmente fotografando mulheres, ajudando a fortalecer suas autoestimas, autoconfiança, enfim... Mas sempre me vinha o questionamento, e quem cuida da minha autoestima? Eu estava lá, fortalecendo outras mulheres, para depois ter uma crise de

anorexia/bulimia, de depressão, de autolesão, reproduzindo todas as violências que eu já recebia da sociedade... Eu entendi que eu precisava me ver, perceber e acolher mais, indo contra a estrutura social que me diz para não fazer isso. Acho que por isso quis fazer essa oficina.”

Giovanna Souza 19 anos, sem filhos. “Sou filha, irmã, neta, sobrinha, prima e amiga, me descobri também mulher negra periférica e artista docente polivalente. Acredito que essas práticas são indissociáveis e todas elas atravessam, se movimentam e se encontram no meu corpo então o primeiro estímulo para participar dessa formação foi encontrar/entender/visualizar através dos autorretratos feitos por mim mesma, meus próprios desdobramentos e validar e visibilizar minhas escrevivências. Partindo do referencial artístico, um conceito que esteve/está muito presente na minha formação (licenciatura em Artes com habilitação em dança) é o da ruptura entre as paredes das linguagens artísticas, desse modo busco estudar mais essa linguagem (que sempre tive muito interesse, porém nunca tive oportunidade financeira de acessar profissionalmente) a fim de pesquisar a interação movimento-fotografia e quais mais relações forem possíveis a partir desse estudo.”

Josefa Brazil 53 anos, sem filhos. “Tenho uma família muito grande e adoro fotografá-los, gostaria de desenvolver habilidades.”

Joyce Alves 32 anos, um filho. “Durante minha graduação em jornalismo as matérias que mais chamaram a minha atenção foram fotojornalismo e foto documentário. Uma professora me deu então uma bolsa para que eu tivesse o primeiro contato com a fotografia profissional no curso dela. Fiz um foto livro sobre mulheres faveladas, com a perspectiva de quem vive como projeto de TCC. Conclui a faculdade grávida, então fiquei dois anos praticamente sem nenhum contato com a fotografia. Até que no final de 2019 recebi um convite de uma amiga transgênero para fotografar algumas mulheres do nosso convívio para ela fazer um portfólio junto com uma maquiadora amiga dela. No início hesitei, pois não me sentia preparada, nem com conhecimento o suficiente para fazer as fotos, mas topei o desafio e fiz. As fotos se tornaram uma exposição que está no MUHCAB, mas com a pandemia está fechada. Eu quero fazer o curso para entender melhor o uso do equipamento e fazer as fotos não só por instinto e sentimento, mas também com técnica e mais conhecimento. Torço para que eu consiga uma vaga no curso. Atenciosamente.”

Marylia Alves 30 anos, sem filhos. “Gosto muito de fotografia, não tenho nenhuma experiência e gostaria de aprender.”

Paula França 39 anos, sem filhos. “Meu interesse em fazer o curso se deu primeiro devido ao meu trabalho com alfabetização de adultos, por meio do qual tenho oportunidade de conhecer diferentes cidades e até países. Nesses caminhos me deparei com muitas histórias que se parecem com a da minha família, pois a maioria das pessoas que não puderam estudar quando criança, são negras. Então percebi a necessidade de registrar essas experiências. Quando me deparei com minha ancestralidade entendo que a comunicação vai muito além da escrita, a fotografia e até mesmo um vídeo tem essa capacidade. Assim, ter a oportunidade de fazer o curso me daria essa habilidade para olhar o/a outra/a e a mim mesmo, num processo de registro da história do povo negro a partir da nossa própria perspectiva.”

Sunshine Santos 31 anos, três filhos. “Eu tenho me dedicado a estudar sobre mulheres negras e fotografia.”

Ficou nítido que o acesso aos estudos para mulheres negras mães ainda é uma dificuldade, visto que apenas duas conseguiram acompanhar as aulas e mesmo assim relataram suas dificuldades em dar conta dos exercícios propostos devido à falta de tempo que as demandas de maternidade e estudos causam. Algumas mulheres já tinham experiência com fotografia, tal como Adriana, Bruna, Sunshine e Joyce, que já realizaram trabalhos e exposições e atuam com fotografia há mais tempo. Outras alunas como Giovanna, Josefa, Paula e Marylia tinham pouca intimidade com o equipamento, sendo a primeira vez que realizavam um curso de fotografia. As alunas Giovanna e Paula compraram equipamento exclusivamente para utilizar no curso, trocando vários e-mails com dicas de tipos de equipamentos, custo, funcionalidades e benefícios.

Mesmo com as diferenças de níveis de conhecimento, todas estiveram de acordo em realizar toda o curso de introdução a fotografia do início, respeitando e incentivando os progressos de todas as alunas, e viram proveito em realizar testes e os exercícios propostos em aula como meio de experimentação que antes não tiveram a oportunidade de realizar, tal como fotografias em longa exposição, o teste dos modos de câmera e tipos de balanço de branco, e algumas modalidades de fotografia

que as próprias alunas se ajudaram no processo de realização como a utilização de dupla exposição em câmeras digitais.

2.8. Relato do Desenvolvimento do curso.

Módulo 1 - Fotografia Digital.

A primeira vídeoaula tratou de uma introdução ao curso. No encontro presencial houve a apresentação do grupo, suas relações com a fotografia e introdução ao surgimento da fotografia e apresentação de três fotógrafos Africanos dos quais tive contato por conta do estágio em Fotografia e Arte ao presenciar a aula da Doutoranda Mônica Cardim, sobre a fotografia fora do ocidente. Todas as alunas estavam ansiosas com o início das aulas e gostaram muito do curso se manter de maneira afrocentrada em conteúdos de fotógrafos do continente mãe, visto que em todas as oportunidades que as alunas tiveram de estudar fotografia os referenciais eram todos homens brancos.

Apesar da fotografia africana no início do século XX ainda estar permeada por referenciais masculinos, pode-se visualizar como estes influenciaram fotógrafos ao longo dos anos e trazer um referencial afetivo junto às fotografias apresentadas, pois eram corpos negros fora do estigma da exotificação ou tipificador como na fotografia do século 19. As fotografias apresentadas geralmente traziam homens e mulheres em situações de poder, ou em família com um olhar de um fotógrafo negro feito para o negro. Foram apresentados os fotógrafos: Seidu Keita do Mali, Malick Sedibé do Mali e Peter Magubane da África do Sul. As alunas relataram que algumas fotografias pareciam suas fotos de família e com isso a proximidade com o curso se tornou algo a ser pontuado por cada uma delas ao se abrir a fala. Houve a proposição do exercício de uma fotografia por dia até o final do curso para familiarização ao hábito de fotografar. Foi-lhes apresentado o conceito de Regina Machado de Paisagem Internas.

Na segunda aula iniciou a abordagem técnica, que foi crucial pois na primeira semana recebi e-mails com duas alunas que queriam adquirir seus equipamentos exclusivamente para o curso, com dúvidas sobre os tipos de câmeras, lentes e valores. Foi elaborada uma pré aula com uma introdução às lentes e câmeras dslr. Todo assunto abordado por vídeo em pré aulas é retomado brevemente em power

points para retirada de possíveis dúvidas que poderiam ter surgido na execução do exercício proposto. Nesta aula houve a apresentação do trabalho da fotógrafa Marcela Bonfim de Rondônia. Como exercício proposto foi solicitada uma fotografia baseada na obra de Marcela que sucedeu em um exercício repleto de afeto nas imagens criadas, uma primeira referência ao acesso de suas paisagens internas.

Figura 21 – Giovanna Souza - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se

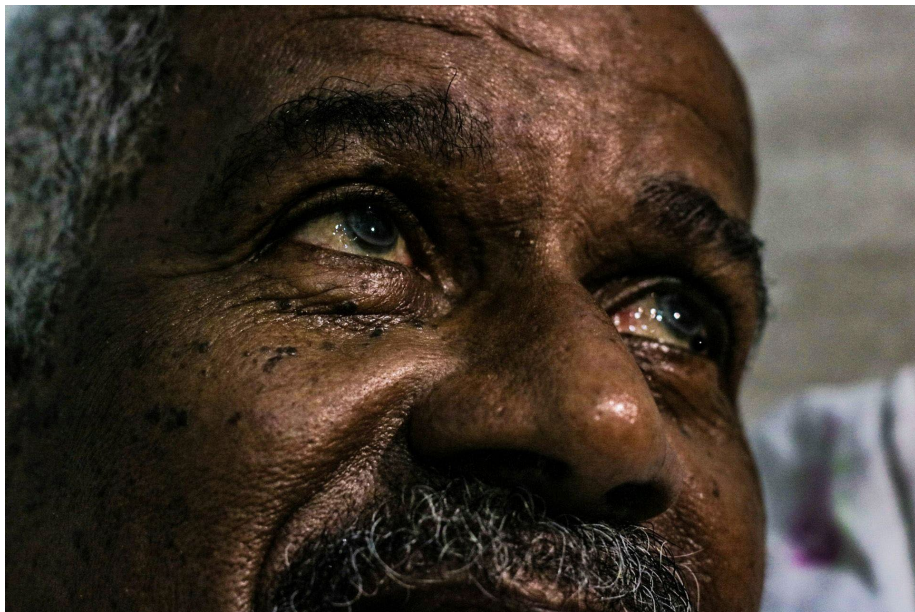
Figura 22 – Josefa Brazil - 2020



02/2 – Foto autoral inspirada.

Fonte: Acervo Entrelhar-se

Figura 23 – Joyce Alves - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se

Figura 24 – Marylia Alves - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se

Figura 25 – Paula França - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se

Figura 26 – Sunshine Santos - 2020



Fonte: Acervo Entreolhar-se

Solicitei que cada aluna guardasse consigo um caderno com as reverberações do curso, para que fossem retomadas ao longo do curso. A partir deste momento em todas as aulas a produção semanal fotográfica e os exercícios de cada aluna foram visualizados em grupo, com conversas sobre o processo de criação das imagens e possíveis interpretações ou dificuldades. Foram levantados fotógrafos e fotografias que admiravam com falas sobre o motivo de suas referências serem relevantes às suas fotografias, todos os nomes ficaram dispostos para acesso no conteúdo do roteiro de estudo da aula três, foi solicitado que cada aula levantasse uma fotografia de infância ou antiga para a próxima aula.

A aula três abordou os modos de câmera, automáticos e semiautomáticos, que para um primeiro contato com o equipamento são essenciais para o entendimento dos ajustes do triângulo da exposição. Nesta aula foram propostos exercícios nos roteiros de estudos que estudassem os modos automáticos e semiautomáticos e também os equilíbrios de brancos, salientando que não existiria possibilidade de erro nestes exercícios, pois se tratavam de testes e faziam parte do processo de aprendizagem, onde muitas vezes na fotografia criamos uma nova relação com uma imagem produzida acidentalmente, desconstruindo o conceito de certo ou errado e descobrindo possibilidades fora desta dicotomia, abrindo janelas e portais para as

novas experimentações visuais que se aconteceriam naquele momento. Nesta aula a aluna Adriana começou a frequentar os encontros. Foi proposto o levantamento de dez perguntas primordiais sobre sua fotografia e o curso.

Apresentei a fotógrafa Juh Almeida da Bahia e do fotógrafo Januário Garcia de Belo Horizonte. Neste momento foi solicitado que ao ver as fotografias apresentadas e as fotografias das outras alunas comesçassem a ser anotadas palavras que surgiram em suas paisagens internas ao observar as imagens, tudo para ser anotado e guardado em seu caderno de anotações sobre o curso. Foi abordado o texto “A tradição viva” de Hapatem Ba, e foi levantada a questão sobre a consciência da potência das palavras levantadas ao decorrer do curso ao visualizar uma imagem, trouxeram à tona a ideia de respeito à ancestralidade e as epistemologias para além da academia, relataram histórias de família e de conhecimentos passados de forma oral e também o quanto a fotografia pode ter o papel de contar uma história. Foram visualizadas as fotografias de infância ou antigas e foi proposto o exercício de escrever uma carta para seu eu anterior, em mais um resgate às suas paisagens internas.

A aula quatro introduziu o conceito de composição e a regra dos terços, como exemplos na pré aula foram utilizadas fotos de acervo pessoal e para a aula on line na retomada do conteúdo técnico foi usado como referência a fotografia cinematográfica do filme “Black is King” de Beyoncé. As fotografias e biografias apresentadas foram de Hilina Abebe da Etiópia, Zina Zaro Wiwa da Nigéria e Reiko Otake de São Paulo.

A leitura apresentada foi o Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus, que teve sua biografia apresentada às alunas. A obra de Carolina Maria de Jesus tocou todas de forma muito forte e juntamente do exercício da “Carta para o Eu anterior” trouxe o acesso a memórias muito íntimas e pessoais que algumas alunas nunca dividiram anteriormente com ninguém, histórias fortes de dor e de fortalecimento, palavras que foram ditas para si mas serviram umas para a outras, o laço entre o grupo se firmou com muito afeto neste dia, todas compartilharam com muito carinho e acolhimento, naquele momento a ideia de quilombo onde uma mulher está ao lado da outra para seu fortalecimento se fez viva entre todas as participantes, o entendimento das paisagens internas de cada uma ficaram ainda mais vivos, a cada sentimento relatado uma palavra de partilha de vivência ou de apoio surgia do outro

lado, tornamo-nos um grupo. Foram levantadas questões que atingem as mulheres negras tal como a “síndrome da impostora”, os estereótipos e cobranças que se repetem. Foram feitas falas sobre a importância da leitura de intelectuais negras para o entendimento de questões que nos atravessam e ficam apenas no campo da ideia. No roteiro de estudo foi levantada a proposição do exercício transposto das aulas de Regina Machado, para confecção de um alvo concêntrico com as perguntas primordiais levantadas na aula anterior, houve muitos questionamentos pois nem todas conseguiram ordenar as perguntas de forma concêntrica, mesmo assim foram relatadas as perguntas que algumas vezes se repetiam entre as alunas.

A aula cinco abordou a velocidade de exposição nos modos manuais de câmera, tal como nas aulas anteriores deu continuidade ao exercício de uma foto por dia, mas solicitou que fosse escolhida apenas uma fotografia para visualização em grupo que tirou as dúvidas do exercício proposto no roteiro de estudo sobre velocidade de exposição e teve como leitura indicada o texto “Olhos d’Água” de Conceição Evaristo. Foram apresentadas fotografias de meu acervo em longa exposição para exploração de uma fotografia para além da exposição padrão. Foram apresentadas as fotografias e biografias de Sarah Waiswa de Uganda, Carrie Mae Weens dos EUA, e Helen Salomão da Bahia. Mais uma vez foi solicitado que ao visualizar as imagens fossem colhidos palavras, sentimentos e percepções e todas foram lidas ao final da aula. Nesta aula Bruna entrou para o grupo de alunas e a aluna Adriana apresentou suas primeiras fotografias realizadas para o curso trabalhando o exercício de longa exposição. A aluna afirmou que nunca havia trabalhado esta modalidade de fotografia e ficou muito satisfeita com o resultado.

Figura 27 – Adriana Carvalho - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se

Figura 28 – Paula França - 2020

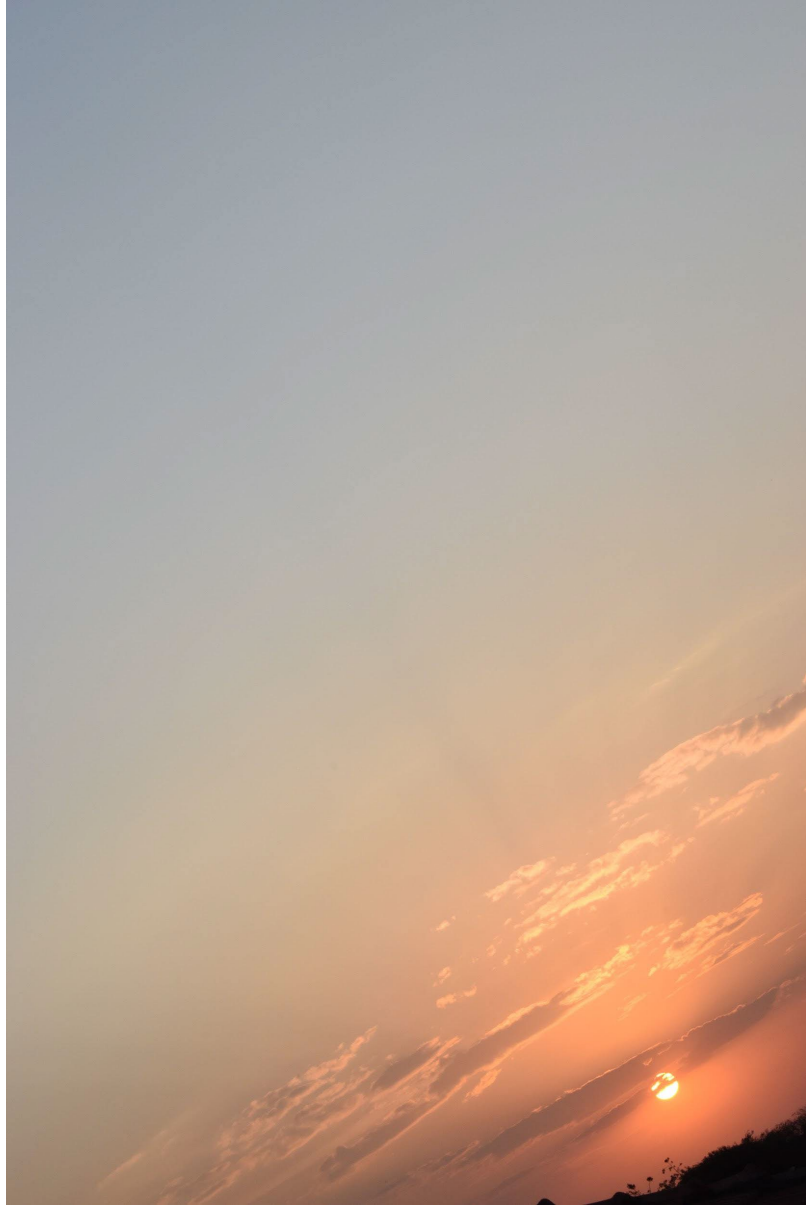


Fonte: Acervo Entrelhar-se

A aula seis abordou a Abertura do diafragma e profundidade de campo, e trouxe como texto a leitura de Lélia Gonzales “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira.” E teve as biografias e fotografias apresentadas de: Zohra Opoku de Gana, Arielle Bobb Willis dos EUA, Elana Paulino do Rio de Janeiro, Joyce Marques do Rio de Janeiro e Thaís Alvarenga também do Rio de Janeiro. Foram visualizadas as fotografias

escolhidas do exercício de uma foto por dia, e o alvo concêntrico retornou com algumas alunas tendo conseguido incluir novas perguntas e iniciar um desenho de alvo. Foi conversado sobre a dificuldade de criar algo que não precisasse seguir nenhuma regra para execução, e a liberdade de criação ser uma dificuldade pela exigência de fazer tudo de forma perfeita para qualquer tipo de apresentação, onde tudo é sempre avaliado com peso de certo ou errado, assim causando grande insegurança em sua execução. Na conversa sobre os termos foram levantados os estereótipos remetidos às mulheres negras e as dificuldades de aceitação de uma escrita baseada na escrevivência dentro do meio acadêmico. O levantamento de bibliografias possíveis foi solicitado para as pesquisas e leituras posteriores e foi reunido em um Drive livros, pdf de artigos e links de drives com acesso a diversos autores e autoras que abordam negritude, raça e gênero em sua temática.

Figura 29 – Josefa Brazil - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se

Figura 30 – Sunshine Santos - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se

Figura 31 – Bruna Dias - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se

Fotografia Escolhida - Bruna Dias

A aula sete abordou ISO e trouxe como leitura o texto “Vivendo de Amor” de bell hooks e a apresentação breve de sua biografia. Apresentou as fotografias e biografias de Alile Dara Onawale da Bahia, Dana Scruggs dos EUA e Rahina Gambo da Nigéria. Na conversa levantada sobre o texto apresentado foram levantadas as passagens sobre a repressão das emoções impostas a população negra e como isto foi experienciado em vivências pessoais por todas as alunas. A obrigatoriedade de ser forte e “guerreira”, estereótipos totalmente diferentes dos impostos às mulheres brancas que são vistas como frágeis e sensíveis. Foi levantada a dificuldade de pedir ajuda que temos por interiorizar a necessidade de ser sempre forte. Todas relataram experiências familiares que espelham a violência de não saber receber ou dar amor e suas consequências. O levantamento destas questões e sua troca levam a compreensão de suas próprias experiências e o acolhimento em coletivo, dando forças para levantar estes questionamentos em produções artísticas.

A palavra foi aberta para um balanço de como foi este módulo até então, as alunas relataram o quanto foi incentivador o exercício de fotos diárias e os exercícios de testes dos modos de câmera, alunas que já tinham o equipamento e estavam com ele parado começaram a utilizar com maior frequência a câmera e voltar a acreditar em possibilidades fotográficas, até em reclusão. Relataram que o fato da bibliografia e das referências artísticas serem mulheres negras causa a sensação de pertencimento nas alunas. Pontuaram o fato de o grupo ser totalmente formado por mulheres negras é incentivador pois faz com que todas as alunas se sintam mais à vontade para contar suas histórias e tem a sensação de aquilombamento. Houve relato de aluna que já tinha experiência como fotógrafa, mas estava a mais de um ano sem fotografar e o curso fez com que retomasse sua produção fotográfica, incentivando os estudos e a possibilidade do ensino de fotografia a outras mulheres tendo sentido que curso tem aberto caminhos, sendo como um processo de cura. A metodologia foi elogiada por conseguir abranger todas as alunas com mais ou menos experiências tendo muito respeito de todas as partes por quem ainda está aprendendo por quem já está mais avançado no conhecimento de fotografia. O roteiro de estudos propôs a escrita de uma carta para seu eu dos dias atuais trazendo uma frase ou trecho que as alunas quisessem compartilhar entre o grupo, e a finalização do alvo concêntrico podendo projetar as intenções para o próximo módulo.

As perguntas levantadas nos alvos foram:

Joyce:

Pergunta central: Por que tanta insegurança?

Por que você quer viver fotografando?

Como viver de fotografia?

Como tocar o coração dos outros com as suas fotografias?

Por que você tem medo de cobrar pelo seu trabalho?

Como trazer minhas paisagens internas para minha fotografia?

Como trazer a minha poesia para minha fotografia?

Qual é o meu diferencial?

Por que tenho tanta dificuldade para acreditar em minha Arte?

Quais caminhos devo seguir para me ver fotógrafa?

Por que tenho vergonha quando elogiam as minhas fotos?

Como posso mudar isso?

Como posso descolonizar a minha fotografia?

Como reconhecer a importância do meu trabalho?

Como reconhecer a importância do meu amor interior?

Como fazer uma melhor composição para minhas fotos?

Josefa:

Pergunta central: O que eu quero comunicar e qual é o meu estilo?

Qual critério para escolher fotos?

O que fazer com as fotos que não são selecionadas?

Como manter o ritmo e incentivo para fotografar?

Como desenvolver o olhar para outros tipos de fotografia?

Qual ordem deve ser feita a organização das fotos?

Como identificar a história de uma fotografia?

Como usar tripé?

Devo ter um estilo?

Giovanna:

Pergunta central: Como marginalizar as minhas fotografias?

Que imagem move?

Quais imagens me inscrevem?

Como o tempo comanda minhas fotografias?

Como propor pedagogicamente em fotografia para quem não tem equipamento?

Bruna:

Pergunta central: O que eu quero dizer com o meu trabalho?

Como sempre escrever poesia na minha fotografia?

Como **decolonizar** meu olhar?

Como incentivar o trabalho de outras mulheres pretas?

Como saber que meu espaço está sendo desrespeitado em coletivos com pessoas brancas?

Como deixar de ser superficial e focar apenas na estética?

Como desenvolver projetos para incentivar outras mulheres pretas?

Como não permitir que artistas homens não silenciem minha fala em espaços das artes?

Como organizar meus trabalhos?

Como perder o medo de envergonhar minha mãe e me sentir livre para criar?

Adriana

Pergunta central: Eu consigo construir poesia com as minhas imagens?

Eu estou me entregando de fato para este trabalho?

Como incentivar mulheres a aceitarem sua imagem através da fotografia?

O que eu estou transmitindo com a minha criação?

Onde minha imagem deve chegar?

Por que eu estou fotografando?

Sunshine

Como produzir imagens **decoloniais**?

Como fazer ecoar o meu eu coletivo?

Como não ser invasiva?

Como construir um referencial foto afetivo?

Como descolonizar o olhar?

Como buscar autodefinição?

Como construir uma foto vivência?

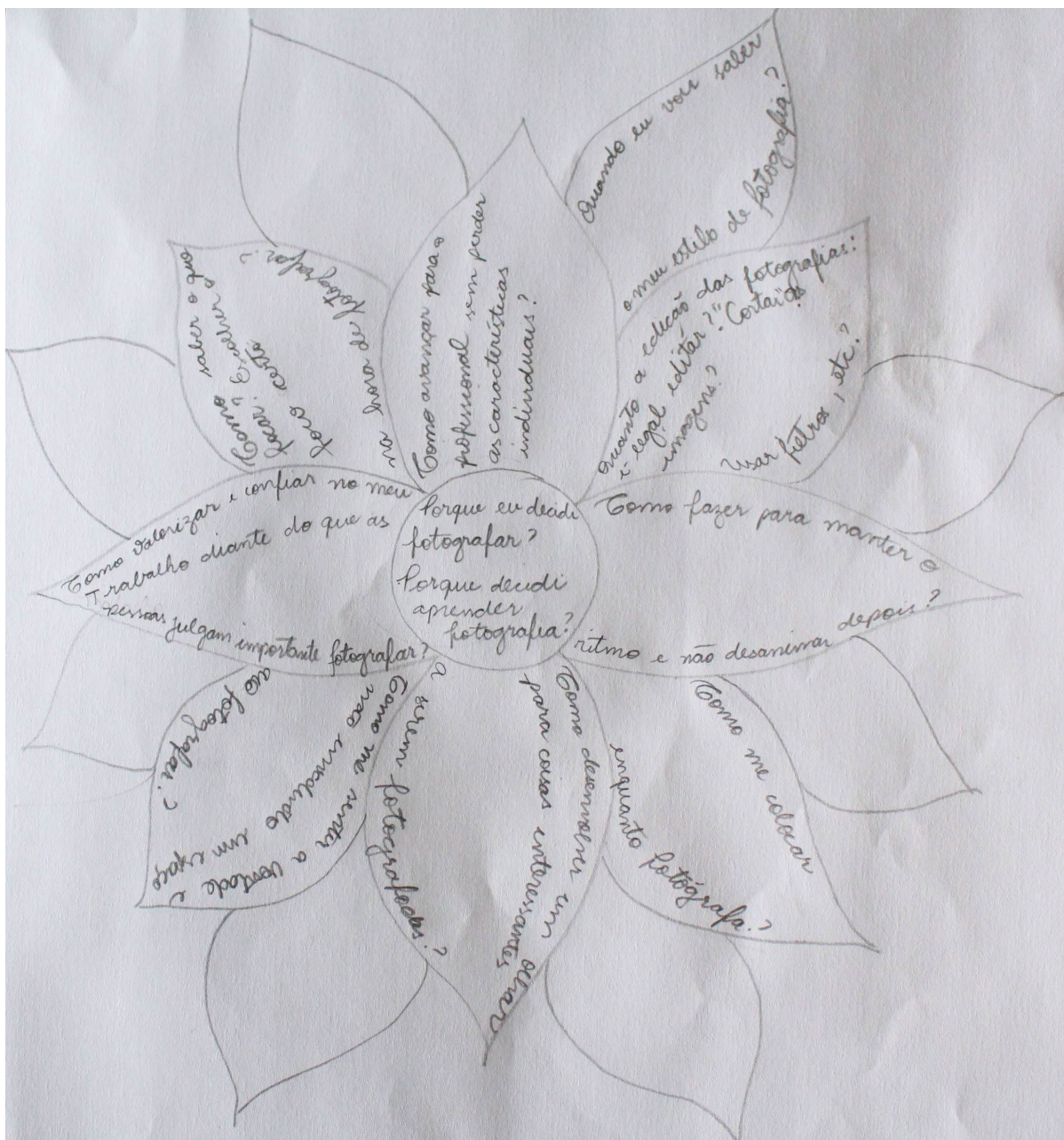
Como superar a síndrome da impostora?

Como acessar minhas paisagens internas?

Como não fazer um recorte tendencioso?

Como incentivar a produção de mulheres negras?

Como transitar por outras possibilidades?



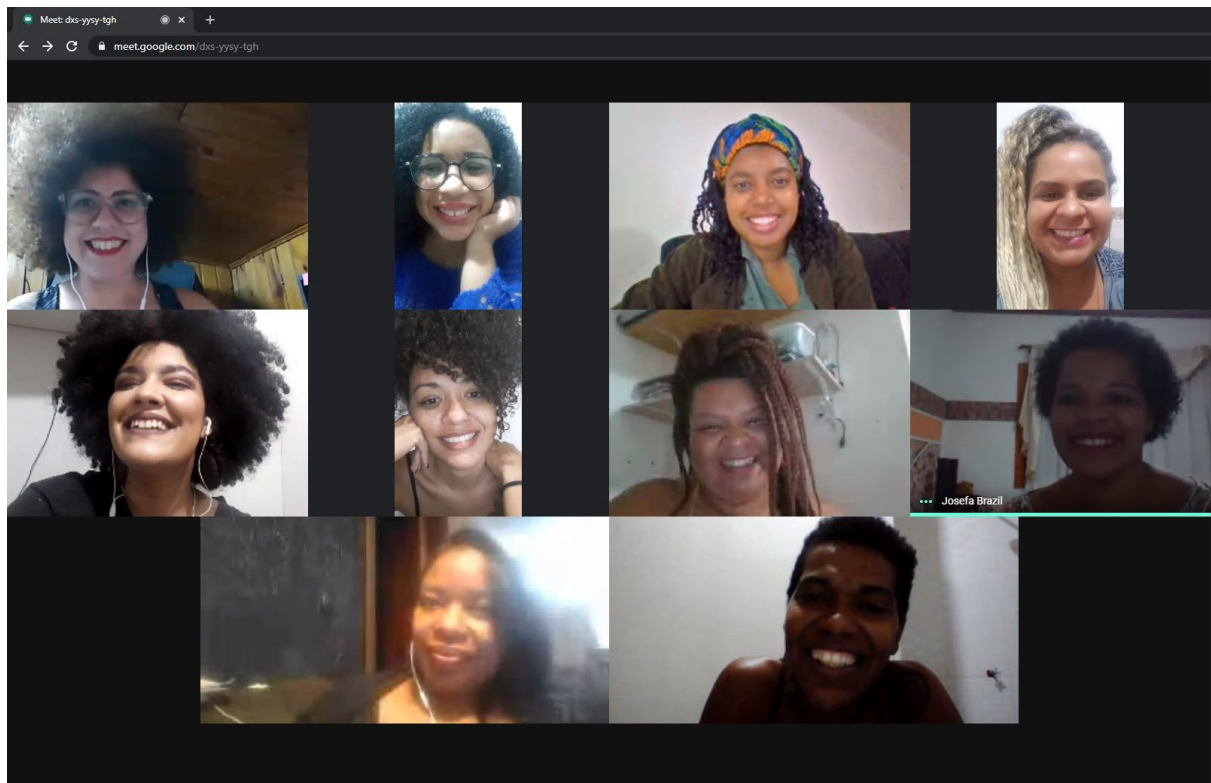
Fonte: Acervo Entrelhar-se

Sobre a “carta para o eu atual”, todas alunas dividiram seus trechos, que serão referenciais para os próximos módulos, foi exercitada a escuta de todas as alunas. Houve a proposição da utilização dos trechos para uma produção audiovisual.

A aula oito foi o encontro com a fotógrafa apresentada na segunda aula Marcela Bonfim autora do projeto Reconhecendo a amazônia negra, com uma longa conversa sobre sua relação com a imagem, sua produção fotográfica, com visualização de suas obras expostas em sua casa, seus projetos atuais e abertura de perguntas feitas por

todas as alunas. A sensação de troca deu-se da mesma maneira que ocorreu ao longo do curso, de maneira engrandecedora com escuta de vivências, abrindo o pensamento para as novas criações que se darão ao longo dos próximos módulos.

Figura 33 – Captura de Tela Encontro com Marcela Bonfim - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se

Encontro com Marcela Bonfim

Módulo 2 - Ensaios Autorais

Na aula um, durante a pré aula foi apresentado como poderiam iniciar o entendimento do que seria um ensaio autoral, quais disparadores poderiam ser acessados e os motivos do resgate das paisagens internas como possibilidades para a criação de um ensaio autoral. Utilizando a referência de um ensaio autoral realizado por Bruna Dias, foi solicitada a escolha de uma cor dentre as cores anotadas como as que chamaram a atenção durante o primeiro módulo. Como exercício proposto a execução de um primeiro ensaio autoral junto de um pequeno texto ou poesia, e a proposição

transposta do estágio de Fundamentos da Aprendizagem Artística da criação de um texto autobiográfico sobre o seu contato com a arte, juntamente com a apresentação de um objeto biográfico. Também foi solicitada a retomada dos alvos de perguntas para utilização na próxima aula.

Foi apresentada a obra de Grada Kilomba: Memórias da Plantação e o catálogo da Exposição Desobediências Poéticas. Foram apresentadas as obras das artistas visuais: Fabiola Jean-Louis, Alananna Airitam e Daisy Serena.

Texto de Giovanna Sousa:

Perguntas sem respostas de uma Alma Vendida.

Quem eu sou quando não estou trabalhando?

Há como descolonizar o “eu” à ponto de não viver em função do capital?

Será esse um momento de lucidez em meio a uma constante monetização espiritual?

Quando o capital não rege meus mecanismos de sobrevivência, o “eu” ainda pode mover?

A série “Perguntas sem respostas de uma Alma Vendida” é um diálogo sobre como e/ou quanto a pressão capitalista está impregnada nas subjetividades de quem somos.

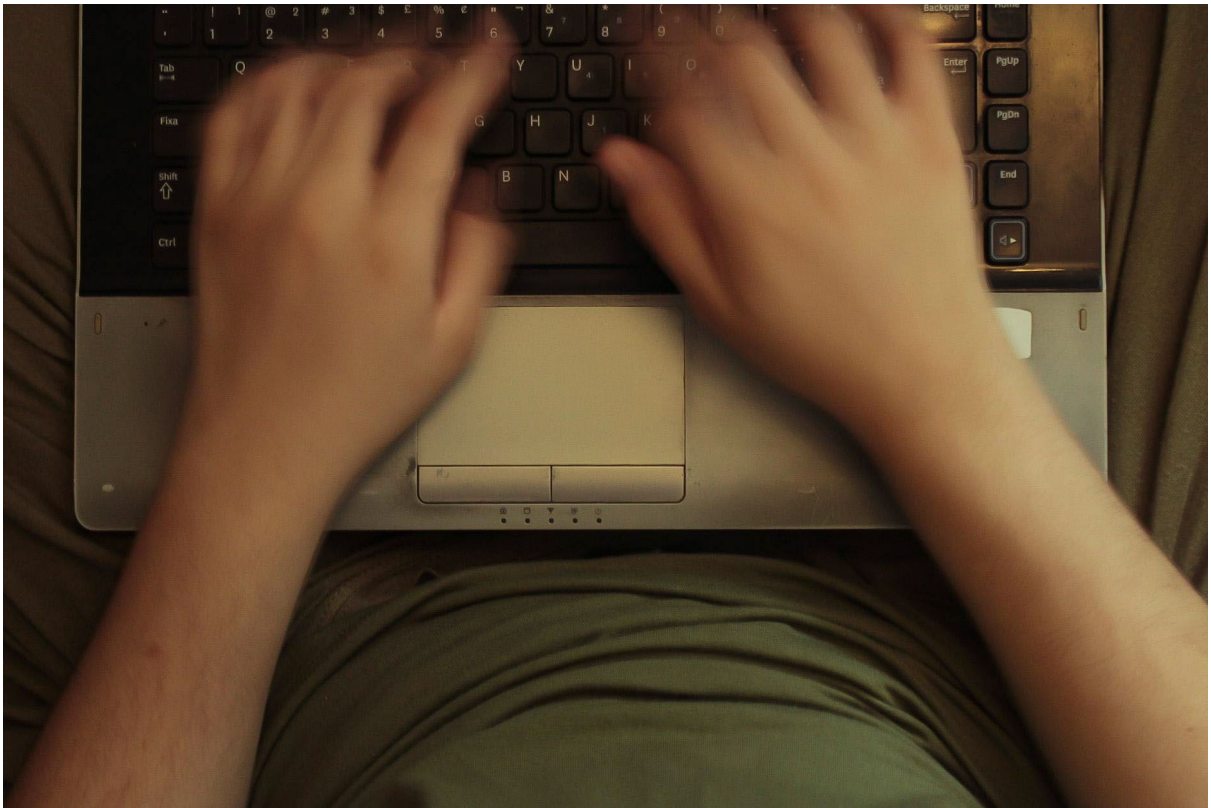
Primeiro Ensaio Autoral:

Figuras 34, 35, 36,37,38,39 e 40 – Giovanna Sousa - 2020





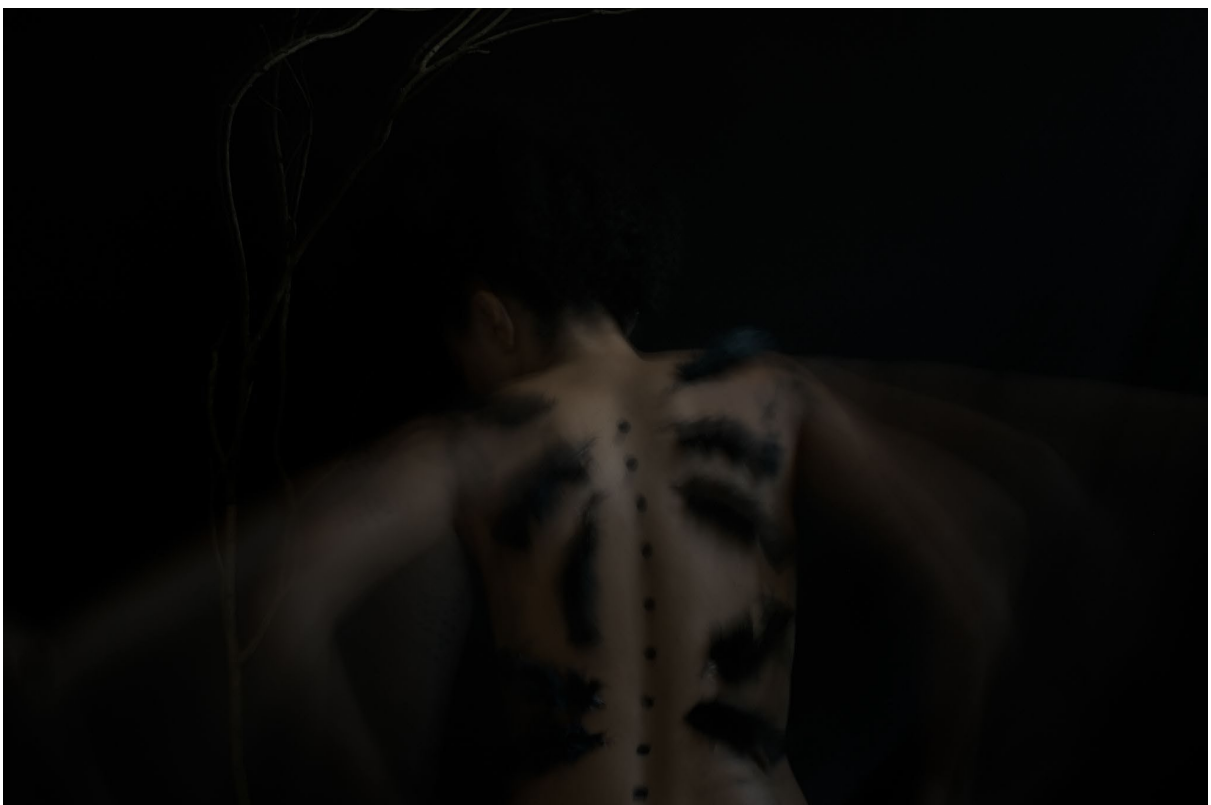
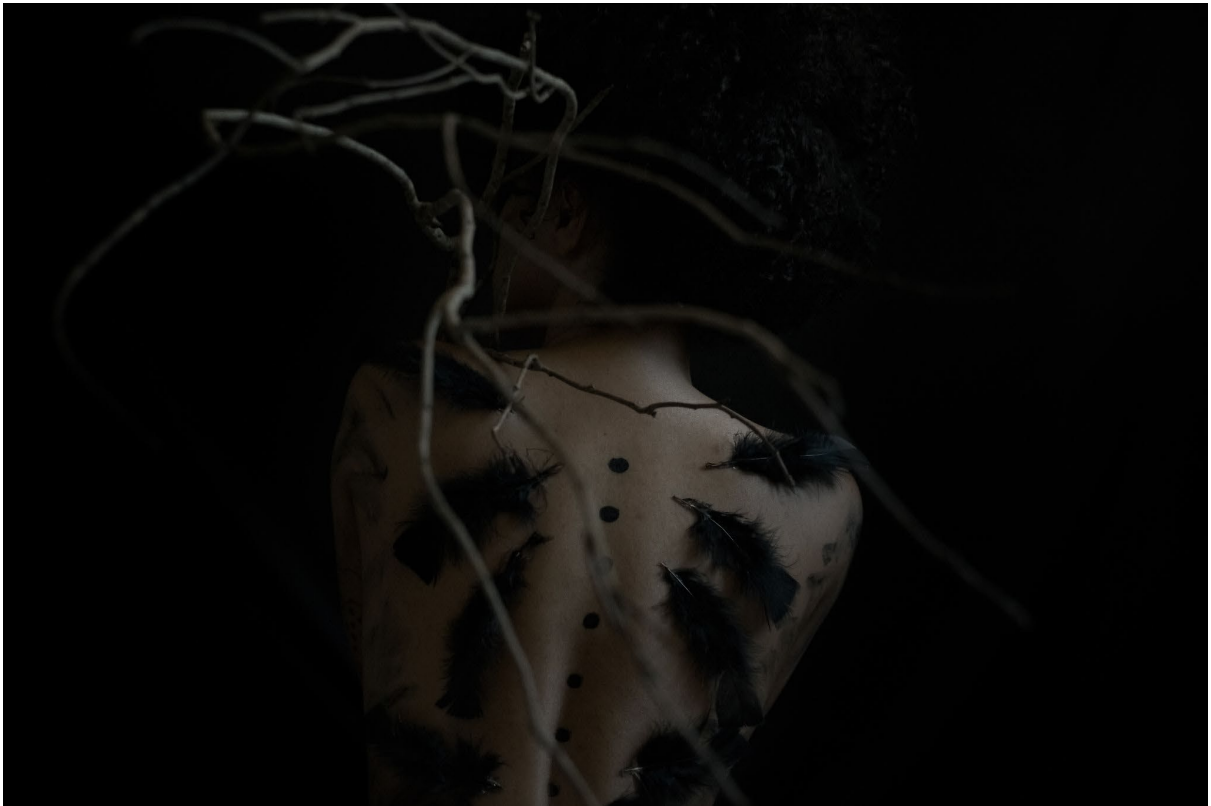




Fonte: Acervo Entrelhar-se

Ensaio de Bruna Dias

Figuras 41, 42, 43, 44, 45 e 46 – Bruna Dias - 2020



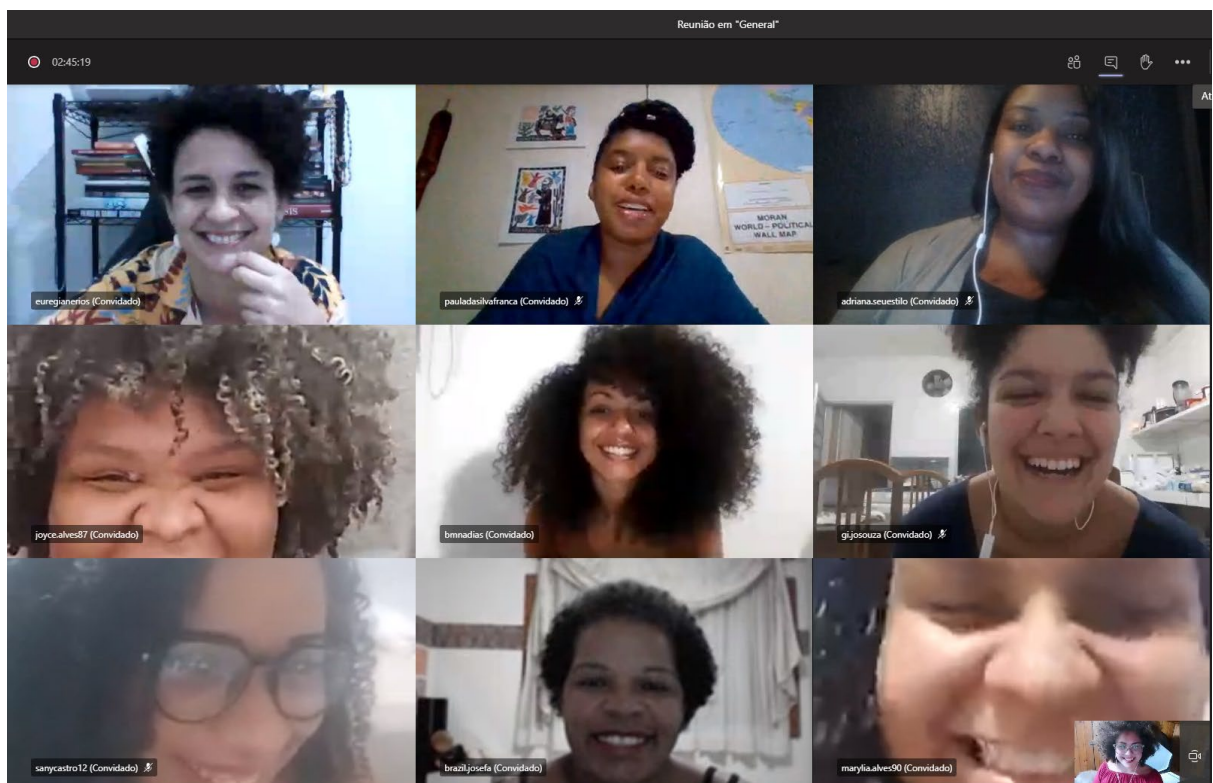
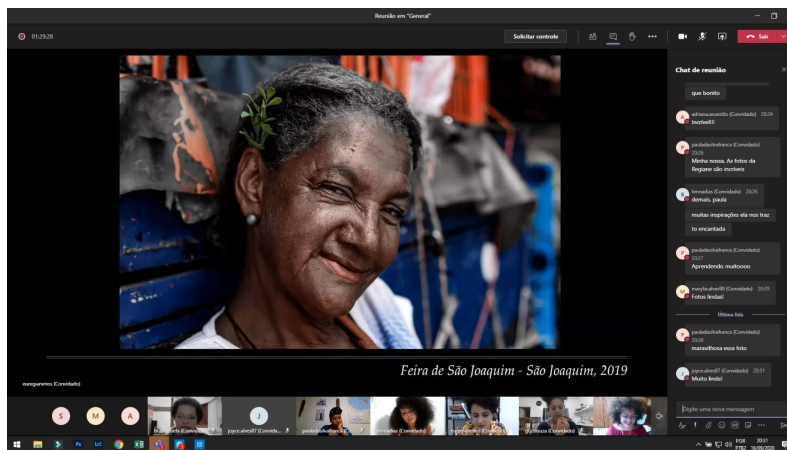




Fonte: Acervo Entrelhar-se

O segundo encontro aconteceu junto da fotógrafa Regiane Rios que apresentou seus trabalhos e discorreu sobre como se dá sua produção fotográfica, falando de temas como ancestralidade, religiosidade, autorreferencial, lugares de fala, e sua relação com a venda de suas obras e acesso a editais de cultura.

Figuras 47 e 48 – Captura de Tela encontro com Regiane Rios - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se

Na terceira aula, realizou-se a formação de duplas para produção dos ensaios autorais e com isso incentivar a partilha dos processos individuais.

Houve a solicitação do levantamento das palavras que se repetiram durante todas as anotações desde o início das aulas, cores, sensações e sentimentos para serem trocados entre as duplas, encontrando assim algumas similaridades.

Como leitura complementar foi apresentada a obra de Beatriz Nascimento, *Eu sou Atlântica*, o catálogo da Pinacoteca de São Paulo de Rosana Paulino da exposição: *A costura da memória*, e apresentadas as artistas visuais: Angélica Dass, Nakeya Brown e Miora Rajaonary.

A quarta aula deu-se após o encontro das duplas e propôs o compartilhamento de como foram os encontros, quais as semelhanças e diferenças nas escolhas de palavras, cores, sensações e sentimentos e a definição do tema.

Na pré aula foi apresentada a metáfora do TREM, que utilizamos para a possibilidade da criação de um ensaio fotográfico dividido em oito partes entre a locomotiva e os vagões, sendo disposto em uma “locomotiva” o tema mais importante do ensaio e os vagões discorrem sobre os outros temas abordados ou a organização necessária para a realização deste ensaio, esta metáfora foi utilizada por Regina Machado na disciplina da Arte da Palavra e da Escuta, estendida para a criação desta dissertação e transportada para a criação dos ensaios fotográficos. Ficou exemplificado da seguinte forma, juntamente com uma proposta de calendário:

VAGÕES

VAGÃO 01 - FORMATO: EXPO VIRTUAL EM DUPLAS

VAGÃO 02 - MODALIDADE: RETRATO, AUTORRETRATO, STILL LIFE, PAISAGENS, NATUREZA, URBANO, HÍBRIDO...

VAGÃO 03 - TIPO DE FONTE DE ILUMINAÇÃO

-TEMPERATURA DE COR

VAGÃO 04 - O QUE EU TENHO PARA VOCÊ?

-O QUE VOCÊ TEM PARA MIM?

07/10 - VAGÃO 05 - RECURSOS NECESSÁRIOS

- POSSÍVEIS SUBSTITUTOS

14/10 - VAGÃO 06 - VARIAÇÕES DO PROCESSO

21/10 - VAGÃO 07 - ALVO DO ENSAIO FINAL (PROCESSO CRIATIVO) - NOMEAÇÃO DO ENSAIO - FINALIZAÇÃO

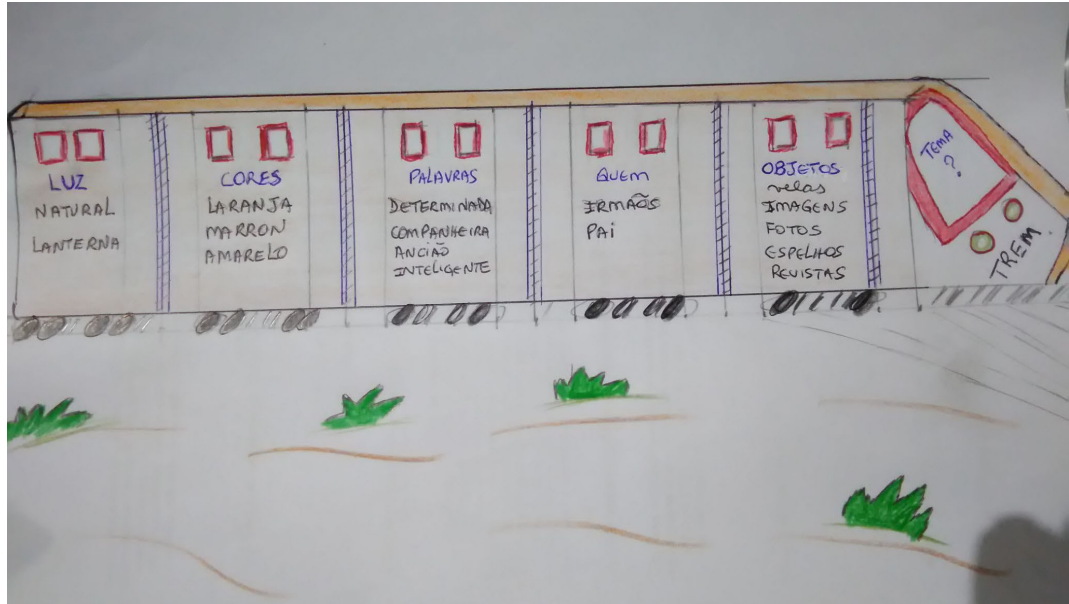
28/10 - LANÇAMENTO DA EXPO VIRTUAL
CONVIDADA SHEILA SIGNÁRIO.

Foi solicitada a primeira versão deste trem, tendo como sua locomotiva a pergunta primordial levantada em seu alvo como a pergunta central relacionada ao seu ensaio fotográfico e foi solicitado o levantamento de um tema.

Foram apresentadas as artistas visuais: Nydia Blas, Ronan Mckenzie e Ruth Ossai. Como leitura complementar foi selecionado o texto: Gênero, Raça e Ascensão Social de Sueli Carneiro.

“Trem” do ensaio fotográfico da Josefa Brazil.

Figura 49 – Trem do Ensaio Fotográfico de Josefa Brazil - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

Na quinta aula foi dada a continuidade do TREM do ensaio fotográfico, conversa com as partilhas realizadas com os encontros das duplas e o levantamento das perguntas “O que tenho para você” e “O que você tem para mim”.

Foram levantadas as palavras em comum entre as duplas, cores e sensações dando início a uma unidade dentro dos ensaios em duplas. Ficou ressaltado o respeito aos processos individuais, o acesso aos disparadores iniciais dos ensaios e um primeiro direcionamento aos temas possíveis, como um desdobramento das perguntas primordiais. Adriana e Bruna levantaram o questionamento: “Eu trato meu corpo como minha casa?” e Giovanna e Josefa a questão: “Como retratar minha família?”.

A aula seis se tratou de uma apresentação das duplas demonstrando o processo de criação dos ensaios.

Joyce e Marylia – 2020

Figuras 50, 51, 52, 53, 54 e 55 – Processo para Criação do Ensaio de Joyce e Marylia - 2020

AMOR INTERIOR

Ensaio fotográfico de mulheres falando sobre as dores e delícias de se amar.

SOBRE

- Esse ensaio está nascendo da necessidade de contar nossas histórias enquanto mulheres pretas, em busca da desconstrução do olhar sobre o nosso corpo e sentimento.
- Quem nós somos diante de um espelho?
- O que vemos do outro lado é quem realmente somos?
- Quem está do outro lado de verdade?
- Será que eu vejo o meu eu mais profundo, a minha essência?
- Será que sou uma capa feita de opiniões alheias, medos e insegurança?
- Quem decide se você é bela ou feia?

Que este ensaio seja o desenvolver de uma estratégia para cultivar o amor interior, como diz Bell Hooks.

AINDA SOBRE

- Aprendemos que temos sempre que ser forte, guerreira e batalhadora. Estes adjetivos são praticamente o que desejam para nosso futuro quando nascemos, como se o desejo fosse de que a gente suportasse o que está por vir e não a esperança de que o futuro seja melhor. Essa "tal força" às vezes impede que demonstremos nossos sentimentos, fragilidades e sensibilidade.
- Para que a nossas perdas não sejam maiores que nossos ganhos.
- Que a gente siga

Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

INSPIRAÇÕES

Fotografia:

- Marcela Bonfim
- Sunshine

Literatura:

- Bell Hooks
- Conceição Evaristo (Olhos D'água)

Artes plásticas:

- Pablo Picasso (Mulher no Espelho)
- Sim! Um homem :/ Rs

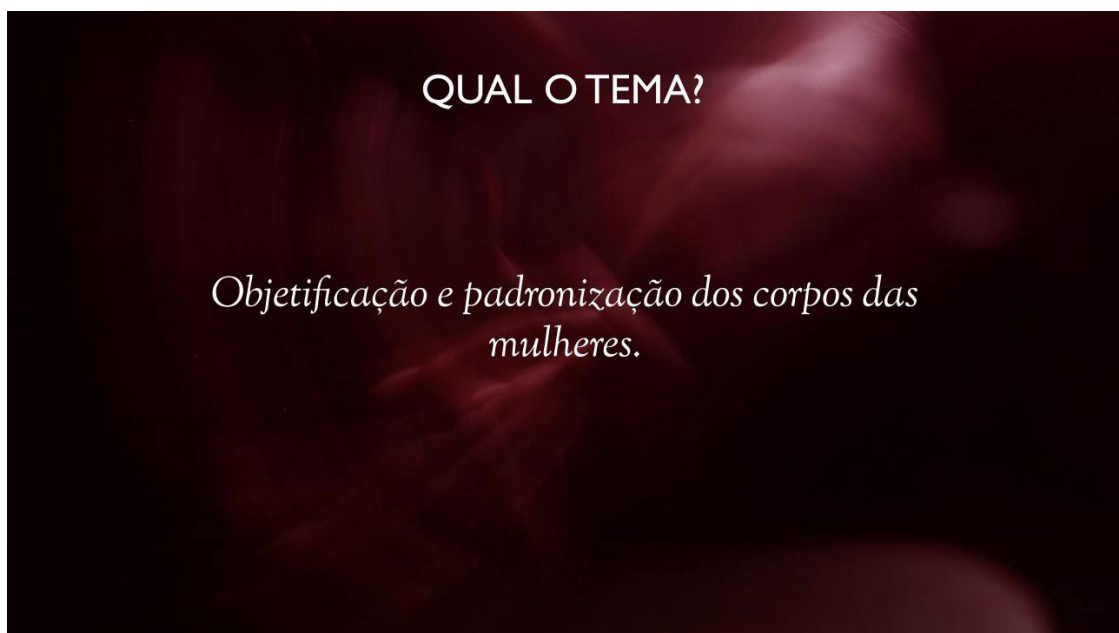


LUZ/COR

- Luz Natural
- Colorido
- Vibrante
- Intenso

Processo de Adriana e Bruna:

Figuras 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72 e 73 – Processo para Criação do Ensaio de Bruna Dias e Adriana Carvalho - 2020



PERGUNTAS DO ALVO

- *Eu trato meu corpo como minha casa?*
- *Meu corpo me define?*
- *Que formas existem lá fora e também no meu corpo?*
- *O que eu quero comunicar com o corpo que ocupo, e o que eu quero esconder?*
- *O que é ser saudável?*
- *Como eu sinto e lido com os padrões estéticos?*
- *O que eu posso fazer para melhorar minha relação com meu corpo e trata-lo com mais afeto?*
- *Como minha ancestralidade pode ser uma ferramenta de respeito e acolhimento ao meu corpo?*

PALAVRAS GUIA

Adriana

Cores : Cores Verde, Azul, Cinza, Laranja, Vermelho, Amarelo, Preto, Branco

Sentimento: Acolhimento, reconhecimento, identidade, afeto, cuidado, resistência,

Palavra: corpo, planta, movimento, velocidade, tempo, ancestralidade, poesia, resgate

Bruna

Cores: vermelho, preto, branco, marrom, bege

Palavras: silêncio, movimento, sombras, luz, ancestralidade

Sentimentos: afeto, resistência, ternura, força

ANOTAÇÕES

Adriana

Resgatar

Despertar

Aceitar

Amar

(Vermelho: Violência, menstruação, criança-moça, força, sabedoria, dor)

Bruna

Corpo-casa

Corpo-coisa

Corpo-memória

Corpo-contemplação

Corpo-de-quem?

(Vermelho: Sangue, vida, ciclo, morte, fome, urgência, perigo, fogo, ação,)

COMO SE DERAM OS ENCONTROS?

Os encontros se deram via chamadas de vídeo (whatsapp e google meet), como também conversas e trocas de informações (opiniões, insights, materiais) por meio do chat do whatsApp e e-mail.

ONDE SERÃO FEITAS AS FOTOGRAFIAS?

A priori, as imagens serão feitas dentro das casas das alunas, mas caso saiam e consigam, também poderão fazê-las externamente.

COM QUE LUZ?

A luz poderá ser natural, mas também artificial.

QUAIS RECURSOS?

Fotografaremos com nossas câmeras digitais, e usaremos objetos como tecido de fundo (vermelho), corda, copos, garrafas, miçangas, velas, espelhos

O QUE SERÁ FOTOGRAFADO?

Corpos de mulheres, objetos e sentimentos.

O QUE EU TENHO PRA VOCÊ E O QUE VOCÊ TEM PARA MIM?

Adriana - Eu não sei ao certo o que posso oferecer pra esta mulher que tem uma fotografia incrível, tenho aprendido muito com a poesia que ela imprime nas imagens, nos tons de luzes e uso de objetos. Sou fã dela e quando crescer quero ser como ela!

Bruna – O que eu tenho para Adriana são ouvidos atentos e coração aberto para ouvir e aprender mais sobre respeitar nossos corpos e nossas existências.

EXISTEM FOTOS DE TESTE?

Adriana:



EXISTEM FOTOS DE TESTE?

Adriana:



JÁ TEM UM NOME?

Ainda não temos um nome fechado, mas ideias soltas como:

- *O despertar da Deusa;*
- *Relação Corpo-Objeto;*
- *Corpo-casa, Corpo-coisa;*
- *Corporrevolução;*

QUAIS AUTORAS OU FOTÓGRAFAS FORAM REFERÊNCIAS?

- *Luedji Luna - Cantora (Album 'Bom mesmo é estar debaixo d' água')*
- *Nina Oliveira – Cantora (Disque Denúncia)*
- *Isa – Cantora (Dona de Mim)*
- *Débora Gil Pantaleão – Escritora*
- *Conceição Evaristo - Escritora*
- *Helen Salomão – Fotógrafa*
- *Juh Almeida - Fotógrafa*

COMO VOCÊ ACREDITA QUE SE DÁ SEU PROCESSO CRIATIVO?

Adriana: Eu me sinto livre pra fotografar quando a inspiração vem, na maioria das vezes tenho toda a idéia na cabeça, mas só sei se dará certo na hora de fotografar, tenho dificuldade em produzir quando preciso cumprir um prazo. Estou me policiado para me planejar antes de colocar em prática. Quando se trata de fotografia de moda, o processo é diferente, eu me planejo, de acordo com a necessidade e objetivo da marca. Estou em busca de mudar meu olhar.

Bruna: Meu processo criativo se dá, acima de tudo, intuitivamente e por meio de insights. Até tento organizar um material antes, uma espécie de guia, mas realmente funciona melhor deixando as ideias virem e respeitando esses momentos para executar o processo fotográfico. O máximo que ainda consigo controlar é agendar o dia para fotografar, o que não implica em dizer que vai dar certo neste dia, ou que se alguma ideia vir em outro momento eu não a



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

No encontro 7 realizamos a abertura da exposição e o encontro com a fotógrafa Sheila Signário.

Módulo 3 – Auto Retratos

Foi dado início do contato com os autorretratos podendo ser retratado apenas uma parte de si, realizada a leitura do texto “O poder da autodefinição” de Patrícia Hill Collins e o “Processo de Rejeição/Aceitação do corpo e do cabelo” de Nelma Lino Gomes, foi retomado ao alvo de perguntas concêntricas sobre autorretrato.

Figura 74 - Josefa Brazil - 2020



Fonte: Acervo Entreolhar-se 2020.

Figura 75 – Joyce Alves - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

Para o segundo encontro deste módulo foi sugerida a criação de uma persona formada de acessórios, objetos, tecidos e materiais encontrados em sua própria residência, foi solicitada a criação de um personagem com uma pequena história para acessar um autorretrato para além da representação apenas de sua autoimagem e

exploração da possibilidade de um novo olhar sobre si. Foi formado dois grandes grupos entre as alunas com as temáticas escolhidas de Afrofuturismo e Corpo em Movimento.

Figura 77 - Persona de Paula França



Fonte: Acervo Entreolhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entreolhar-se 2020.

Para o terceiro encontro foi trazida a leitura de Leitura do Texto de Audre Lorde - A transformação do silêncio em Linguagem e Ação - de Irmã outsider e a realização de um exercício de longa exposição, a possibilidade de poetizar os retratos e a sugestão de relacionar os temas escolhidos pelos dois grandes grupos formados na aula anterior, as artistas visuais apresentadas foram: Renata Felinto, Aline Mota e a poeta e atriz Monique Amora.

Figura 79 - Sunshine Santos Módulo 3 - 12/2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

No quarto encontro o tema abordado foram as narrativas e foram apresentados os trabalhos de Jenevieve Aken, Carrie Mae Weens e retomada Audre Lorde, como exercício proposto sugeriu-se a utilização de um objeto que se repetisse em uma série de fotografias.

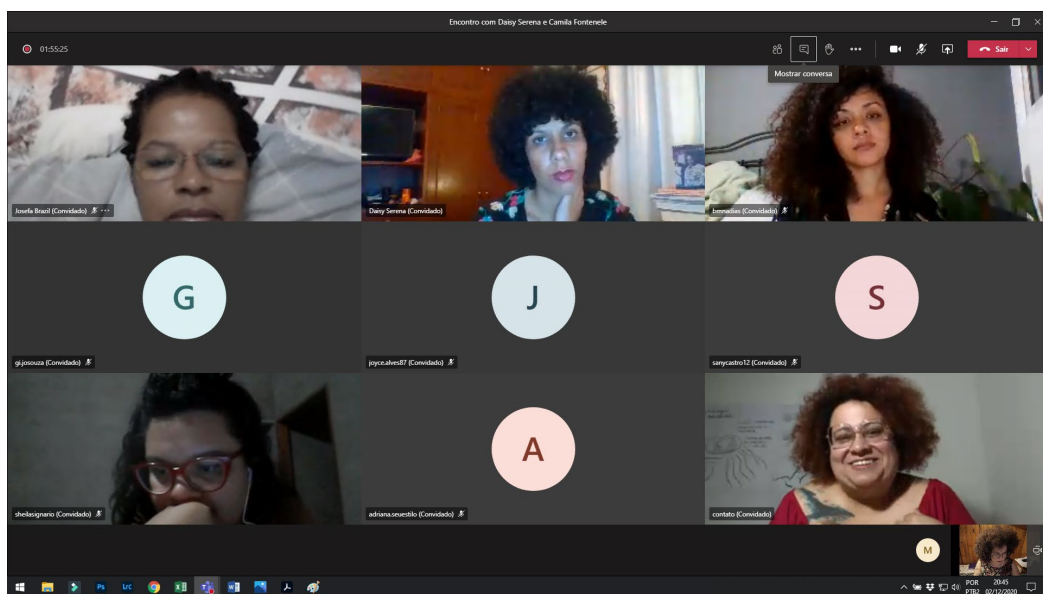
Figura 80 - Bruna Dias - Módulo 3 - 11/2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

O quinto encontro deu-se com as fotógrafas convidadas Dayse Serena e Camis Fontenele que expuseram seus trabalhos e contaram sobre suas narrativas na fotografia.

Figura 81 – Encontro com Dayse Serena e Camis Fontenele - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

O sexto encontro foi uma oficina realizada por Bruna Dias e Sunshine Santos, alunas que já trabalhavam com autorretrato e contaram com detalhes sobre ensaios anteriores e como se dão seus processos de criações.

No sétimo encontro, como fechamento do ano, apresentei todas as alunas como fotógrafas e mostrei a produção fotográfica de cada uma ao longo do semestre contando o que aprendi ao longo do semestre relatando a todas tudo que aprendi no decorrer do Entrelhar-se. Sugestão de envio de uma carta para seu “eu do futuro”, para dentro de um ano.

Em janeiro realizamos um reencontro com todas onde ficou definido o início de uma coletiva que permanecerá com os encontros, realizará exposições, estudos, provocações dando continuidade ao processo iniciado em 2020.

Capítulo 3 - Aquilombar-se - O quilombo como instrumento pedagógico

“Quilombo é uma história. Essa palavra tem uma história. Também tem uma tipologia de acordo com a região e de acordo com a época, o tempo. Sua relação com o seu território. É importante ver que, hoje, o quilombo traz pra gente não mais o território geográfico, mas o território a nível (sic) duma simbologia.” (NASCIMENTO; BEATRIZ, 1985 pp. 41- 49)

Desenvolver um curso de fotografia e escrever uma dissertação nos anos de 2020 e 2021, tal como criar qualquer processo artístico ou pensar em educação em tempos de pandemia global é desafiador. Desafiamos a calamidade, desafiamos diariamente a dúvida se ainda existe um caminho a ser traçado, nós mulheres negras que já vivenciamos a precarização da existência em um país como o nosso, em um mundo como o nosso, que já lidamos constantemente com a invisibilidade de nossos projetos, nossas ações e nossa existência. Nos desafiamos para conseguir concentração, para ter motivações, muitas vezes isso só é possível para não dizer apenas, com o incentivo de outras pessoas, com o privilégio que falta à muitas de ter tempo para esta dedicação e tirando forças que somente conseguimos com nossas ancestrais e nossas iguais dividindo para somar.

A necessidade de um espaço seguro para que haja a possibilidade de uma abertura a qualquer tipo de criação artística que insira ou não sua imagem, mas que acima de tudo trate de temas que são de origem extremamente pessoal e que nem todos estão dispostos a ver, ouvir ou dar a devida importância, mostrou-se real. Para

mim assim como para minhas alunas, falar em primeira pessoa parece um grande risco quando por conta de experiências pessoais de silenciamento, este falar sempre pareceu aos olhos brancos ser assunto de menor importância. Olhar de frente para a “síndrome de impostora” e falar sobre nossos interesses em um grupo de mulheres negras tornou possível acreditar que sim, ao menos entre iguais a tudo é dada a sua devida importância.

Posso afirmar que esta dissertação foi escrita a 18, 20, 22, 24 mãos ou muito mais, eu pude contar com a junção de vários rios-mulheres que me tornaram em um oceano. A inundação que me tornei nesta escrita, iniciou muito antes, quando Maitê Lourenço, Psicóloga em 2015 me disse que o mestrado na Universidade de São Paulo era possível.

Foi esta a primeira vez que ouvi que era capaz de algo grandioso como esta graduação. Maitê, mulher negra que foi minha psicóloga nos anos de 2015 e 2016 foi quem abriu minha mente para o entendimento de raça e gênero de uma maneira que ainda não havia acontecido.

O ano de 2019 iniciou-se cheio de esperanças, cursando a disciplina de Regina Machado, descobrindo que o sonho de uma pedagogia teórico-poética já existia, eu que pisei no solo universitário totalmente deficiente de base teórica se comparada aos alunos formados pela Universidade de São Paulo, me senti acolhida e abraçada por este saber ancestral dotado de respeito, atenção, olhos, ouvidos e percepções. As comportas haviam sido abertas.

A partir disso, pude continuar edificando a esperança na educação, mesmo vivenciando tempos incertos diante do avanço da pandemia, mesmo assim, contando com a vontade de continuar, pude nos estágios realizados com as Professoras Doutoras Helouise Lima Costa e Sumaya Mattar me ver entre educadores e educandos unidos em um ideal, focados em observar o que estaria por vir, sem desistir, realizando trocas e criando beleza entre o distanciamento das telas. Pude presenciar e ver com meus olhos voltando a acreditar em uma pedagogia engajada. Foi com o fruto de uma união de forças que recebi a motivação para persistir nesta escrita, foi da divisão que pude me multiplicar .

Durante o Entrelhar-se constatamos eu e minhas alunas que conectar-se com a escrita é sempre algo afrontoso para a mulher negra, conseguir ter quaisquer cinco

minutos de concentração suficientes para atender-se somente a si. Para acreditar no que se pensa, no que se escreve. De uma forma muito bela, durante o Entrelhar-se alcançamos este reconhecimento. Durante o curso, além da produção fotográfica a que nos propusemos, também incentivadas pelos exercícios transformadores de Acordais houveram diversas produções textuais realizadas pelas alunas, ao procurar alcançar as palavras que nos remeteriam a nossas paisagens internas, entendemos que o autorretrato também pode ser um auto relato, uma escrevivência (EVARISTO, Conceição) com a mesma proporção que a imagem poderia nos trazer. As imagens muitas vezes tinham a função de nos colocar à prova de questionamentos profundos sobre autoaceitação e autodefinição. A escrita escapa desse crivo imagético, porém entra no crivo intelectual que nunca nos foi menos cruel. De praticamente todas as alunas houve relatos de ignorar o que era escrito por si, de se jogar fora, queimar ou não reler os escritos. Neste grupo, neste quilombo virtual, a partilha se deu de forma natural e sem a insegurança que vivenciamos estando em outros grupos de pessoas como de mulheres brancas, homens ou qualquer espaço menos acolhedor.

Foram compartilhadas sem medos nossas especificidades, experiências, aceitando os próprios feitos e com coragem de exposição. Recebemos em troca análises regadas de reconhecimento e acolhimentos. Aprendemos juntas ao conhecer o trabalho de iguais, entre iguais o poder de nossas vozes e assim nos tornamos cada dia mais audíveis.

“Espera-se que os negros e as pessoas do Terceiro Mundo eduquem as pessoas brancas quanto à nossa humanidade. Espera-se que lésbicas e gays eduquem o mundo heterossexual. Os opressores mantêm sua posição e se esquivam da responsabilidade pelos seus atos. Há um constante dispêndio de energia, que poderia ser mais bem empregada numa redefinição de nós mesmos e na elaboração de roteiros realistas para alterar o presente e construir o futuro.” (LORDE; AUDRE, 2019, p. 141-154)

O aquilombamento a que se propôs o Entrelhar-se fez com que o enfoque de nossa energia estivesse em busca da edificação dos muros deste quilombo, para proteção e possível reparação das feridas causadas no inevitável contato com o mundo branco. Por diversas vezes os encontros foram citados pelas alunas como um espaço de cura.

"o quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional. O fato de ter existido como brecha no sistema em que negros estavam moralmente submetidos projeta uma esperança de que instituições semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço à identidade cultural." (NASCIMENTO; BEATRIZ, 1985 pp. 41- 49)

Figura 81 – Josefa Brazil - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

Com energia e ouvidos voltados para nós mesmas, nossa experiência foi como enaltecer um espelho de vivências e experiências contidas em outros corpos. Este local de cura por meio de disparadores artísticos, inspirações de iguais e palavras de compreensão com escuta atenta. Todas as alunas sempre tinham um momento de fala e assim ninguém ficava para trás. Estar em um grupo que intersecciona gênero e raça ajuda para que com que não haja tanta insegurança de lidar com um olhar desviante de desinteresse, ou com falas comovidas como de quem tenta parecer empático com a causa alheia. Não somos todas iguais, e as diferenças ensinaram-nos muito sobre como somos diversas em perspectivas que as regiões, classes e particularidades afirmam. Mesmo assim, neste grupo sempre havia as semelhanças de vivências, sensações e experiências. Muito diferente da experiência de estudar

DELEUZE com um distanciamento histórico e curricular que pôs-me calada durante todo um semestre da graduação deste mestrado.

Por vários momentos no decorrer do curso contatei minhas alunas de forma particular, para saber de suas vidas, questionar sem pressioná-las sobre suas ausências, para incentivá-las a permanecer. Sabemos que a permanência em instituições de ensino de pessoas negras ainda é uma questão a ser melhorada em todo nosso país. Nos últimos anos os casos de suicídio de pessoas negras no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo, continuaram ocorrendo, sem que alguma atitude fosse tomada ou que as solicitações de ajuda fossem atendidas. Dada então as dificuldades de permanência ficou acertado que a não realização de algum exercício ou proposição de leitura não seria cobrada, ou precisaria acarretar uma posterior falta por não realização das propostas, ficou enfatizado que a presença seria sempre valorizada, pois mesmo que alguma aluna não houvesse realizado a atividade, de qualquer maneira seria possível aprender ao se observar as outras obras, ou ser incentivada pela realização das outras alunas. Com isso a frequência se manteve por todas as alunas durante praticamente todo período de curso, tendo elas solicitado gravação das aulas quando faltavam ou realizando as atividades posteriormente conforme encaixe em seus próprios calendários, mesmo com adversidades como luto, dificuldades de agenda e de horários, problemas de saúde ou familiares.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

Em diversos momentos as alunas relataram sentir muita falta do encontro semanal em ocasiões que precisavam se ausentar. Disseram estar ansiosas pelos próximos encontros para partilha, quando da realização de algum exercício, ou da criação de alguma produção artística. O compartilhamento de seus processos e realizações se tornou gratificante e uniu o grupo de uma forma não imaginada dada as circunstâncias de distanciamento, dinâmicas de compartilhamento e interação.

Alunas que formaram duplas ou grupos puderam aproximar-se criando posteriormente seus próprios cursos, lecionando fotografia, dança e transportando saberes e integrando-os de forma interdisciplinar. Bruna, Giovanna e Sunshine lecionam cursos de fotografia, fotografia narrativa, autorretrato, dança e acessam muito do que foi compartilhado no Entrelhar-se, a partir de suas próprias perspectivas. Adriana realiza Lives e podcasts que Paula, eu e Joyce tivemos a oportunidade de participar. Josefa inscreveu-se em exposições virtuais tal como Joyce e Bruna que expuseram em diversos lugares e realizaram participações como no Festival de Fotografia de Paranapiacaba e no Metrô de São Paulo. Marylia criou a própria conta de fotografia no Instagram e todas se auto intitularam fotógrafas, coisa que poucas o faziam no início do curso pois não se sentiam seguras para isso.

Toda decisão sobre as ações coletivas do curso foi tomada em grupo, conversadas quanto aos calendários possíveis e agendadas conforme a disponibilidade de todas, a voz do grupo tornou-se uma única voz, não escapando a opinião de nenhuma das integrantes.

Figura 83 - Josefa Brazil - 2020



Fonte: Acervo Entreolhar-se 2020.

Sunshine e Bruna ressaltaram diversas vezes que de alguma forma o curso salvou-as no ano de 2020. Afirmo que o mesmo aconteceu comigo, nosso encontro era um oásis em meio ao caos. Os encontros que tinham previsão de duração máxima de 3 horas chegavam a ter 4, 5 horas para que todas tivessem tempo de expor suas realizações da semana e assim adentrar um pouco mais na vivência de cada aluna, a sensação é de que nos conhecemos presencialmente, mesmo com a distância geográfica a que todas encontram-se. O anseio para que haja um encontro presencial é dividido por todas.

Sunshine e Paula evidenciaram esse encontro nesta fotomontagem que idealiza e realiza o encontro destas que produziram juntas o ensaio Sankofa apresentado na exposição virtual Negrafias, realizada 28/10/2020 no site entreolharse.art.

Figura 84 - Sunshine Santos e Paula França - Sankofa - 10/2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

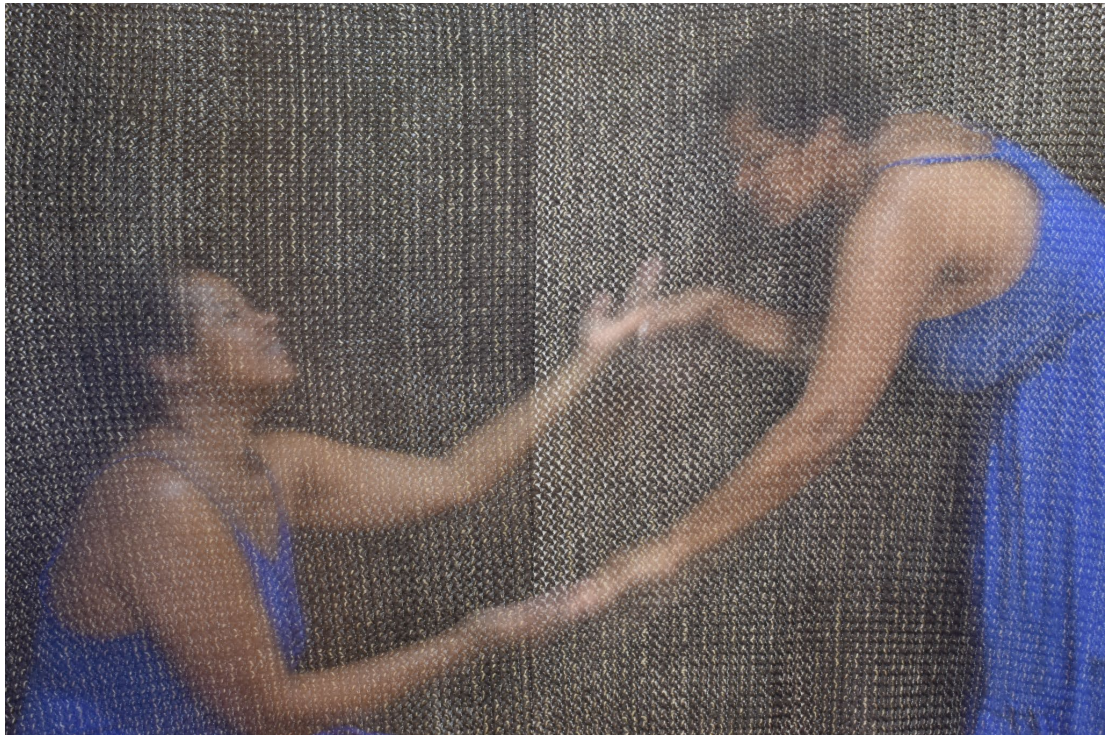
Mesmo com o término do curso o grupo tornou-se uma coletiva que permanece reunindo-se para futuras realizações.

Assim ao sermos impulsionadas umas pelas outras, inundadas pelas águas de outras mulheres, fortalecidas e gigantes feitos oceanos temos a capacidade de distribuir as nossas águas por outras margens, de dar vazão ao nosso conteúdo seguindo por outros caminhos, outros rios, desaguando produções, pensamentos, escritas e imagens por lugares que outrora não acreditávamos poder ocupar.

É com a concepção de quilombo concebida neste curso que pretendo estender esta pesquisa, documentalmente por meio de vídeo contar como foi este processo, dando continuidade por meio do cinema no doutorado.

Capítulo 4 - O autorretrato como ação de autoconhecimento, autoafeto, autodefinição. A fotografia de dentro.

Figura 85 - Josefa Brazil - Módulo 3 - 10/2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

“A fotografia, que tem tantos usos narcisistas, é também um poderoso instrumento para despersonalizar nossa relação com o mundo; e os dois usos são complementares. Como um par de binóculos sem um lado certo e outro errado, a câmera torna próximas, íntimas, coisas exóticas; e coisas familiares, ela torna pequenas, abstratas, estranhas, muito distantes. Numa atividade fácil, formadora de um hábito, ela oferece tanto participação quanto alienação em nossa própria vida e na dos outros — permitindo-nos participar, ao mesmo tempo que confirmamos a alienação.” (SONTAG; SUSAN, 2004 p.93)

Os últimos dois módulos deste curso abordaram o autorretrato. Durante os meses de extensão dos módulos, foi entendida a delicadeza do ato de se auto fotografar, do quanto acessar a própria imagem pode ser e é um terreno perigoso, porém extremamente fértil para a compreensão de nossa relação com o mundo.

Toda aula em que o tema “cabelo” era abordado, a extensão desta conversa se tornava longa e quase infundável, desde interligações com a autoestima, o

autoamor e o autocuidado, até acessando lembranças de infância, adolescência e percorrendo os dias atuais. Experimentar formas, cores, formatos, químicas, cortes, apliques de cabelos foram experiências vividas pelas oito alunas e por mim. Pensar em nossos cabelos nos levava a refletir na autoestima das crianças, nas possibilidades de criar narrativas para o cuidado e aceitação do povo negro.

Figura 86 - Joyce Alves - Trançando Histórias - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

Refletimos que para existir uma conexão pessoal com uma construção poética ou fotográfica que conte histórias de mulheres negras, estas devem ser construídas somente por mulheres negras. Ressaltamos que a narrativa de uma mulher não universaliza a “visão de mundo” de todas, e por este mesmo motivo a diversidade de narrativas construídas por mulheres negras devem ser mais acessíveis e expansivamente difundidas por curadores e curadoras, e para isto também há a necessidade atual de engrandecimento no número destes curadores negros e negras.

“O termo “curador” deriva do latim *curare*; ele é, portanto, aquele que cura, cuida, zela por alguma coisa. Mas essa ideia encontra suas primeiras implicações quando levamos em consideração as relações de poder investidas à figura do curador e dois conceitos que são inseparáveis quando se problematiza a invisibilidade e/ou criminalização da produção cultural dos

negros no Brasil: racismo estrutural e epistemicídio.” (LIMA, DIANE Diálogos Ausentes e a Curadoria como Ferramenta de Invisibilização das Práticas Artísticas Contemporâneas Afro-Brasileiras)

A dívida histórica a qual o movimento negro sempre se refere estende-se por todas as esferas políticas e culturais a que se possa imaginar. Qualquer levantamento histórico que se faça de pessoas negras retratadas no século XVI e XVII, veremos fotografias que as exotificavam, tipificavam e animalizavam, percebemos até que para pesquisadores negros e negras sejam respeitados há a necessidade da retomada deste acervo tão cruel de nossa história.

O desafio do autorretrato expande-se em diversas esferas que não só a da produção de uma obra, mas todos os obstáculos seculares por trás da chegada a este momento.

Começamos então em nosso estudo a refletir sobre a ideia de um “autorretrato expandido”. Este termo, a que tive conhecimento pela pesquisadora Maria Thereza Soares, Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que tem sua pesquisa voltada a fotografias que realizam autorretratos, foi usado para se referir a arte de Rosana Paulino, onde mesmo não utilizando sua própria imagem em suas obras, traça caminhos dentro dos autorretratos ao levantar fotos de sua família, ou mesmo as já citadas fotografias do séc. XVII que tipificavam os negros e negras, para abordar as nuances do que é ser uma mulher negra.

Por muitas vezes o desafio de mostrar se protagonista de uma imagem deve ser quebrado, e a ideia de autorretrato pode se expandir para uma paisagem interna, termo utilizado por Regina Machado para acessar os caminhos de cada um dentro do que é seu referencial poético.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

O retratar-se de quem é atlântico tal como Beatriz Nascimento, habitando este lugar para mulheres brasileiras entre África e Brasil e toda sua historicidade, um entre lugar que relata um “olhar opositor” conforme o citado por bell hooks sobre o mundo, traz muito de si quando registra seu redor e seu modo de ver a existência, é um olhar que para a maioria dos produtores de imagens em massa passa despercebido.

A capacidade de querer construir novas narrativas possíveis para pessoas negras e mostrar que elas existem em sua singularidade, fugindo de estereótipos perpetuados até os dias atuais, como os já descritos por Lélia Gonzales: a mucama, a mulata e a mãe preta ou que pertença as imagens de controle, como as citadas por Patrícia Hill Collins: as Mammies, Matriarcas, a mãe dependente do estado e da gostosa. Estes estereótipos apenas contribuem como justificativas para as opressões até hoje vivenciadas pelas mulheres negras.

“Essas imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (COLLINS; PATRICIA, 2019 p.136)

Figura 88 - Bruna Dias - Eu me acostumei com a sua presença - Módulo 3 - 11/2020



Fonte: Acervo Entreolhar-se 2020.

Ao navegarmos dentro das águas do oceano possível de olhar à dentro por meio do autorretrato, nos permitimos experimentar, partilhar e gostar ou não dos resultados alcançados, sonhamos universos possíveis em temas como afrofuturismo e possíveis movimentos para os corpos negros em diáspora.

Unicórnica preta (2021)

Abduzida dos não lugares

A unicórnica preta agora é livre

Livre da incubadora da invisibilidade

Livre do cordão umbilical de silenciamento.

Livre de olhares de objetificação

Livre dos diálogos com a impostora

Livre para voar...

Livre para ser o que quiser, quando quiser e se quiser.

A unicórnio preta é um universo particular não adestrado.

(SANTOS, Sunshine – 2020)

Figura 89 - Fotografia de Sunshine Santos - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

Concluimos que o estudo do autorretrato pode ser um processo contínuo para nós mulheres negras, impossível de assinalar com um ponto final, será sempre um campo de eterna busca e experimentação, enquanto dadas as condições sociais das mulheres negras em nosso mundo, esta pesquisa sempre será um local a se chegar com cuidado, de acesso perigoso e gatilhos pessoais delicados, porém necessário à nossa contínua cura. Sunshine teve o cuidado de nos lembrar constantemente da possibilidade desta cura em que a fotografia poderia nos levar, e nossos encontros foram um acalanto quanto a partilha rara de nossas dores, amores, raízes e frutos em processos de ensino e aprendizagem.

Por entre as possibilidades relatadas ao se realizar um autorretrato ficou entendido que nem sempre as imagens nos agradariam em um primeiro momento, que essas imagens deveriam ser tratadas com carinho e sem a necessidade de triagem ou de descarte das mesmas em um primeiro momento. Muitas vezes, boas imagens foram descartadas devido à grande autocrítica a que se impõe a autoimagem.

Figura 90 - Marylia Alves - Módulo 3 - 10/2020



Fonte: Arquivo Entreolhar-se 2020.

Experimentar as diversas possibilidades que a fotografia nos permite, se tornou um espaço de exploração contínua para todas, que puderam se observar em formas, cores, sombras e possibilidades antes não permitidas. O ápice se encontrava mais uma vez na partilha, quando todas vibravam ao visualizar as realizações das companheiras de estudo, que algumas vezes envergonhadas tomavam coragem ao visualizar as realizações das companheiras de grupo. Muitas vezes esta partilha serviria de inspiração para a criação posterior de outra aluna, ou para incentivar a capacidade de se visualizar com a mesma admiração com que olhava uma outra mulher com as mesmas características, vivências e potencialidades criadoras.

Figura 91 - Giovanna Souza - Módulo 3 - 11/ 2020



Fonte: Arquivo Entreolhar-se 2020.

Os exercícios de longa exposição foram retomados, o uso do contraluz, das sombras, tudo à favor de permitir-se a um novo olhar, sem julgamentos, sem filtros, sem expectativas atreladas às redes sociais, sem o olhar a que estamos acostumadas a ser sujeitas quando colocamos o pé para fora de casa, ou quando decidimos expor nossa imagem em quaisquer lugares que sejam.

Desenvolvemos um olhar amoroso para nossas imagens e para as imagens de nossas companheiras, e assim o processo de cura a que Sunshine sempre se referiu se fez real durante este módulo, expusemos, exploramos e cuidamos de nossas cicatrizes com um amor outrora desconhecido.

Nos vimos belas, nos vimos potentes, nos encontramos realizadoras, visualizamos ao ver outras mulheres um espelho com diferenciais e especificidades únicas, nos encontramos umas nas outras e pudemos mostrar muito de nosso acervo raro, guardado unicamente para nós mesmas por medo do julgamento exterior.

Figura 92 - Paula França - 2021



Fonte: Arquivo Entreolhar-se 2020.

Compartilhamos acessos que não havíamos permitido até então, produzimos com um intuito não mercadológico, não objetificante, compartilhamos enquanto amigas, companheiras, irmãs e mulheres que tinham amor em suas falas, em seus olhares, em suas palavras e em sua escrita com a luz.

Vivenciamos uma escrevivência, uma fotovivência, pautada em verdades doces ou duras, mas acima de tudo nossas que foram acolhidas como nunca antes imaginamos ser possível. Só assim com a imensidão que é a união de grandes mulheres é que foi possível se ver e sentir a possibilidade da leitura de nossas imagens como algo além e até então não vivenciado.

Figura 93 - Adriana Carvalho - Egoísmo 2020

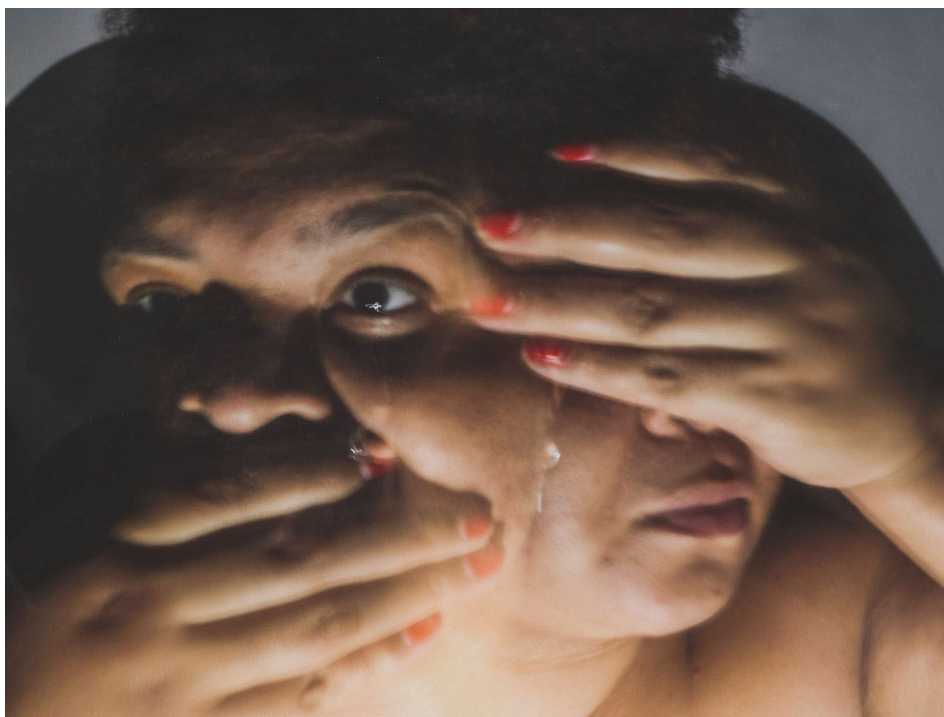


Fonte: Arquivo Entreolhar-se 2020.

Neste módulo havia a intenção da finalização com uma exposição. Mas a vivência desta experiência nos provou a complexidade de trabalhar a autoimagem, nos mostrou que obras deste conteúdo não podem e nem deve ser produzidas sob demanda, são processos a serem realizados com o devido respeito, em seu único tempo, pois o tempo da vivência, o tempo da experiência artística ele está além do tempo do relógio, além dos cronogramas acadêmicos, ele está para cada indivíduo a ser vivenciado de sua única forma. Por este motivo não nos decepcionamos com a não realização desta exposição. Refletimos com carinho que o momento se seguirá a frente, no tempo em que todas sentirem que é possível.

Concluir que acima de tudo está definido o respeito ao nosso cuidado, o respeito a nossas demandas, o respeito aos nossos sentimentos, a criação particular, e o respeito as particularidades vividas por cada uma de nós foi acalanto e carinho fazendo jus a todo processo vivenciado durante este curso.

Figura 94 - Joyce Alves - Módulo 3 - 10/2020



Fonte: Arquivo Entreolhar-se 2020.

Conclusão ou Transbordamentos

No ano em que mais de 600.000 pessoas perderam suas vidas, quando os povos originários e quilombolas sofrem com descaso governamental, em que presenciamos o sistema educacional ser violentado, a vida dos profissionais da educação serem minimizadas, a pesquisa ser menosprezada, o obscurantismo em crescimento e o mal ter o poder em suas mãos, neste mesmo ano ter eu, minha família e amigos atingidos pelo coronavírus, manter-me firme acreditando no potencial da educação ainda gera conflitos e medos reais que entendo e desfaço ao olhar minhas alunas, ao vê-las realizando seus feitos, ao vê-las resistindo e permanecendo, em nome delas me fortaleço e retorno a caminhar.

Crescer feito águas que se encontram. Durante todo o decorrer do curso a citação e a relação com água foi recorrente nas criações, relatos e poéticas desenvolvidas. Desde o início a ideia de que a troca poderia ser uma das possibilidades de experienciar a aprendizagem artística, pois foi desta maneira que se deu meu aprendizado ao longo dos anos, por meio da vivência.

O encontro então destas águas, onde estas nove mulheres depois de dividirem inúmeras experiências, vivências e possibilidades artísticas, possibilitou meu crescimento e aprendizado, pois na troca se acrescenta tanto quanto se dá.

Na tentativa de criar um caminho para que houvesse acesso às paisagens internas das alunas pude acessar as minhas paisagens e visualizar o oceano que se formou ao meu redor. Me tornei gigante.

Estar entre estas mulheres e crer que novas narrativas já estavam sendo construídas ao fazer a curadoria das aulas, ao apresentar novos nomes, ao compartilhar um pouco das águas de mulheres que foram importantes na minha construção identitária, e ao receber toda afetividade e perceber o poder da autodefinição.

Com Adriana aprendi o que é ser amiga, conselheira, incentivadora e ter sempre palavras belíssimas a oferecer a todas ao seu redor, ela nos ensinou empatia, questionar quaisquer tipos de imposições estéticas, mesmo as disfarçadas de empoderamento, e ensinou-me com sua arte e sabedoria a não me calar diante das opressões de nosso mundo, sejam de gênero, raça ou qualquer imposição de lugar

que não nos caiba. Ensinou-me a ocupar todos os lugares e fazer com que nossa voz literalmente seja ouvida por todos e todas.

Com Bruna aprendi que podemos ser muito mais fortes do que imaginamos ser, ensinou-me que somos muito mais parecidas que imaginamos, que todo sentimento importa, que toda a intensidade do que sentimos é real e que tem raízes profundas dentro de nós, e que buscar o autoconhecimento é primordial para superarmos traumas, que falar de vivências intensas pode doer, mas é também um caminho para a cura. Bruna nos falou sobre aquilombamento e reforçou o entendimento de que juntas somos muito mais fortes, um entendimento muito além de uma frase de efeito, um entendimento de um conforto que eu conheci aqui de uma maneira que jamais saberia vivenciar sem que ela fizesse parte deste todo.

Com Giovanna aprendi a valorizar as origens, olhar com carinho a quem está ao nosso redor, a quem nos colocou no mundo e faz parte de nossa história, Giovanna ensinou-me sobre não desistir, sobre fazer e realizar da maneira mais bonita possível tudo aquilo que está ao nosso alcance. Giovanna conta em suas fotografias histórias de quebras de correntes, de estereótipos, de reapropriação do corpo e de conquista de novos territórios, me ensinou sobre a vida ser movimento e que este movimento pode causar transformação, sobre a valorização do que está ao nosso redor e como ressignificar o que o mundo quer dizer que é errado.

Com a Josefa eu aprendi compromisso, aprendi olhar para o que está muito perto de diversas maneiras, conheci uma poética sobre o cotidiano que a humanidade não sabe revelar, ela nos promove um tempo de pausa e respiração sobre o nosso lugar no mundo, sobre o nosso redor e sobre quem constitui toda nossa história. Ela me ensinou a aceitar todos os desafios, me ensinou que a beleza está por todo lugar e a natureza clama por vida. Me ensinou sobre o amor incondicional a tudo e todos que a cercam, a valorizar nossa história e dar voz a esta história para que ela permaneça para além de nossos dias.

Com Joyce aprendi sobre dedicação, sobre poesia, sobre teatro, sobre autodescoberta, sobre a força que não somos obrigadas sempre a carregar como nossa, feito um fardo. Joyce ensinou poesia em toda conversa e emoção que colocava na roda. Joyce mostrou um olhar único sobre o companheirismo, sobre criatividade,

empatia, autoamor. Joyce traduz o mundo em palavras e imagens que nos tocam com profundidade, me mostrou que quem tem amigas e família, tem tudo. Joyce ensinou sinceridade em cada imagem e experiências trocadas. Joyce ensinou autoestima em lugares de ajuda mútua entre mulheres. Nos contou sobre a profundidade de nossas raízes com suas imagens, e nos ensinou a olhar no espelho e pensar sobre quanto nossas origens nos levam a questionamentos e a enredos nunca imaginados. Nos mostrou caminhos a seguir, um exemplo a se viver de como sorrir em dias como os atuais.

Com Marylia aprendi sobre parceria, sobre irmandade no sentido mais literal que conhecemos, aprendi a estar disposta, a ajudar e sonhar junto e ajudar a construir os sonhos de alguém, aprendi que a beleza tal como Josefa vê está em todos os dias, principalmente em todos os gestos. Aprendi a acreditar em uma sororidade para além daquela do feminismo branco, uma irmandade de quem te olha nos olhos e dá as mãos em todas as horas. Aprendi que o nosso redor é potente, e que podemos ser a potência transformadora que ajuda a colocar o mundo a girar, aprendi que é possível dar as mãos e amar incondicionalmente, na dor e na alegria. Aprendi que se reinventar é tarefa de todos os dias, é constante em nossa vivência, e mais uma vez que a união de mulheres, que conseguem olhar no espelho e ver além de si, ver outras mulheres é essa a força que transformará nosso mundo.

Com Paula Aprendi sobre ancestralidade para além do que nos estava posto, uma (ori)entação de cabeças de mulheres que vieram antes de nós, com o olhar no futuro para aquelas que vieram e virão depois. Ensinou sobre liberdade e vivências únicas que só seus olhos cheios de amor, carinho e cuidado puderam registrar, visualizei rainhas, mães, meninas e meninos, visualizei um olhar doce sobre tudo que nos foi negado.

Com Sunshine eu aprendi a pensar junto com todas as mulheres que vieram antes, a analisar mais profundamente o surgimento de cada cicatriz e olhar de perto e ver que tudo estava além de apenas sobre mim, com Sany aprendi paciência e cuidado ao tocar qualquer uma das superfícies que ousasse percorrer, aprendi a olhar por onde piso e que nossos passos vêm de longe e principalmente que eu não ando só. Aprendi que podemos explorar ancestralidades possíveis e que o nosso coletivo nos forma e nos une. Aprendi sobre os mergulhos que devemos dar, o quando podemos e devemos nos arriscar, a percorrer caminhos arriscados, porém

recompensantes. E entendi que a fotografia pode ser um caminho de cura. Aprendi um pouco sobre ser mãe e não somente. Sobre se retirar e sobre surgir.

Apresento como parte desta conclusão a exposição virtual, situada no site entreolharse.art: “NEGRAFIAS” realizada como conclusão do Módulo II de Ensaios Autorais.

Para sua realização desta formaram-se duplas entre as alunas, foram definidos temas em comum em suas obras para realização de seus ensaios e para que estes conversassem em sua problemática ou temas abordados.

No desenvolvimento das temáticas foram apresentadas possibilidades de estruturas organizacionais e de perguntas concêntricas baseadas na pedagogia de Regina Machado e dos textos apresentados e discussões no decorrer dos módulos anteriores. Foram propostos encontros das duplas e antes do fechamento da exposição foi apresentado um seminário de cada dupla descrevendo seus processos.

Foram solicitados a mim apoio na seleção de imagens, edição, escolha do texto, quantidade de imagens apresentadas e consistência de conteúdo. Para total autonomia das alunas, a influência foi mínima, e foi permitido o uso de quantas imagens achassem necessárias. Tudo foi aprovado conforme apresentado para que não houvesse perda na percepção exata do processo no momento vivido.

Para cada ensaio foi solicitado um texto de referência e introdução a produção fotográfica e algumas alunas optaram por expor também vídeo em suas exposições, que estão disponíveis no site.

No entendimento da continuidade e na multiplicidade da maneira de sentir que poderiam ser geradas diante das obras, acreditei que o resultado desta exposição é como uma obra desenvolvida em aquilombamento com grande poder de abrangência e interpretações, o que torna esta exposição algo infinito em sua continuidade como inspiração e possibilidades de identificação de outros e outras.

Adriana Carvalho e Bruna Dias - Corpo-casa, Corpo-coisa

Vermelho

1. Segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa [2008-2020]:

ver·me·lho |ê|

(latim vermiculus, -i, diminutivo de vermis, -is, verme)

adjetivo

1. Que tem a cor do sangue vivo (ex.: tinta vermelha). = ENCARNADO, ESCARLATE, RUBRO

2. Que apresenta essa cor devido a um afluxo de sangue (ex.: tem o nariz vermelho de tanto chorar). = AFOGUEADO, CORADO, RUBRO

3. Que apresenta essa cor devido a um excesso de exposição solar (ex.: ficou todo vermelho porque passou demasiado tempo ao sol).

4. Que tem caráter malicioso ou faz alusões sexuais. = OBSCENO, PICANTE

substantivo masculino

5. A cor vermelha ou rubra.

6. Verniz de resina, sangue-de-drago e álcool.

7. Variedade de trigo rijo.

8. [Botânica] Árvore de São Tomé.

9. [Ictiologia] Peixe do Brasil.

adjetivo e substantivo masculino

10. Diz-se de ou indivíduo da antiga União Soviética (ex.: exército vermelho).

11. [Informal] [Política] Que ou quem segue ideologias políticas de esquerda, .notadamente comunistas, marxistas ou socialistas.

Palavras relacionadas:

[encarnado](#), [afogueado](#), [escarlata](#), [rúbeo](#), [vermelhão](#), [rubicundo](#)

.

Fonte: <https://dicionario.priberam.org/vermelho> [consultado em 26-10-2020].

2. Para as artistas:

- Violência, menstruação, criança-moça, força, sabedoria, dor. (Adriana Carvalho)
- Sangue, vida, ciclo, morte, fome, urgência, perigo, fogo, ação, dor. (Bruna Dias)

-

Diariamente somos bombardeadas por imagens e informações sobre como devemos mutilar nossos corpos e adoecer nossas mentes na busca pelo corpo ideal.

De como podemos fazer mil intervenções no rosto, cabelos, e até na região íntima, para termos uma imagem mais agradável/aceitável/desejável para os homens.

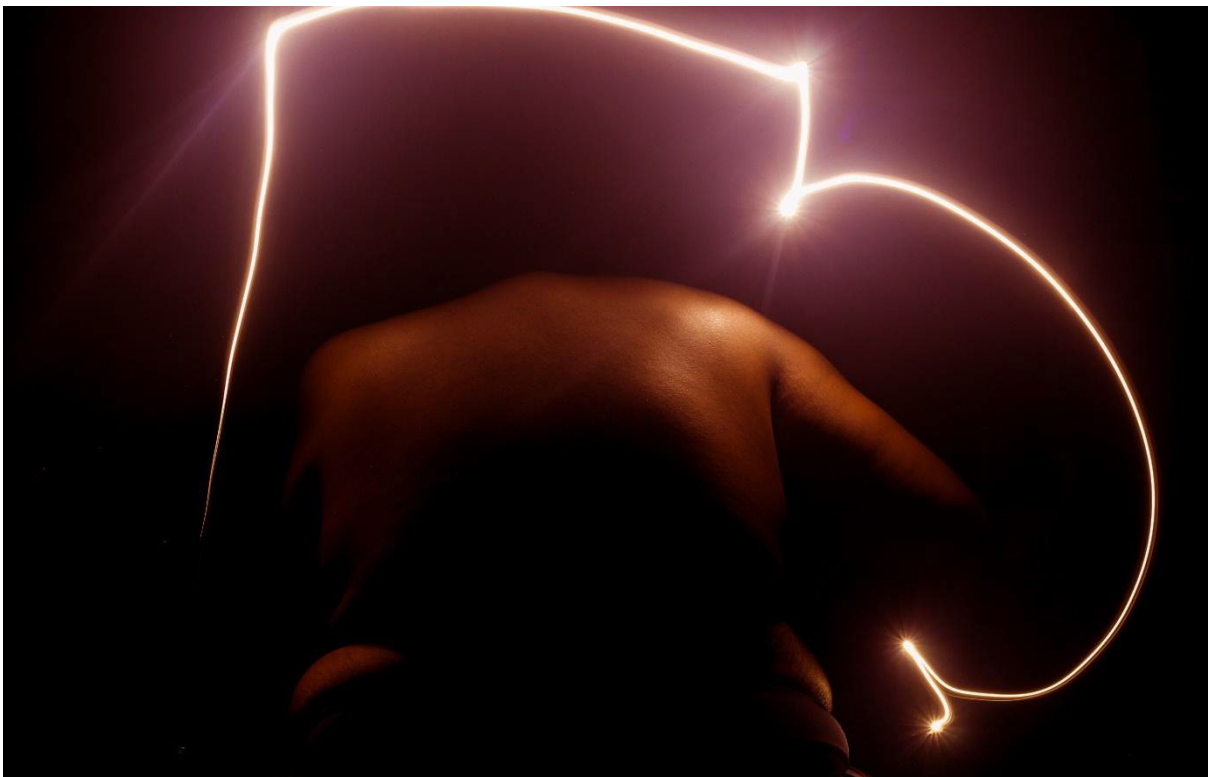
Ou ainda dicas de comportamento para sermos mulheres dóceis e castas, e só assim dignas de amor, casamento, respeito e um lugar na 'sociedade'.

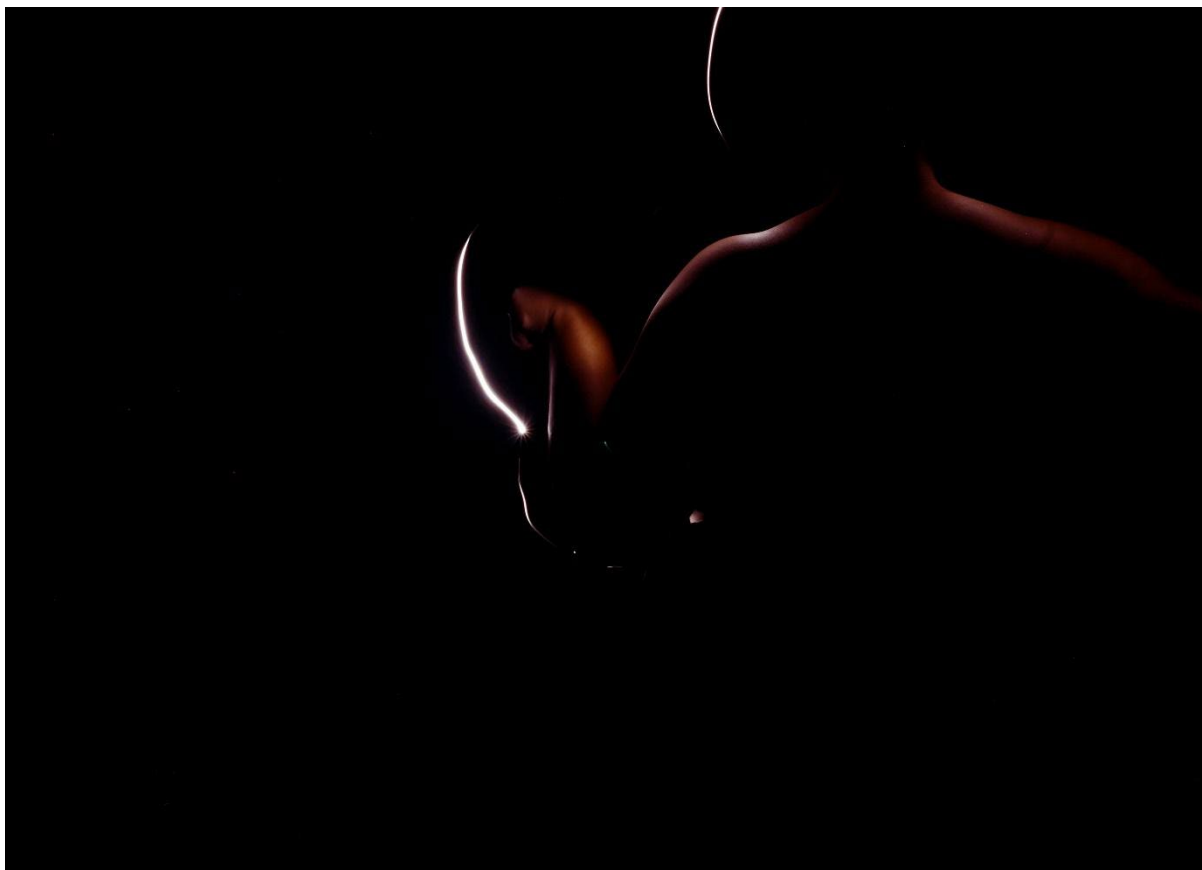
Uma verdadeira bula para a infelicidade, além do aceite para a objetificação dos nossos corpos e subjetividades.

Por trás de camadas de máscaras de cílios, base e batom; roupas sufocantes para modelar o corpo e esconder nossas formas reais; incentivo à fome e dietas mirabolantes, a busca incessante por uma perfeição estética cruel, inalcançável e torturante, esconde mulheres exaustas, adoecidas, sem prazer de viver e sentir, na busca por atingir o padrão ideal, que é ser branca, magra, sensível, pura, delicada, feminina, jovem, sensual (quando solicitada por seu homem, claro, senão é uma puta), e acima de tudo, obediente.

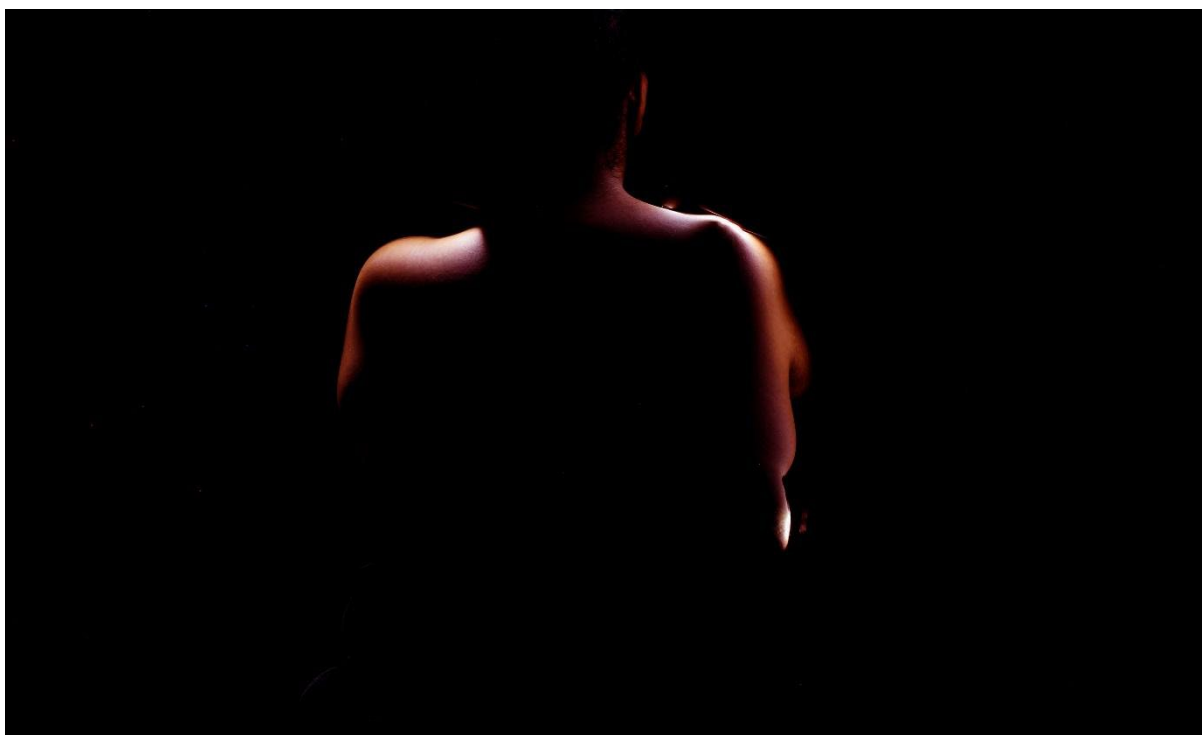
Nosso corpo, que é nossa primeira e principal casa, nos é roubado e violado de múltiplas formas, e é difícil (re)tomar a posse das nossas próprias escolhas e reflexões.

Através de autorretratos e autorrelatos poéticos, as artistas Adriana e Bruna desenvolveram a série fotográfica "Corpo-casa, corpo-coisa", evidenciando as diversas maneiras que o patriarcado tem de controlar nossas mentes e corpos - através da cultura do estupro, dos padrões estéticos, do casamento, das regras sociais, da religiosidade -, mas também as nossas elaborações acerca de como atentarmos para todo esse sistema de adoecimento e controle de mulheres, e a importância de buscarmos reforçar em nós o autoconhecimento e o autoamor, para assim estimularmos outras mulheres nessa busca por vida e liberdade.

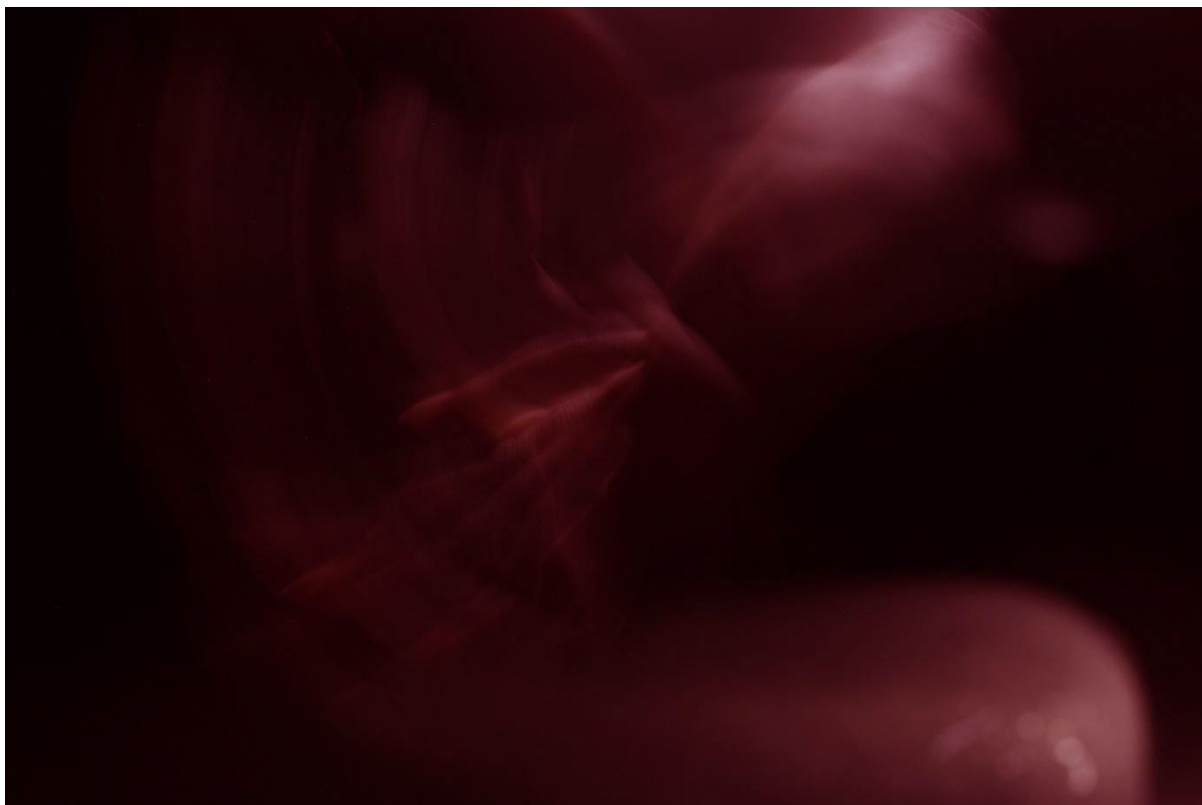




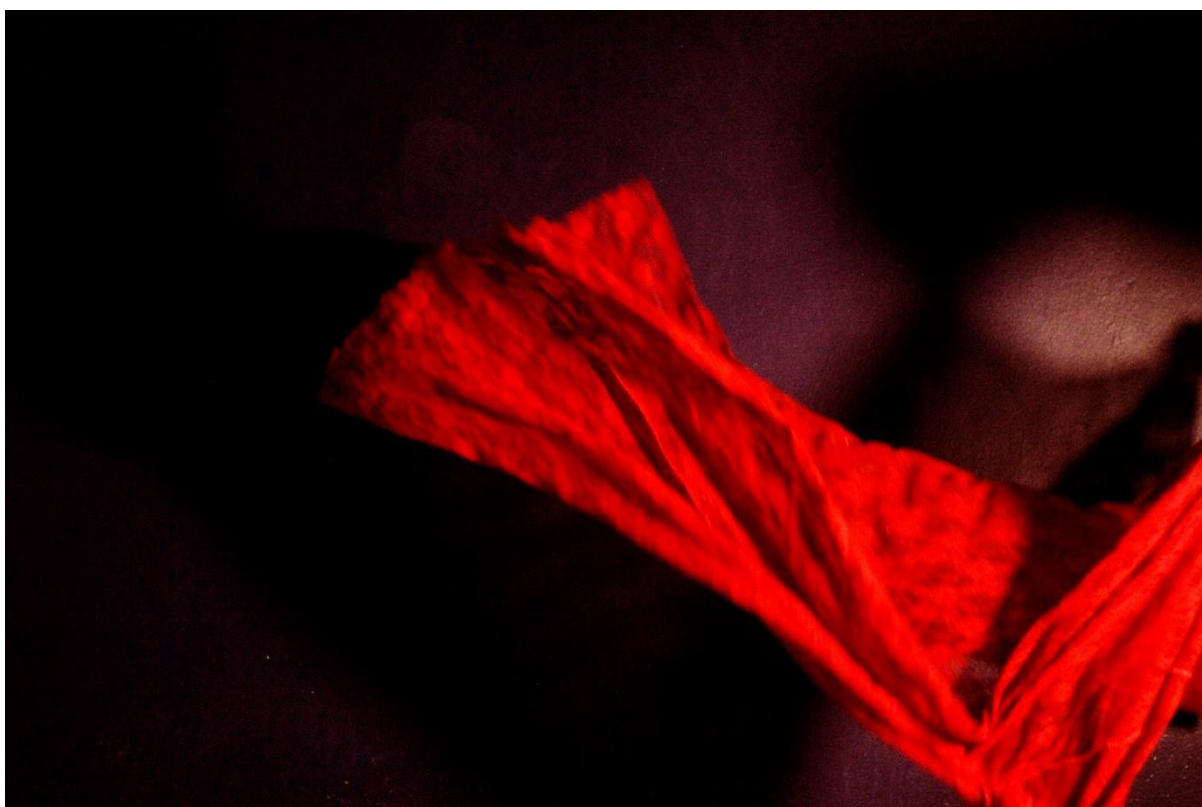
Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

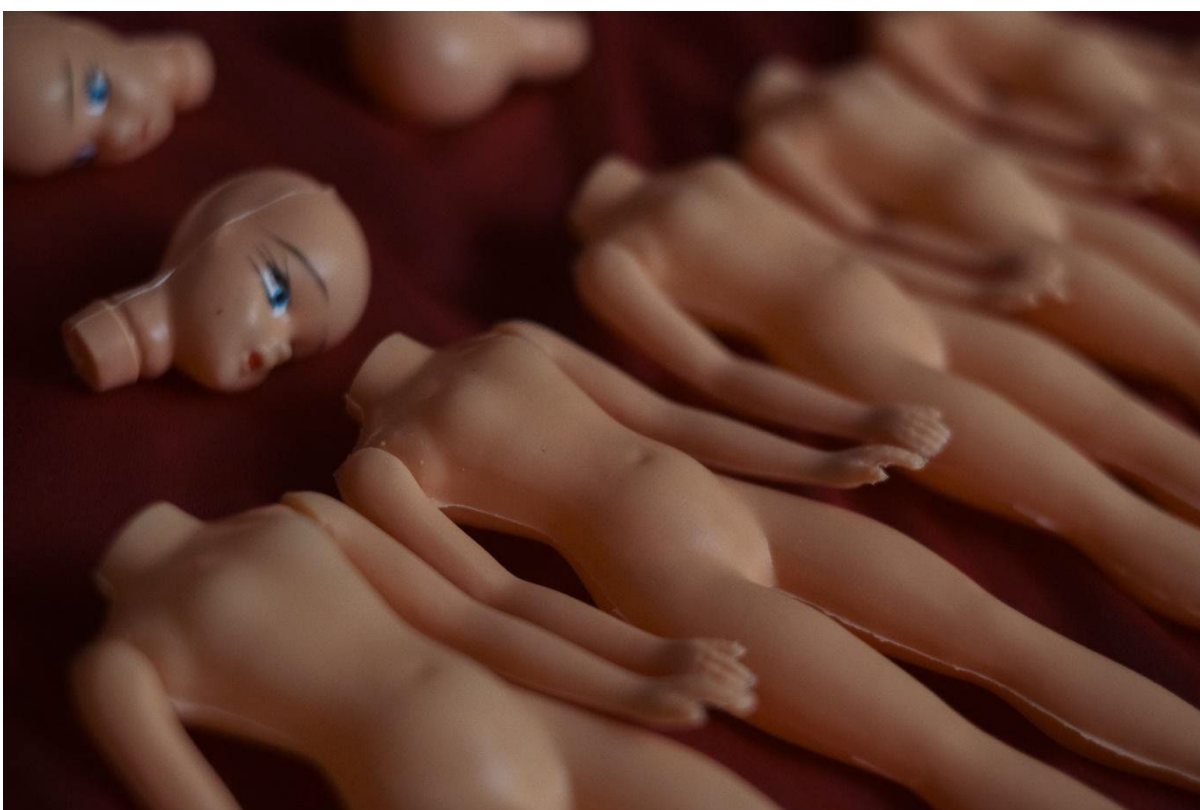


Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

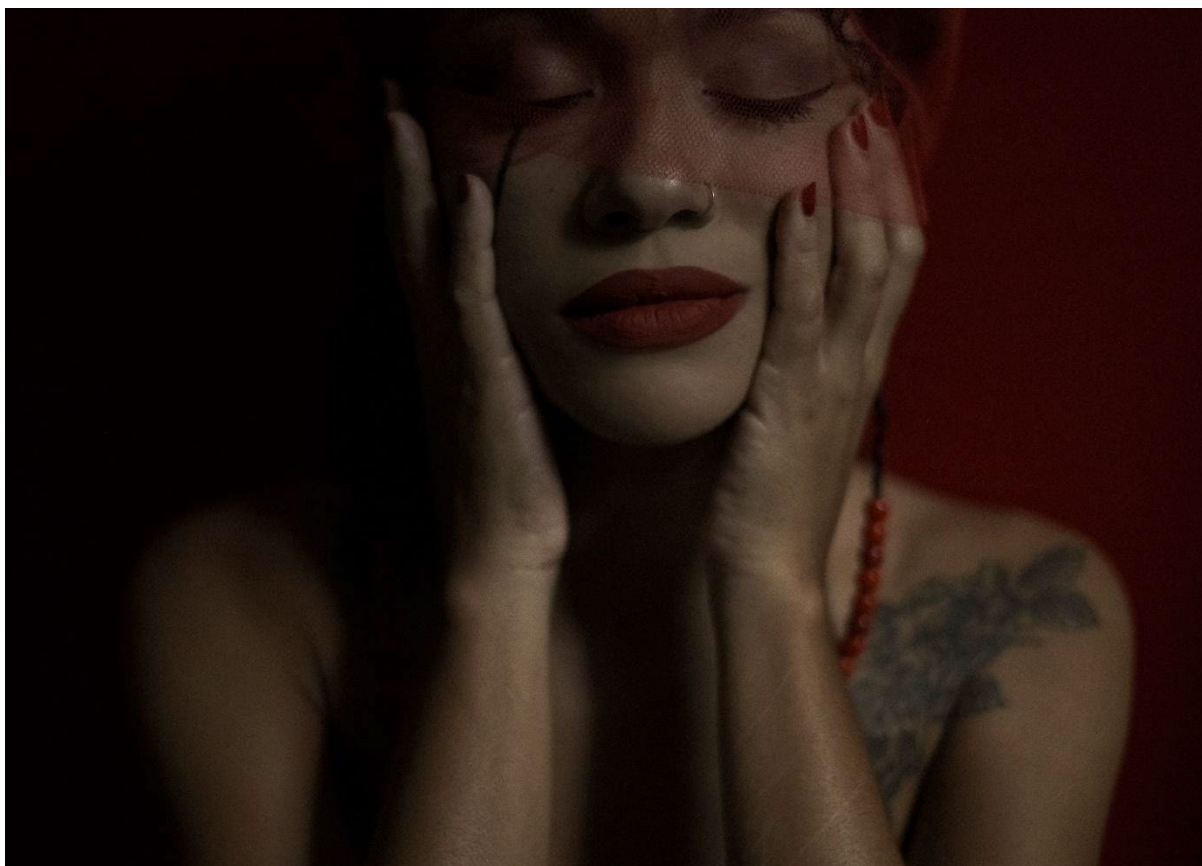
Figuras 101, 102, 103, 104, 105 e 106 Bruna Dias - 2020



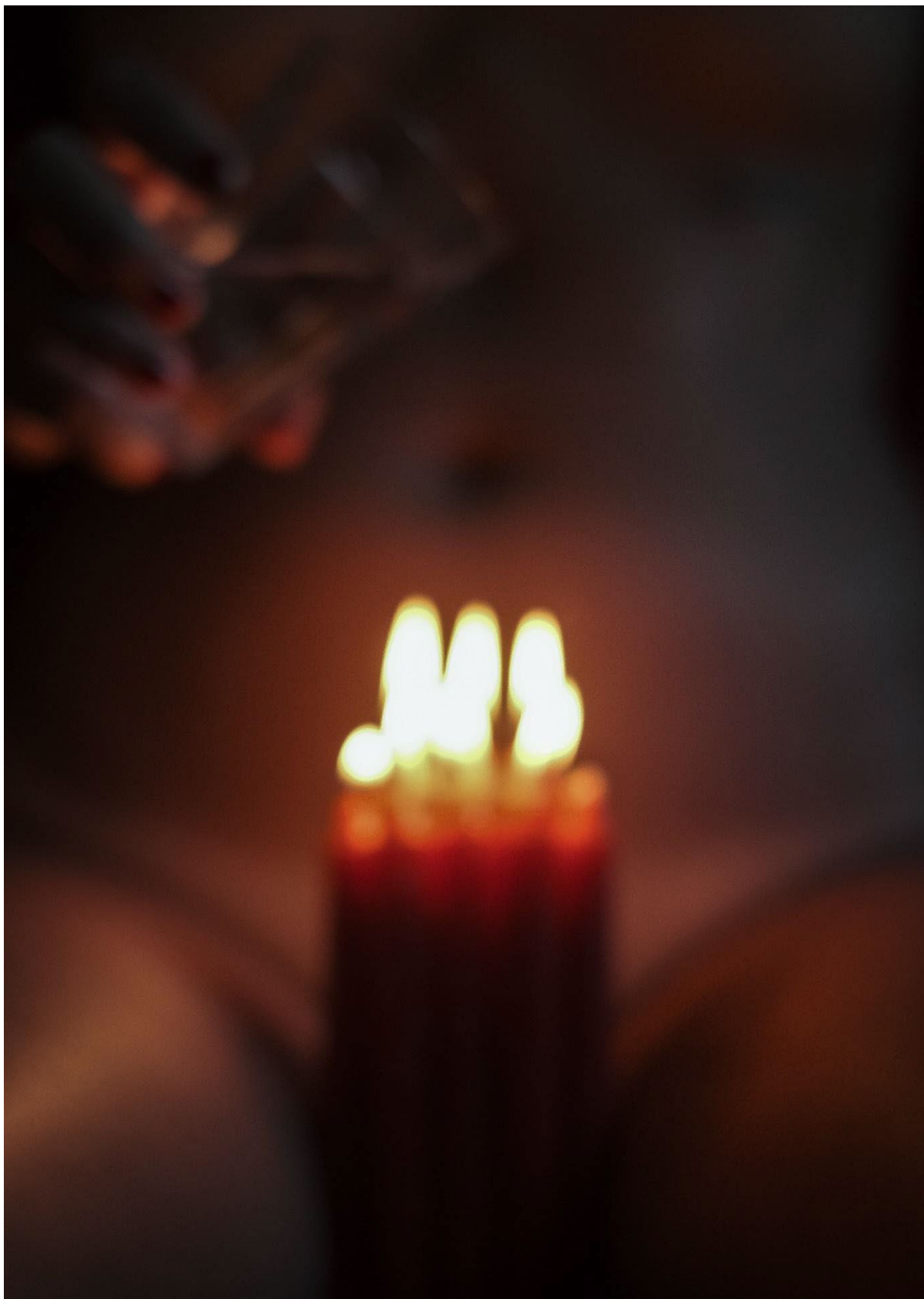
Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

Giovanna Sousa e Josefa Brazil - **L-ar**

Uma vez conversando com um grande amigo
Ele me perguntou
"Mas o nosso povo é coitado?"
Provocando
E aquela pergunta me indagou
Será que essa história que contam
É de gente que vivenciou?
Ou estão por aí reproduzindo
O olhar de quem primeiro venceu e contou?
Refletindo sobre a vida
A certeza então reinou
Nosso povo não é coitado
Nosso povo é gerador
Quando criança brincava com os meus
Nas festas a união
A dança no corpo relata
A liga com quem já voltou
A batida no rebolo do meu pai se aproxima
Ao arrastar dos pés do meu avô
Minha avó com o lenço da cabeça
Põe na mesa o amor
E minha mãe que instruía-me os passos
Ensinava como com o corpo compor
E agora toda cheia disso
Sei que as memórias formam meu exterior e interior
"E o seu povo é só isso?" Perguntam!
Meu povo não se resume a isso, não senhor
Essa é apenas minha vivência
Que compartilho pra outra visão te propor
Mas os meus são muitos, múltiplos
E um modelo não pode se impor
"Mas na favela não tem violência?" Perguntam!
Violência tem sim senhor
Mas a violência é seu povo que ensina

Os meus, só me ensinaram amor

Pele preta, cabelo crespo, lábios carnudos.

Eu tenho muito orgulho de quem sou!

Olhar desconfiado, mas o sorriso sempre nos lábios.

Mulher negra eu sou!

Às vezes nem sei responder se sou bonita ou não,
mas o meu sorriso, esse eu não tiro não!

Paro e penso:

Por que a minha pele tem que estar mais evidente do que minha essência?

Prazer, meu nome é resistência!

Aqui emana muito amor.

Já sofremos demais,

Só quero me olhar no espelho e falar:

Mulher preta, não desista jamais!

Você é maravilhosa!

Não quero mais ouvir: Você tem que ser forte e guerreira!

Parem de nos impor o que ser ou fazer!

Essa escolha é minha.

Então me deixem escolher!

Texto de Giovanna Sousa – 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

Figuras 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129 e 130 Josefa Brazil - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

☰ Mini biografia

Meu nome é Josefa Brazil. Nasci no dia 16 de julho de 1966 em Catende, Pernambuco. Resido em São Paulo com meu pai. Sou aposentada e tenho a fotografia como hobby.

Amo minha família, e namorado. Não consigo me imaginar sem eles. Sou prestativa amiga e generosa. Toda minha família e amigos sabem que se precisarem, podem contar comigo.



 Josefa Brazil

Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

Introdução

Nesta apresentação utilizo fotografias de meu pai e irmãos. Informo as suas respectivas idades, bem como uma palavra simbólica para descrever superficialmente suas personalidades.

Conhecer, registrar e preservar nossas histórias de família é de fundamental importância para cultivar a memória genética.

É muito prazeroso quando a família se reúne para momentos marcantes e inesquecíveis. Ouvir nossos pais, tios, irmãos manifestarem com saudosismo os acontecimentos da juventude deles. Contar histórias de nossa infância aos remanescentes, são momentos mágicos. E algo que enriquece esses eventos são os registros fotográficos. Assim, as histórias não ficam apenas no imaginário, mas representadas com imagens.

Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.




01

Ancião

Augusto Brazil (89)

This slide features a photograph of an elderly man, Augusto Brazil, wearing a grey cap and a blue and white striped shirt, sitting in a garden with various plants and a red rose. To the right of the photo is a graphic element consisting of a semi-circle of radiating lines above a dark brown banner with the word 'Ancião' in white. Below the banner is another semi-circle of radiating lines. The number '01' is in a small box in the top right corner. The background is a light yellow color.

Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



02

Confiante

Maria José Brazil (65)

This slide features a photograph of a woman, Maria José Brazil, sitting in a dark armchair against a yellow textured background. She is wearing a white t-shirt with a graphic and white shorts. To the right of the photo is a graphic element consisting of a semi-circle of radiating lines above a dark brown banner with the word 'Confiante' in white. Below the banner is another semi-circle of radiating lines. The number '02' is in a small box in the top right corner. The background is a light yellow color.

Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

03



Intelectual

••• Augusto Brasil Filho (63)

Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

04



Amorosa

••• Belksi Brazil (62) *Netos de Belksi (da esquerda para a direita) Melody (6); lasmin (18); Bernard (2); Heloisa (6).*

Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

05



Alexandre Brasil (60)

Simplicidade

This block features a portrait of Alexandre Brasil, a 60-year-old man, sitting in a white boat and holding a fishing net. He is wearing a white t-shirt and khaki pants. The background shows a lush, green outdoor setting. To the right of the portrait is a yellow graphic element with a sunburst pattern and the word 'Simplicidade' in a dark orange banner. The number '05' is in the top right corner.

Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

06



Aparecida Brazil (56)

Dedicada

This block features a portrait of Aparecida Brazil, a 56-year-old woman, sitting in a bamboo grove. She is wearing a teal long-sleeved shirt. The background is filled with tall bamboo stalks. To the right of the portrait is a yellow graphic element with a sunburst pattern and the word 'Dedicada' in a dark orange banner. The number '06' is in the top right corner.

Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

07



Cativante

Almir Brasil (51)

Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

08



Religiosa

Katia Brasil (49)

Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

Marylia Alves e Joyce Alves - Em busca do amor interior

Pele preta, cabelo crespo, lábios carnudos.
 Eu tenho muito orgulho de quem sou!
 Olhar desconfiado, mas o sorriso sempre nos lábios.
 Mulher negra eu sou!
 Às vezes nem sei responder se sou bonita ou não,
 mas o meu sorriso, esse eu não tiro não!
 Paro e penso:
 Por que a minha pele tem que estar mais evidente do que minha essência?
 Prazer, meu nome é resistência!
 Aqui emana muito amor.
 Já sofremos demais,
 Só quero me olhar no espelho e falar:
 Mulher preta, não desista jamais!
 Você é maravilhosa!
 Não quero mais ouvir: Você tem que ser forte e guerreira!
 Parem de nos impor o que ser ou fazer!

Essa escolha é minha.
Então me deixem escolher!

-Marylia Alves

No espelho da vida olho-me, em busca do reflexo de sentimentos e elementos que fazem com que eu seja quem sou ou procure quem com o tempo se perdeu.

Beleza, que me negaram em infância, limitando meus traços e pele como se eu sujasse qual fora o ambiente.

Forte, batalhadora, guerreira, adjetivos que me deram quando eu só queria ser frágil e sensível.

Esperança, que a minha ancestralidade, religiosidade e escolha sejam respeitadas.

Saudade, dos que foram e levaram pedaços que nunca se reconstituirão.

Lágrimas, que descem em forma de desabafo.

Amor, que cura, liberta e dói, um processo interior que quebra as correntes de olhares, palavras e atitudes que de alguma forma nos acorrentaram.

Orgulho, do reflexo que vejo hoje, da mulher que reconhece, conhece e busca sempre fortalecer o seu amor interior.

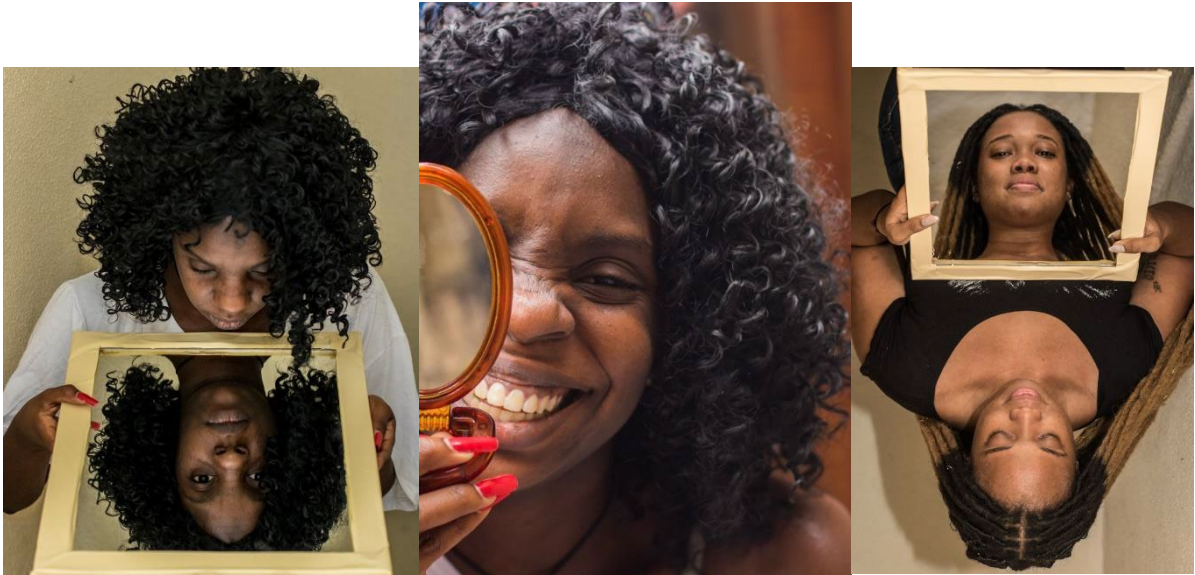
-Joyce Alves



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

Figuras 150, 151,152,153,154,155,156,157,158,159,160,161,162,163,164 e 165- Marylia Alves - 2020



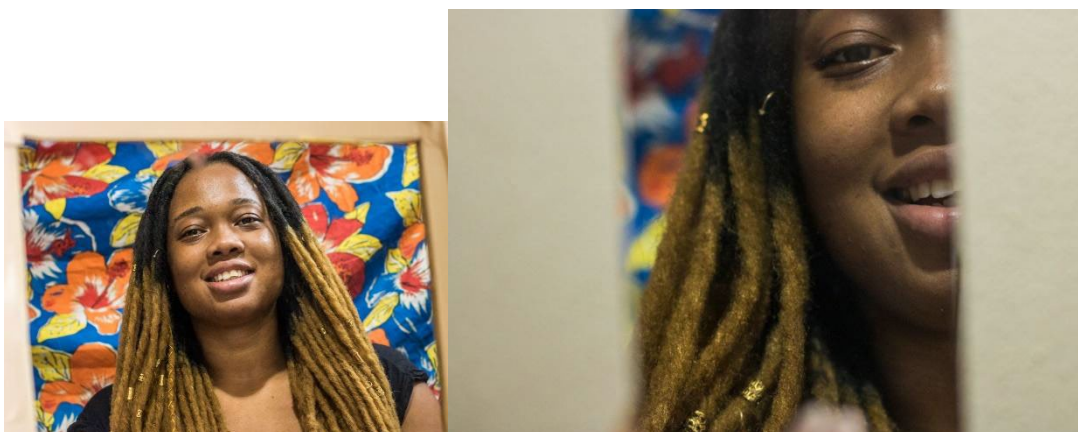
Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

Paula França e Sunshine Santos - **Sankofa**

Entre as memórias dilaceradas e ficcionalizadas
 Entre os “EUs” forjados em ausências
 Transvertidos em guerrilhas cotidianas
 Das renúncias que geram possibilidades
 Encontramos as pistas nas encruzilhadas
 Do trânsito entre Brasil e Zâmbia
 Nasce o olhar para si, a partir do outro
 Retornamos ao passado para ressignificar o presente e o futuro
 Recolhemos folhas e flores durante a caminhada
 Compreendemos que melhor que voar é saber onde pousar
 Que regar as raízes é ancestralizar...

Sunshine Santos:

Eu não ando só
 Porque os meus passos vêm longe
 Eu não ando só
 Porque eu sou bisneta de Joana e Lola

Eu não ando só
Porque eu sou neta de Socorro e de Raimunda
Eu não ando só
Porque eu sou filha de Iranilde e Ana Lúcia
Eu não ando só
Porque eu sou irmã da Pollyana e de Kianne
Eu não ando só
Porque eu sou a tia da Maria Cecília
Que jamais andará só
Porque somos o reflexo de todas as mulheres da nossa família
Eu sou e Cecília será...
Porque nós somos.

(Sunshine Santos)

Figuras 166 a 178 Sunshine Santos - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.

Figuras 179 a 190 Paula França - 2020



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



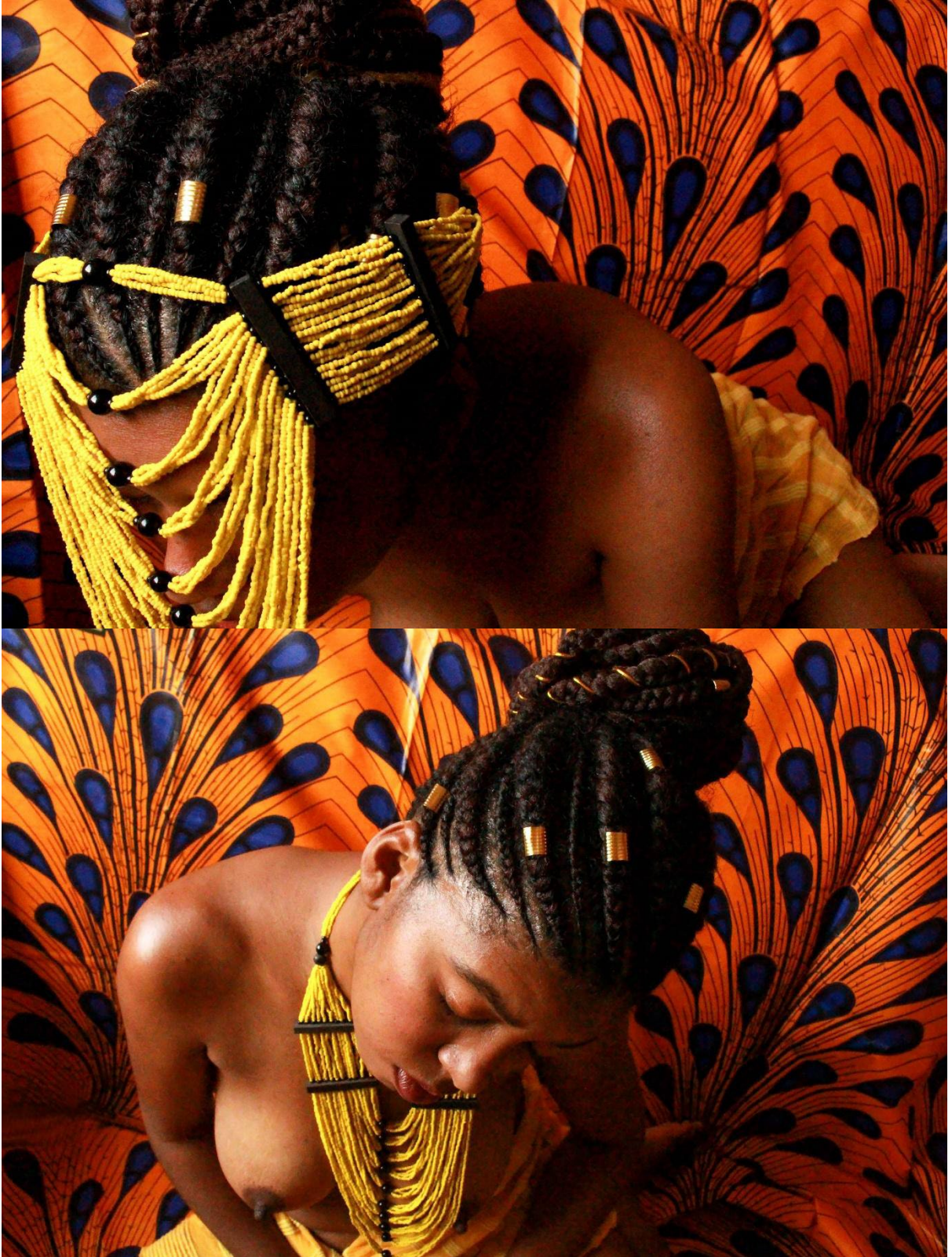
Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entrelhar-se 2020.



Fonte: Acervo Entreolhar-se 2020.

E com estas imagens, demos vazão a muito que ainda se pode realizar. O grupo, que permanece unido, apesar da distância, apesar das dificuldades apresentadas em todo processo, apesar do momento histórico que permanecemos a vivenciar ainda se vê como um todo. Juntas ainda realizamos feitos, tal como a roda de conversa realizada na UFPB ministrada por Leyla Thays Bispo da Silva, onde estivemos presentes eu, Bruna Dias e Sunshine Santos, contando ainda com outras integrantes como ouvintes desta mesa onde pudemos contar sobre nossos processos e sobre o entreolhar-se.

Ainda há a sede de grandes realizações, ainda somos um grupo com a intenção de quando passado tempos tão difíceis como os nossos poderemos realizar uma grande exposição presencial reunido todo o processo do curso e realizaremos oficinas falando desta vivência, potencializando ainda mais criações, acessando outras mulheres.

Entendemos acima de tudo que o empoderamento não é individual, ele acontece apenas de forma coletiva. Sabemos que um curso de fotografia não empodera mulheres negras dado o nosso lugar ainda imposto socialmente. Ainda não

temos poder sobre nossos opressores, porém um movimento que possibilita um processo de cura para estas mulheres, para que assim como nós conseguimos nos ver capazes de sermos agentes da mudança social, gere a capacidade de voltarmos a sonhar, de acreditarmos no poder do ensino, no poder de uma pedagogia engajada baseada em amor, baseada em integração, em interação, em respeito ao indivíduo. A revolução que vivenciamos nunca poderá ser desfeita, ela não tem volta, o amor doado e recebido não retorna ao peito e nunca será apagado.

Quando nos entregamos a ideais em comum, quando falamos e somos ouvidos, quando somos levadas a acreditar que somos capazes, fica cada vez mais difícil sermos paradas, sermos silenciadas ou desacreditadas. A sociedade ainda é governada e regida pelas mãos da sociedade patriarcal branca e rica, e por este motivo continuará diariamente tentando bombardear a nossa caminhada, tornando-a difícil e tentando fazer com que acreditemos que não pertencemos aos diversos lugares dominados pela hegemonia atual.

Como defesa, como instrumento de luta, como estratégia de organização, como autocuidado, autocura, autorrepresentação, nos reuniremos em nosso tempo, permaneceremos a acreditar, difundiremos nossas irmãs e aqueles que se demonstrarem parceiros durante a caminhada, em nome de um sonho, em nome da idealização de um novo mundo, no desejo constante de vislumbrar o dia em que tudo aconteça de forma natural e que seja apenas mais um traço da realidade: a união e o enaltecimento daqueles que foram retratados durante toda a história como coadjuvantes, para permanecermos protagonistas escrevendo e registrando as nossas narrativas.

Atualmente seguimos produzindo, Sunshine está com exposição no SESC Maranhão, Joyce participa de editais para exposição fotográfica, Bruna leciona cursos de Fotografia, Giovanna leciona Cursos de Dança, Adriana participou do prêmio Jovens em Destaque sendo uma das homenageadas, e unidas continuamos na intenção do lançamento de um fotolivro de nosso processo durante o curso Entrelhar-se e eu almejo com um Doutorado em Cinema onde eu possa realizar um documentário com criação a coletiva deste grupo sobre os desdobramentos de um ensino aquilombado dentro dos estudos de fotografia, aprofundando a pesquisa de autorretratos registrando os processos criativos de cada mulher.

A realização desta escrita abriu caminhos, criou e fortaleceu laços, possibilitou um horizonte antes fechado se abrir aos olhos de cada uma de nós, saber que o ensino pode e deve ser instrumento de ampliação de possibilidades de realizações para um grupo, para pessoas historicamente apagadas das instituições será sempre um acalanto e trará gratidão ao retornar a lembrança.

Saber que esta pesquisa não termina na entrega desta dissertação e que as encruzilhadas apenas começaram a se realizar, justifica toda a pesquisa e os motivos desta ter se iniciado.

Anexos.

Plano de Curso

Para realização do curso em modo EAD foi traçado um plano de curso que consistiu em uma separação por módulos essenciais de 2 meses cada com a abordagem dos temas: Fotografia Digital (Imagem digital), Ensaios Autorais e Autorretratos. Para isso a dinâmica semanal do curso deu-se da seguinte maneira:

1. Disponibilização de Material em Drive:
 - a. Pré Aulas em vídeo sobre o assunto abordado no próximo encontro de aula on-line.
 - b. Roteiros de estudos que continham a realização de leituras referentes ao assunto abordado em aula, leituras indicadas de autoras negras da literatura e dos estudos interseccionais de raça e gênero, indicações de vídeos, discos, curtas metragens, fotógrafos abordados, exercícios práticos sobre o assunto abordado na próxima aula e leituras complementares sobre os assuntos abordados.
 - c. Disponibilização de textos e conteúdos em PDF sobre os assuntos abordados.
2. Encontros on-line semanais de cerca de 2 à 3 horas. Tendo ocorrido encontros de mais de 4 horas.
3. Disponibilização da possibilidade de 1 encontro semanal on-line para retirada de dúvidas caso houvesse durante o decorrer do curso. Recurso ainda não utilizado.

Equipamentos em um curso Presencial Ideal:

1. 01 Projetor
2. 01 IMac 27"
3. 10 Notebooks i5
4. 01 Pacote Adobe
5. 13 câmeras dslr com wifi
6. 10 lentes 18-55

7. 10 lentes 18-135
8. 10 lentes 50-200mm
9. 10 lentes 50mm 1.4 ou 35m
10. 10 lentes +++++
11. 10 Flashes Externos
12. 10 controles remotos
13. 10 celulares com câmera de 13MP e configuração PRO com cabo de transferência
14. 10 Pen Drives de 32GB (serão doados às alunas)
15. 10 Cartões de Memória de 32GB
16. 01 HD externo de 1 T
17. 03 radio flashes completos
18. 03 Flashes Tocha 400w
19. 03 Octobox 80cm
20. 06 Placas de polipropileno
21. 03 Rolos de Papel para Fundo Fotográfico
22. 10 Cadeiras de Estudante
23. 01 Mesa para notebook
24. 01 Cadeira para usar na mesa com notebook
25. WIFI e Rede
26. 01 Impressora Fotográfica
27. 300 Folhas de Papel Fotográfico.
28. 11 pastas a4 com plástico com logotipo do curso para armazenamento dos materiais produzidos.
29. Local: Locação de 30m² ideal 50m² podendo ser adaptável para menores formatos.
30. Local para Armazenamento dos equipamentos com segurança.
31. Seguro de Equipamentos contra eventualidades.
32. Confecção de 20 (100) livros do material didático criado
33. Tecidos para Aula n 4.

Equipamentos Ideais em curso EAD:

- 34.01 IMac 27” (para edição de vídeos e criação das videoaulas)
- 35.08 Notebooks i5 (serão doados às alunas)
- 36.09 câmeras dslr com wifi (serão doados às alunas)
- 37.09 lentes 18-135 (serão doados às alunas)
- 38.09 Flashes Externos (serão doados às alunas)
- 39.09 controles remotos (serão doados às alunas)
- 40.08 Pen Drives de 32GB (serão doados às alunas)
- 41.09 Cartões de Memória de 32GB (serão doados às alunas)
- 42.01 HD externo de 1 T (para armazenamento de conteúdo)
- 43. WIFI e Rede
- 44.01 Impressora Fotográfica (para impressão do conteúdo produzido no curso envio as alunas e exposição)
- 45. 300 Folhas de Papel Fotográfico.
- 46. Confecção de 20 livros do material didático criado
- 47.09 Livros - O quarto de Despejo - Carolina Maria de Jesus
- 48.09 Livros - Olhos D'água - Conceição Evaristo
- 49.09 Livros - Poesia para Meninas Pretas - Luma Oliveira

Objetivos

Este curso visa apresentar uma introdução à fotografia digital, ensaios autorais e autorretratos. Será apresentado em uma abordagem teórico poética relações possíveis entre os diversos segmentos da arte e a fotografia. Curso centrado em referências artísticas **decoloniais** destinado a mulheres negras.

Programa Resumido:

- Apresentando a DSLR
- Composição
- Regra dos Terços
- Triângulo da Exposição
- Velocidade
- Abertura

- ISO
- Ensaaios Autorais
- Autorretrato

Método

Aulas online, alinhadas com material de leitura, escuta, leitura e interpretação de imagens, exercícios práticos, visualização dos trabalhos e comentários em grupo e contando também com duas reuniões individuais mensais para acompanhamento das alunas.

Critério

Participação em aula, execução dos exercícios propostos. Exposição Final

Aula 01

1. Vídeo Pré Aula - Apresentação do Curso
2. Encontro e Apresentação das Alunas, das aproximações com a fotografia.
3. Apresentação do Conceito de Fotografia
4. Funcionamento da Câmera escura
5. Surgimento da Fotografia no Séc XIX
 - a. Heliografia - Nicephore Niépce
 - b. Daguerriotypo - Louis Daguerre
 - c. Heliografia - Henry Fox Talbot
6. Usos da fotografia no Século XIX
7. Fotografia Etnográfica de Albert Henchel em uma perspectiva Antiracista.

8. Fotografia do Século XX em retratos e fotografias dos Fotógrafos: Mountaga Dembelé, Seydou Keita, Malick Sedibé e Peter Magubane. Apresentação da biografia de cada fotógrafo.
9. Conversa sobre as percepções das fotografias apresentadas. Sensações.
10. Exercício proposto: Execução de 1 foto por dia.

Aula 2

Roteiro de estudos:

1. Execução do exercício de 1 foto por dia.
2. Assistir Vídeo Pré Aula 2. Anotar possíveis dúvidas.
3. Levantar uma fotografia de três fotógrafas que admiram. Fazer upload das fotos no Drive, na pasta até o dia 22/07 às 12h.
5. Assistir Entrevista com a fotógrafa Marcela Bonfim do projeto Amazônia Negras.
6. Colocar no Drive as 7 fotografias efetuadas do exercício de 1 fotografia por dia na pasta "Alunas" com seu nome:

Leituras opcionais disponíveis:

- a. Canon College - Entendendo de Câmeras e Lentes
- b. Referência trazida por Sany na aula anterior:
Artista Visual: Silvana Mendes: <http://projetoafro.com/artista/silvana-mendes/>
- c. TCC DE ANDRESSA SANTOS VIEIRA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU - SOB PELES NEGRAS:
imaginário, repressão e representação visual de mulheres negras no Brasil dos séculos XIX e XX

Pré Aula 2:

1. Vídeo:

Apresentação dos tipos de Câmera
O que é uma Câmera DSLR
Montagem e desmontagem
Tipos de Câmeras
Colocando a Lente
Tipos de Lentes
Modos automáticos

2. Assistir Entrevista com a fotógrafa Marcela Bonfim do projeto Amazônia Negras.

<https://www.facebook.com/elpaisbrasil/videos/entrevista-marcela-bonfim/1582677501792194/>

3. Levantar uma fotografia de três fotógrafos que admiram. Disponibilizar no Drive até o dia 22/07 às 12h.
4. Colocar no Drive as 7 fotografias efetuadas do exercício de 1 fotografia por dia na pasta Alunas com seu nome.

Aula On-line

1. Exposição de Power Point com retomada dos pontos apresentados na Pré Aula, aprofundamento dos modos de câmera acontecerão nas próximas aulas.
2. Levantamento das fotografias e nomes dos fotógrafos que admira.
3. Marcela Bonfim, apresentação de fotografias e biografia.
4. Conversa sobre as reverberações de visualizar as fotografias do trabalho de Marcela Bonfim. Defina com 1 palavra o que sentiu ao visualizar as imagens.
5. Como foi realizar o exercício de 1 fotografia por dia?
6. Visualização das imagens realizadas e definir com 1 palavra o trabalho da outra para que todas escutemos após terminar a visualização de cada aluna.
7. Proposição do caderno anotações sobre as reverberações do curso.
8. Visualização das fotografias realizadas no exercício de 1 foto por dia.
9. 1º Exercício dos Alvos do primeiro módulo. **Perguntas primordiais.**

Exercício proposto:

1. Após a aula efetuar uma fotografia, pode ser no modo automático se quiser ou com o celular inspirada no Trabalho de Marcela Bonfim, podendo ser enquadramento, tema, cores ou o que lhe chamar a atenção.
2. Continuação do Exercício de 1 Foto por Dia.
3. Leitura para a próxima aula da Tradição Viva
4. Assistir Vídeo Aula Aula 3

5. Execução de um novo alvo para próxima aula fotografá-lo e colocar no drive
6. Levantamento de fotografia de infância.

Aula 3

Roteiro de estudo:

Exercícios propostos:

1. Assistir vídeo pré aula.
2. Continuação do exercício de 1 foto por dia, desta vez baseada nas leituras de fotografias que fizemos de Marcela Bonfim, escolher uma característica, dentre seus retratos, cores, enquadramentos para estudar e fazer releituras.
 - a. Fazer ao menos 1 fotografia inspirada em 1 fotografia de Marcela Bonfim e postar no drive na pasta de aluna renomeada. Exemplo: “Foto 1 - Foto Original de Marcela Bonfim - Foto 2 - Foto Autoral Inspirada.”
 - b. Adicionar as fotografias na pasta do drive com seu nome.

3. Apresentação do Caderno de estudos:

Proposição, se houver tempo fazer seu próprio caderno de estudos, (mas ele também pode ser um escolhido por você e personalizado) nele estará guardado todo andamento do curso, seu processo criativo, seu processo de criação de imagens, idéias, desenhos, recortes (revista, jornal), palavras que inspiram a sua fotografia. Serão levantadas suas paisagens internas.

Relembramos as palavras levantadas na última aula:

Resistência, identidade, fortaleza, referência, afeto, espiral, paisagem gestual, natural, história, resistência, agonia, leveza, contraste, acolhimento, resistência, paz, amor, família, leveza, alegria, desabafo, identificação, família, beleza, emoção, possibilidade, afeto, raízes, lar, e reconhecimento

4. Leitura do Texto na Leitura Indicada: “A Tradição Viva” de Hapatem Ba:

- a. Levantar reflexões possíveis que aconteceram com a leitura do texto, adicionar ao caderno de anotações.
5. Levantar uma fotografia própria de infância ou antiga se houver, fotografá-la e colocar no drive.

6. Levantamento das 10 perguntas primordiais sobre a sua fotografia, sobre o curso.
 Início do Alvo.
7. Conhecer o trabalho de Juh Almeida: globoplay.globo.com/v/7131772/

Vídeo Pré Aula 3:

5. Vídeo:

Modos semi-automáticos

A - A/V

Tv - S

P

Balanço de Brancos

Encontro On-line

Retomando Pré Aula - Apresentação de Power Point.

Apresentação do Texto a Tradição Viva. Conversa sobre o que tocou cada aluna no curso,

Apresentação do trabalho de Juh Almeida e sua biografia.

Apresentação de Caderno de Estudo - Seleção de fragmentos pertinentes à aula. Olhar fotográfico e Paisagens Internas.

Visualização das fotografias realizadas. Exercício de 1 foto por dia e fotografia inspirada na obra de Marcela Bonfim.

Visualização da fotografia de infância.

Aula On-Line

1. Apresentação powerpoint retomando os pontos apresentados na pré aula.
2. Retirada de dúvidas.
3. Continente africano. Especificação da Região tratada no texto A Tradição viva
4. O que aprende com a tradição viva?
 Conversa: Quem representa para você a transmissão de conhecimento de forma oral e não escrita dentro de seu convívio ou família? Que tipo de conhecimento lhe foi passado de forma geracional ou por vivências de outros?

5. O que você diria para a criança apresentada na fotografia. Colocar no caderno de estudos uma carta a criança apresentada na fotografia.
 6. Criação do primeiro alvo com as perguntas levantadas.
 - a. Quais foram as perguntas?
 - b. Qual sua pergunta central? Montar no alvo.
3. Reverberações sobre o trabalho de Juh Almeida. Uma cor, uma palavra.
- Apresentação do Trabalho de Januário Garcia, indicação da Master Class do Centro Afro Carioca de Cinema Zózimo Bulbul.

Aula 4

Atividades Fora de Sala

Roteiro de estudo:

1. Assistir vídeo da pré aula.
2. Leituras indicadas:
 - a. Quarto de Despejo - Carolina Maria de Jesus. Selecionar palavras, sensações que o texto levantou em você.
 - b. Material do Oficial da Nikon, 5 diretrizes simples do enquadramento fotográfico:
 - c. Os 10 elementos da composição fotográfica:
3. Exercícios:
 - a. Continuação do exercício de uma fotografia por dia, disponibilizar no drive em sua pasta de aluna, escolher uma fotografia de todas como a que mais gostou para falar mais sobre ela na aula disponibilizar em sua pasta de Aluna até 05/08/2020 as 12h.
 - b. Realização do exercício testando os modos semiautomáticos e disponibilizar em sua pasta de Aluna até 05/08/2020 as 12h.

Modo AV / A:

1 fotografia usando um número F baixo (maior abertura)

1 fotografia usando um número F alto (menor abertura)

1 fotografia usando um número que você considere ideal (podendo ser qualquer um)

Modo Tv / S:

1 fotografia usando um número de exposição baixo (longa exposição)

1 fotografia usando um número de exposição alto (exposição rápida)

1 fotografia usando um número que você considere ideal (podendo ser qualquer um)

Modo P, testar Balanço de Brancos W/B

Realizar uma mesma fotografia testando todas as configurações de W/B e também configurando do W/B Personalizado.

4. Escrita da carta para seu eu do passado. Separar palavras, frases ou trechos que você ache pertinente dividir conosco.

5. Realização do alvo concêntrico com as 10 perguntas primordiais levantadas na aula posterior. Explicação visual no vídeo da pré aula.

Complementos de aula:

Filmes e Vídeos:

Seguem nomes de Filmes indicados por Sunshine na aula 03:

1. Nhá Fala - Filme de Flora Gomes. Disponível no youtube completo:

<https://www.youtube.com/watch?v=Xqoa9a4A2Wk>

2. Mossane - Filme de Safi Faye

<https://centralmovies.network/filmy.php?movie=258107>

3. Moolaadé - Filme de Ousmane Sembéne

<https://www.youtube.com/watch?v=DvtDcSJ0W7U> (parte 1)

<https://www.youtube.com/watch?v=JsSryZ2zVks> (parte 2)

4. Vidas de Carolina - Curta metragem de Jessica Queiroz

<https://youtu.be/AkeYwVc2JL0>

Mais sobre a autora Carolina Maria de Jesus, que também foi cantora:

<https://www.youtube.com/watch?v=Chl-Ig87LVQ>

<https://www.youtube.com/watch?v=qRjDmmWAFEO>

<https://www.youtube.com/watch?v=Dbw3csCI9lo>

Disco “Quarto de Despejo”: <https://www.youtube.com/watch?v=t3dzlAr4euo>

Leituras complementares:

Breve artigo de Claudio Feijó sobre linguagem fotográfica:

Manual de Fotografia Digital:

Bokeh para principiantes (conforme citado pela Joyce na aula 2):

Fazer upload em sua pasta particular das 07 fotos realizadas durante a semana, escolher 1 foto para falar mais sobre ela na próxima aula.

Vídeo Pré Aula: Técnica

1. Composição.
2. Utilizando a grade
3. Regra dos terços

Aula On-Line

1. Retomada dos pontos abordados na Pré Aula via Power Point
2. Curta Metragem Liturgia - Reiko Otake
3. Fotografia de Hilina Abebe e Zina Zaro Wiwa apresentações de biografias
4. Fotografia de Reiko Otake - Futuro do Presente
5. Sobre a leitura de - Carolina Maria de Jesus - Biografia
6. Conversa sobre o livro quarto de despejo e o que mudou 1951 até os dias de hoje, como podemos ponderar o que é naturalização ou contextualização histórica, como naquele cenário e tempo Carolina era contestadora relações com a arte de Reiko Otake e Edgar.
7. Visualização das imagens feitas na semana em videoconferência e conversa sobre a produção realizada baseada na fotografia escolhida.
8. Levantamento de palavras que remeteram a leitura do Texto de Carolina Maria de Jesus
9. Apresentação da fotografia escolhida para comentar durante a aula

- 10.Reverberações das fotografias realizadas.
- 11.Visualização dos Alvos Concêntricos
- 12.Frase ou trecho da carta para seu eu anterior

Aula 5

Roteiro de Estudo

1. Assistir pré aula: Velocidade do obturador, tempo de exposição:

Complementação com o vídeo do Cannon College:

2. Continuação do exercício de 1 fotografia por dia, mas baseadas na vivência da última aula, escolher o que mais te atingiu, entre a escrita de Carolina Maria de Jesus, as fotografias apresentadas, a “carta para seu eu anterior”, as trocas relatadas em nosso encontro, procurar imagens que te aproximem das sensações descritas em palavras anotadas por você, dando vazão por meio de fotografias ao mundo de sensações trocadas na última aula. Podem ser escolhidas cores, imagens abstratas, texturas, objetos perdidos ou descartados (despejados), super closes, aproveite o exercício de treino com a velocidade. Para inventar imagens inesperadas que possam expressar sensações, não se preocupe se faltar criatividade, procure nos detalhes, se quiser adicione poemas, frases, palavras trazidas em suas anotações para ajudar a compor sua fotografia.

Disponibilizar todas fotografias da semana em seu drive para visualização na última aula do módulo.

3. Escolher 1 fotografia da semana como a sua preferida para Mostrar em aula. Subir na sua pasta de aluna, na subpasta “Fotografia escolhida”.

4. Exercício no modo “M” testando a velocidade do obturador: Tire 3 fotografias alterando a velocidade do obturador, disponibilizá-las no drive em sua pasta de aluna.

Por exemplo:

- a. 1 fotografia com baixa velocidade (abaixo de 1/15)
- b. 1 fotografia com alta velocidade (acima de 1/60)
- c. 1 fotografia a seu gosto com a velocidade escolhida por você.

Observação: Escolha uma abertura do diafragma à seu gosto (Número de F), ou não altere esta configuração, neste exercício ainda não alteramos muito a abertura da fotografia) Este exercício difere-se do exercício da aula anterior, pois no modo “M” você tem autonomia sobre a abertura, ela só altera se você quiser, diferentemente do modo “AV ou A”.

5. Leitura Indicada: Conceição Evaristo - “Olhos D’Água”. Fragmento do Livro Olhos D’água.

6. Leitura indicada: “Velocidade e Abertura”

Estudos Complementares

Vídeo: Conceição Evaristo e a Escrivência:

Tempo de Exposição e Abertura

Medição

Exposições de Longa Duração

Escuta da Música “Preta D+” de Tássia Reis:

Vídeo - Pré Aula:

Técnica - Velocidade do Obturador

Explicação do Fracionamento de tempo

A exposição define por quanto tempo a câmera vai captar a luz para a fotografia.

Introdução à Fotometria na câmera.

Conversa sobre as dúvidas das funções apresentadas

Aula On-Line

1. Apresentação da fotografia de Helen Salomão, Sarah Waisea, Carrie Mae Weens e suas biografias.

2. Apresentação da Biografia de Conceição Evaristo. Percepções sobre o texto Olhos D'Água.
3. Visualização da produção fotográfica das alunas e dos exercícios propostos, dificuldades.
4. Verificação da execução do alvo, levantamento das perguntas e retirada de dúvidas.
5. Levantamento das palavras relacionadas as sensações ao visualizar as fotografias durante a aula, explicação do termo paisagens internas relacionado ao levantamento das palavras realizado.

Aula 6

Roteiro de Estudo - Aula 6

1. Acompanhar os seguintes vídeos:

- a. Pré Aula 6:
- b. Lélia Gonzales - A Neurose do Racismo:

2. Leituras Indicadas:

- a. Como fazer um fundo desfocado - Cannon College
- b. Conhecer e explorar a Abertura - Nikon:

c. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira - Lélia Gonzales:

3. Exercício:

- a. Efetuar o exercício de Abertura no Modo M, para isso procure mudar o ajuste do F da sua câmera para números mais altos e baixos e efetue fotografias usando em contrapartida ou como forma de compensação a alteração da velocidade da sua fotografia.
- b. Tente fazer um retrato com o fundo desfocado.
- c. Anote nestas 3 fotografias o no de F utilizado e a velocidade escolhida.
- d. Disponibilize as fotografias em sua pasta de aluna.

4. Exercício de 1 foto por dia.

Permaneça realizando o exercício de 1 fotografia por dia. Escolha dentre todas as fotografias da semana a fotografia que mais gostou e disponibilize no drive em sua pasta de aluna:

5. Retomada do exercício das 10 perguntas primordiais, de acordo com sua fotografia, o curso e suas expectativas. Criar o alvo concêntrico centralizando uma pergunta como a mais “pulsante” e disponibilizar as outras perguntas ao redor.

6. Estudos Complementares

a. Vídeo Lélia Gonzalez - Feminismo Negro no Palco da História:

b. Vídeo Canon College Sobre Diafragma:

c. Texto Enegrecendo o Feminismo e Feminizando Raça - Raquel de Andrade Barreto

1.3 - Gênero e Raça na Obra de Lélia Gonzales:

Técnica ABERTURA

1. Retomada dos tópicos da Pré Aula.

2. Apresentação das fotografias e suas biografias:

Zohra Opoku

Arielle Bob Willis

Elana Paulino

Joyce Marques

Taís Alvarenga

3. Apresentação da Biografia de Lélia Gonzales e conversa sobre o texto apresentado no roteiro de estudos

4. Apresentação das palavras relacionadas durante a visualização das imagens e suas cores e sensações. Relacionar a cada palavra uma cor, a cada cor uma palavra/sentimento/sensação.

5. Visualização de Alvos e retirada de dúvidas.

6. Produção de carta para seu eu atual.

Aula 7 - ISO - Triângulo da Exposição

Roteiro de Estudos - Aula 7

1. Assistir o Vídeo da Pré Aula:
2. Continuação do exercício de 1 foto por dia. Disponibilizando na sua pasta de aluna:
3. Exercício de ISO: Realizar três fotografias para testar os diferentes de tipos de ISO aliado aos modos de câmera em velocidade de exposição e abertura de diafragma. Anotar o Iso, velocidade e abertura utilizadas ao renomear a fotografia e disponibilizar em sua pasta de aluna ex:
 - a. ISO 100 VEL 1/60 F3.5
 - b. ISO 800 VEL 1/100 F7
 - c. ISO 3200 VEL 1/400 F10
4. Execução do exercício da carta para o eu presente. Separar um trecho, uma frase, uma palavra que você ache relevante dividir com o grupo, não haverá necessidade de leitura da carta completa, ela é pessoal e direcionada à você, divida apenas o que se sentir à vontade.
5. Finalização do alvo com as perguntas essenciais e pergunta central. Não se preocupar com a forma, apenas finalizar um alvo para que possamos transformá-lo no próximo módulo.
6. Trazer levantamento de cores efetuado na última aula.
7. Leituras indicadas:
 - a. Bell Hooks vivendo de amor:

 - b. Nikon - Definições de Sensibilidade e ISO:
8. Leituras Complementares:
 - a. Controle automático de ISO em Nikon:
 - b. Como fotografar estrelas Cannon College:
8. Disponibilização de Drive de Bibliografias Reunidas.

Aula On-Line

1. Retomada do conteúdo da Vídeo Aula e retirada de Dúvidas sobre ISO

2. Apresentação de Biografia de Bell Hooks e Conversa sobre o texto indicado no roteiro de estudos
3. Apresentação das fotógrafas e suas biografias:
 - a. Dana Scruggs
 - b. Rahima Gambo
 - c. Alile Dara Onawale
4. Apresentação dos Alvos e perguntas centrais
5. Frases da carta para o eu do presente
6. Conversa sobre Sensações sobre o primeiro módulo

Aula 8 - Encontro com Marcela Bonfim

Conversas ao vivo sobre o projeto Reconhecendo a Amazonia Negra, contato pessoal com as alunas contando como foi a experiência de conhecer o trabalho de Marcela Bonfim.

Segundo Módulo - Ensaios Autorais

Aula 1 - Módulo 2

Roteiro de Estudos:

1. Assistir pré Aula:
2. Execução do exercício do primeiro “Ensaio Autoral”:
 - Escolha uma cor para compor todas as suas fotografias, criando uma unidade de encontro entre elas, lembrem-se do ensaio de Bruna que reflete este referencial.
 - Escolha até 6 fotos para compor seu ensaio.
 - Escolha um tema relacionado a sua cor.
 - Crie um pequeno texto, pode ser poesia para narrar (não precisa explicar) seu ensaio.
 - Faça upload em sua pasta de aluna deste módulo;
3. Exercício de escrita autobiográfica:

Escrever um texto, sobre como foi seu primeiro contato com a arte, resgatar este encantamento inicial, e continua contando sua trajetória em contato com a arte

em todas as suas linguagens até o momento em que decidiu pela fotografia. Quais foram as experiências que te convenceram a fotografar e quais foram as que fizeram com que permanecesse nesta caminhada. Sua escrita deve terminar com um propósito atual, lembrando que pode ser qualquer um e este propósito é sempre passível de transformação, não se preocupem com o futuro neste momento, estamos falando do momento presente. Este texto será lido em nosso encontro on-line.

5. Conhecer a obra de Grada Kilomba:

Vídeo - Roda de Conversa. Grada Kilomba e Djamilia Ribeiro (a partir dos 14 minutos)
2019

Aula On-Line

7. Retomada do conteúdo da Vídeo Aula e retirada de Dúvidas
8. Apresentação de Biografia de Grada Kilomba e Conversa sobre o texto indicado no roteiro de estudos
9. Apresentação das fotógrafas, suas obras e suas biografias:
 - a. Fabiola Jean-Louis
 - b. Alananna Airitam
 - c. Daisy Serena
10. Apresentação dos Textos Realizados
11. Apresentação das fotografias realizadas

Aula 2 - Módulo II

Encontro com Regiane Rios

Aula 3 - Módulo II

Roteiro de estudo - Aula 3 Módulo II

1. Assistir Vídeo Aula 3:
2. Assistir Vídeo Rosana Paulino apresenta sua exposição “Costura da Memória”
<https://vimeo.com/318317563>
3. Continuar com o exercício de 1 fotografia por dia, registrar o processo de criação deste ensaio, colocar em sua pasta de aluna:

4. Levantar de todas as palavras anotadas ao longo do Módulo I
 - a. Quais são as palavras que se repetem.
 - b. Quais são as cores que se repetem.
 - c. Quais são as sensações e sentimentos que se repetem.

5. Retomada do exercício do alvo, desta vez feitas as perguntas para a produção de um ensaio autoral e trazer para a próxima aula, lembrando de levantar uma pergunta central.

6. Definição de Tema (não é o nome) para um ensaio autoral que será realizado e exposto ao fim deste módulo, com base nas palavras, cores e sensações que se repetem.

7. Criação de duplas para a elaboração dos ensaios, que podem ser realizados em conjunto ou separados conforme decisão da dupla.

8. Iniciar a elaboração do trem do ensaio em dupla, sendo a locomotiva a pergunta primordial e seu tema.

9. Leitura indicada:
 - a. Catálogo da Exposição de Rosana Paulino:
 - b. Texto de Beatriz Nascimento: O conceito de quilombo e a resistência cultural negra.

Aula 4 - Módulo II

Roteiro de Estudos Aula 4 módulo II.

1. Assistir vídeo da Pré Aula 4

2. Realizar leitura do texto indicado: Sueli Carneiro - Gênero Raça e Ascensão Social

3. Assistir o Curta Metragem: O dia de Jerusa de Viviane Ferreira (assistir cuidando de observar a fotografia, anotar sensações, palavras, cores)

4. Realizar encontro com a sua dupla: Adriana e Bruna, Giovanna e Josefa, Joyce e Marylia, Paula e Sunshine para a definição do tema do ensaio, que poderá ser efetuado em conjunto ou individualmente. Pensando nos referenciais de palavras que se repetiram, cores e sensações, trocar estas informações com sua dupla.

5. Continuação do exercício de 1 foto por dia, já pensando sua fotografia juntamente

ao tema definido.

6. Formular as perguntas para o Alvo do seu ensaio

7. Construir um relato de como foi este encontro em dupla. Quais as semelhanças? Quais as diferenças? Houve alguma troca?

Estudos complementares:

- Sueli Carneiro e o feminismo negro no Brasil
- Vídeo: Sueli Carneiro – Prêmio Itaú Cultural 30 Anos (2017)
- Vídeo: Fábrica entrevista Sueli Carneiro
- Filme: ORI de Beatriz Nascimento:
- Vídeo: Viviane Ferreira – Encontros de Cinema (2016)
- Filme Café com Canela de Glenda Nicácio. (assistir cuidando de observar a fotografia, trilha sonora belíssima de Mateus Aleluia)

Aula 5 - Módulo II

Roteiro de estudos

1. Assistir Vídeo Aula 5: Pré edição fotográfica.

2. Leituras Indicadas:

- a. Capítulo – Corpos Ancestrais - Tríptico de Fotografias - Genealogias Atlânticas da Tese Yasmin de Freitas Nogueira.
- b. Kimberle Crenshaw - Interseccionalidade na discriminação de raça e gênero

3. Exercícios

a. Encontro com sua Dupla:

Já tendo definido seu tema, realizado a criação do alvo de perguntas do ensaio, definido quais itens serão necessários, qual o tipo de fotografia adotada, o tipo de luz, e respondidas as perguntas “O que eu tenho para você?” e “O que você tem para mim?”. Trocar imagens realizadas e conclusões sobre os processos atuais. Anotar que possíveis sugestões ou ideias surgiram da reunião.

b. Realização dos primeiros registros que poderão ou não integrar seu ensaio. “Pré-produção”. Para entendimento do que funciona e do que pode não funcionar para o ensaio, incluir todas as fotos no processo em sua pasta de aluna, incluindo as fotos que decidiu descartar.

c. Incluir na pasta registros fotográficos gerais das últimas semanas. Lembrar do exercício de 1 foto por dia que permanece.

d. A exemplo da leitura de Genealogias Atlânticas fotografar anotações dos encontros, com sua dupla e de como se deu seu processo criativo para apresentação na próxima aula. Prints de Tela são bem vindos.

e. Apresentação na próxima aula do seu próprio TREM do ensaio, tendo a locomotiva e seus vagões preenchidos com o seu processo de criação e visualização em que “vagão” estamos neste momento. (Desenhar ou escrever os vagões, sugestão de 1 folha de sulfite para cada parte do trem, tendo seu nome e descrição do processo atual em cada folha em um total de 8 partes ou mais)

4. Leituras Complementares:

a. Tese Memórias de um Corpo Negro Feminino - Yasmin de Freitas Nogueira

b. Mulheres Negras uma História de Criatividade, Determinação e Organização de Matilde Ribeiro

Aula 6 - Módulo II

Roteiro		de		Estudos
1.	Assistir	Vídeo	Pré	Aula:

2. Preparar Apresentação Visual do processo de criação de seu ensaio fotográfico em dupla.(Foto, power point, video, word, apresentação do canva.) Possíveis informações a serem relatadas na apresentação:

- a. Qual o tema?
- b. Como se deram os encontros
- c. Onde será feita as fotografias
- d. Com que luz?
- e. Quais recursos?
- f. Houve alguma substituição?
- g. O que será fotografado?
- h. O que eu tenho pra você e o que você tem para mim?
- i. Já tem um nome?
- j. Existem fotos de teste?
- k. Existiram trabalhos ou fotografias anteriores que foram disparadores?
- l. Quais autoras ou fotógrafas foram referenciais?
- m. Em que momento o ensaio se encontra?
- n. Você acha que ele terá continuidade?

o. Como você acredita que se dá o seu processo criativo?

3. Disponibilizar produções fotográficas da semana ou relevantes no seu drive.

Leituras Complementares:

- O olhar opositivo: Espectadoras Negras. bell hooks.
- Dissertação de Mestrado: Mulheres Negras e seus cabelos, um estudo sobre questões estéticas e identitárias de 2014.

Aula 7 - Módulo II

Roteiro de Estudos

1. Assistir pré Aula

2. Preparar para exposição dia 27/10:

- a. Texto(s) de Apresentação do Ensaio
- b. Mini Biografia com Redes Sociais e 1 Foto
- c. Envio das fotografias renomeadas com número e ordem de exposição e nome das fotografias se houverem
- d. Escolha do modo de exposição

3. Assistir vídeo Aline Motta

4. Assistir vídeo Diane Lima

5. Ler Artigo de Diane Lima “Não me guarde na retina”:

6. Conhecer o trabalho de Sheila Signário.

Leituras complementares:

Mulheres Negras e produção cultural

Feminismo, arte e representação de mulheres negras

Aula 1 - Módulo III

Roteiro de estudos

1. Assistir pré aula:

2. Dar início às leituras que serão retomadas ao longo do módulo:

a. Patricia Hill Collins – Pensamento Feminista Negro - Capítulo 5 – O poder da autodefinição.

b. Nilma Lino Gomes - Sem perder a Raiz - Parte II - O processo de Rejeição / Aceitação / Ressignificação do Corpo e do Cabelo.

3. Exercício diário: 1 foto por dia, voltada para si. Neste módulo iniciaremos os exercícios com auto retratos, então todos os dias você deverá tirar uma foto de algo que gosta em você, pode ser apenas um pedaço do seu corpo, exemplo: uma unha, apenas sua roupa, um cacho do cabelo, ou como finalizou bem ele, seu sorriso, sua ele e etc... Olhe-se com carinho e retrate o que mais gostou em você. Caso seja algo exterior à você como uma realização sua, seja qual for a retrate, exemplo: “arrumei minha cama” e inclua-se no retrato, seja apenas sua mão, coloque um pouco de você na imagem. O olhar volta-se a sua paisagem interior e ao seu espelho de dentro, onde o mais importante é o que te agrada, dia após dia.

4. Início de um novo alvo com as perguntas concêntricas, relacionado ao seu autorretrato: que temas gostaria de abordar? o que você vê em seu autorretrato? onde seriam feitas as fotos do seu autorretrato? (nenhuma das perguntas precisa ser estas) etc...

5. Curta metragem Kabela de Yasmin Thayná -

Aula 2 Módulo III

Roteiro de Estudos

1. Assistir Pré Aula:

2. Ler o trecho: “A importância da Autodefinição” p.22 a p.26 Patrícia Hill Collins

3. Exercício de Criação de Persona para Autorretrato:

a. Assistir a performance: “Como construir uma Armadura durante o período de isolamento” de Edgar:

b. Definir um local para montagem e enquadramento de seu Autorretrato

c. Baseadas no conceito de upcycling e na obra de Edgar e Zanele Muholi.

Crie sua persona buscando materiais, roupas, tecidos, materiais de descarte, objetos diversos, persona que pode mostrar o seu rosto ou não, procurar materiais com os quais você tenha alguma relação pessoal, memórias afetivas, paisagens internas.

d. Criar uma narrativa ficcional para este personagem que pode ser: humano ou não, ter gênero ou não, classe social se houver. Definir o seu propósito de existência e nome para apresentar na aula.

- e. Colocar a fotografia de seu personagem em sua pasta de aluna e sua narrativa.
4. Criação do Alvo de perguntas sobre seu Autorretrato, fotografá-lo e colocar na sua pasta de aluna.
5. Encontro com seu Grupo para definir um tema individual e um tema para o grupo relacionado aos autorretratos:
- a. Grupo 1: Adriana, Joyce, Paula e Giovanna
 - b. Grupo 2: Bruna, Sunshine, Marylia e Josefa
6. Continuar o exercício de uma foto por dia, incluindo-se nas fotografias. Colocar registros em sua pasta de aluna.

Conteúdo complementar:

25 de julho o Filme - Feminismo Negro contado em primeira pessoa -

Aula 3 - Módulo III

Roteiro de Estudos

1. Assistir Pré Aula
2. Finalizar Exercício das Personas proposto na aula 2.
3. Leitura do Texto de Audre Lorde - A transformação do silêncio em Linguagem e Ação - de Irmã outsider.
4. Realizar Exercício de Longa Exposição para Auto Retrato:
 - a. Trabalhar o tempo de exposição em um ambiente de luz amena ou pouca luz caso não queira que a luz fique superexposta. Lembrar da Aula 5 do Módulo 1.
 - b. Escolher ao menos 5 fotos que tenha gostado para apresentar na aula e colocar em sua pasta de aluna
 - c. Poetizar seus retratos, ou escrever um parágrafo sobre o que sentiu ao realizá-los.
5. Encontro com seu grupo para relacionar os dois temas: Afrofuturismo x Corpo em Movimento e trazer as conclusões para a próxima aula.
 - a. Dar início ao trem deste ensaio para apresentar em 16/12.

b. Realizar Alvo do seu Auto Retrato baseado na temática escolhida para o Grupo

6. Permanecer com o exercício de uma fotografia por dia e adicionar as fotografias em sua pasta de aluna.

Estudos Complementares:

1. Audre Lorde: Seu silêncio não vai te proteger - Legendado (áudio)
2. Livro Completo - Irmã Outsider:
3. Poesia COROA de Carmen Faustino - Livro Pretextos de Mulheres Negras.

Roteiro Aula 4 - Módulo 3

1. Assistir pré aula:

2. Oficina de Fotografia de Georgia Niara: Abebé de mim: autoconhecimento baseado em autorretratos.

Depois de assistir a oficina de Georgia Niara:

3. Realizar exercício de auto retrato com apenas um objeto de referência usando o foco e o desfoque:

a. Objeto de sua escolha podendo ser qualquer coisa por exemplo: Lençol, tecido, uma peça de roupa, um objeto, uma planta e etc.

b. Sua roupa caso não seja o objeto deverá ser neutra para dar destaque a sua escolha.

c. Escolher um ambiente de fundo neutro (de uma cor só, ou apenas uma estampa).

d. Realizar uma série de autorretratos com no mínimo 5 fotos no mesmo fundo e o mesmo objeto em diferentes formas de uso.

e. Escolher uma narrativa para sua série.

f. Escrever um texto/frase sobre esta narrativa.

g. O adereço deve estar diretamente relacionado a sua narrativa ou tema.

h. Incluir ensaio em sua pasta de aluna.

4. Trazer para aula conclusão do grupo quanto a intersecção dos temas.

5. Incluir uma fotografia por dia em sua pasta de aluna

Vídeos Complementares:

Vídeo-performance de Priscila Rezende.

Poesia Vaca Profana.

Poesia: Queen Nzinga Maxwell - Eu Sou Eu - do Livro Pretextos de Mulheres Negras

Aula 5 - Módulo III

Foram apresentadas as fotografias: Monica Cardim, Camila Fontenele e a artista Visual Musa Michelle Mattiuzzi, havendo também o Encontro Com Daysi Serena e Camila Fontenele.

Aula 6 - Módulo III

Aula com Bruna e Sunshine

1. Assistir Pré Aula:

2. Assistir Oficina Bruna:

3. Livro: Repito coisas que não lembro - Débora Gil Pantaleão. Livro com fotografias de Bruna Dias:

4. Para realizar o exercício proposto por Bruna que ocorrerá durante a aula: Separar um espelho e um auto retrato.

5. Exercício de Sombra na fotografia:

a. Faça um auto retrato usando sua percepção de sombra e usando mais sombra que luz em sua fotografia. Caminhe pelo inverso do comum, procure uma sombra ou crie-a com o auxílio de uma luminária ou lâmpada usando predominantemente a sombra em sua fotografia.

b. Escreva sobre este processo.

c. Coloque em sua pasta de Aluna

6. Coloque sua produção fotográfica semanal em sua pasta de aluna.

7. Vídeos Complementares - Anna Raquel

Aula 7 - Módulo III

Roteiro de Estudos

1. Assistir a Pré Aula:

2. Assistir e realizar o exercício proposto na oficina de Bruna, arquivo disposto no Drive da última aula:

3. Escrever um texto com uma resolução sobre como você chegou ao início deste curso e como se sente finalizando este módulo.
4. Escrever uma carta para seu eu do futuro a ser enviada pela plataforma futureme, em prazo que será definido durante a aula.
5. Conversa sobre o andamento da fotografia para a exposição no início do ano.
6. Colocar no Drive produção fotográfica da semana.

Leitura complementar (de férias):

- Eu sou Atlântica - Sobre a Trajetória de Vida de Beatriz Nascimento (completo)
- Memórias da Plantação - Grada Kilomba (completo)
- A Narcisica história da fotografia e possibilidades de uma história única - Luciara Ribeiro:

Figura 191 – Certificado de Participação de Mesa UFPB



Bibliografia

BARTHES, Roland. A Câmara Clara. Lisboa: Edições 70, 1981.

Barthes, Roland. A retórica da imagem

BATISTA, Leandro Leonardo; LEITE, Francisco (org.). *O negro nos espaços publicitários brasileiros: perspectivas contemporâneas em diálogo*. São Paulo: Ed. ECA-USP, Ed. Coordenadoria dos Assuntos da População Negra, 2011.

BARRETO, Andrade Raquel. Enegrecendo o Feminismo e Feminizando Raça. Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzales. Rio de Janeiro: PUC, 2005.

BATISTA, Simone Braz. Mulheres Negras e produção cultural: Atravessamentos de raça e gênero. Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2018

BENTO, Maria Aparecida Silva BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo : Selo Negro, 2011

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. Revista Estudos Feministas, v. 3, n. 2, p. 544-552, 2. sem. 1995

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Soc. estado*. [online]. 2016, vol.31, n.1, pp.99-127. ISSN 0102-6992.

COSTA, Claudia de Lima e AVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o "feminismo da diferença". *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2005, vol.13, n.3, pp.691-703. ISSN 1806-9584

DE FREITAS Nogueira, Yasmin Memórias de corpo negro feminino: narrativas poéticas, ancestralidade e processos criativos. / - Salvador-Bahia, 2019.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'Água . Rio de Janeiro: Pallas, 2015

FAUSTINO, Carmen; SOUZA, Elizandra (Org.). Pretextos de mulheres negras. Ilustrações de Renata Felinto. São Paulo: Coletivo Mjiba, 2013.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006b.

GONZALEZ, Lélia. RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HAMPATÉ BÂ. A tradição viva em a história geral da África, V.I. SP, Ática, UNESCO, 1982.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade / bell HOOKS; tradução de Marcelo Brandão Cipolla – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013

HOOKS, bell. Meu crespo é de rainha. São Paulo: Boitatá, 2018.

HOOKS, bell. Erguer a voz. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HOOKS, bell. Olhares Negros. Raça e Representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HOOKS, bell. Anseios: raça, gênero e políticas culturais. São Paulo: Editora Elefante, 2019.c

HOOKS, B. Intelectuais Negras. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995, p. 454-478.

_____. Vivendo de amor. In: Geledes, 2010, s/p. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-degenero/4799-vivendo-de-amor> Acesso: março de 2015.

HOOKS, bell. Teoria Feminista: Da margem ao centro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960. _____. _____. São Paulo: Ática, 2001. _____. Antologia Pessoal. José Carlos

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: Episódios do racismo cotidiano. Rio de Janeiro: editora Cobogó, 2019

KILOMBA. Grada : desobediências poéticas / curadoria/ Jochen Volz e Valéria Piccoli ; ensaio Djamila Ribeiro. – São Paulo : Pinacoteca de São Paulo, 2019.

LORDE, Audre Irmã outsider / Audre Lorde ; tradução Stephanie Borges. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019.

MACHADO, Regina. Acordais. DCL- Difusão Cultural do Livro. São Paulo, 2004.

NASCIMENTO, Beatriz. Mulher negra no mercado de trabalho. In: RATTTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

PANTALEÃO, Débora Gil (1989 -) Repito coisas que não lembro – Editora Escaleras: João Pessoa * Salvador, 2019

PAULINO, Rosana. A Costura da Memória - Exposição Pinacoteca de São Paulo, 2018.

RIBEIRO, Esmeralda. Olhar Negro. Malungos e Milongas. São Paulo: Ed. da Autora, 1988 (conto).

RIBEIRO, Matilde Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização Revista Estudos Feministas, vol. 16, núm. 3, septiembre-diciembre, 2008, pp. 987-1004 Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasil

ROSA, Camila Simões. Mulheres negras e seus cabelos : um estudo sobre questões estéticas e identitárias / Camila Simões Rosa. São Carlos : UFSCar, 2014.

SEBASTIÃO, Ana Angélica. Feminismo Negro e suas práticas no campo da cultura.Revista da ABPN, vol. 1, n. 1, mar-jun 2010.

SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis : afeto, mídia e política / Muniz Sodré. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2006

SODRÉ, Muniz A. C. Pensar nagô. Rio de Janeiro: Vozes, 2017

SONTAG, Susan. Sobre Fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

MBEMBE, Achille. Necropolítica. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018

MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1988

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Introdução ao conceito de Quilombo. 1987. In: Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana: Editora filhos da África, 2018.

NOGUEIRA, Yasmin. Memórias de um corpo negro feminino: Narrativas poéticas, ancestralidade e processos criativos. Universidade Federal da Bahia, 2019

VIEIRA Santos Andressa. SOB PELES NEGRAS: imaginário, repressão e representação visual de mulheres negras no Brasil dos séculos XIX e XX. UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU 2017

Referências Webgráficas

ABEBE. Hilina – Disponível em: <<https://hilinaabebe.com/>> Acesso em 02 ago 2020

AIRITAM, Alana. Disponível em: <<https://www.alannaairitam.com/>> Acesso em 28 set 2020

AKEN, Jenevieve. Disponível em: <<https://www.jenevieveaken.com/>> Acesso em 25 nov 2020

ALMEIDA, Juliana. Globo (video) Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/v/7131772/>> Acesso em 26 jul 2020

ALVARENGA Thais Disponível em: <<https://www.atelieorient.com/blog/6/6/2018/olhar-feminino-das-favelas>> Acesso em 16 de ago 2020

AMORA, Monique. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pFJVF1xCu0A>> Acesso em 18 de nov 2020

Aprenda Fotografia. Tempo de exposição Disponível em: <<https://aprendafotografia.org/como-funciona-obturador-tempo-exposicao-camera/>> Acesso em 08 ago 2020

BLAS, Nydia. Disponível em: <<https://fire-cracker.org/2019/02/nydia-blas/> e <https://nydiabras.com/photography-1>> Acesso em: 30 set 2020.

BOMFIM, Marcela. El País. (video) Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?v=1582677501792194&ref=watch_permalink> Acesso em 18 jul 2020

BITTENCOURT, Renata. Modos de negra e modos de branca: o retrato "Baiana" e a imagem da mulher negra na arte do século XIX. 2005. 182p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281434>>. Acesso em 24 out 2020

BROWN, Nakeya. Disponível em: <<http://www.nakeyab.com/>> Acesso em 30 set 2020

CARDIM, Mônica. Pele Negra, Negros olhares, a fotografia como contranarrativa. Disponível em: <<https://programaitausocialunicef.cenpec.org.br/noticia/pele-negra-negros-olhares-a-fotografia-como-contranarrativa/>> Acesso em 01 dez 2020

CANON COLLEGE. Entendendo Câmeras e Lentes (pdf) Disponível em: <<https://www.canon.com.br/biblioteca?pagina=2#pagina>> Acesso em 18 jul 2020

CANON COLLEGE. Tudo sobre obturador. 2014 (video) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xRSKD1U6_9s> Acesso em 08 ago 2020

CANON College. Como fazer um fundo desfocado. Disponível em: <<https://college.canon.com.br/dicas/como-fazer-um-fundo-desfocado-60#>> Acesso em 16 ago 2020

CANON College. Diafragma. 2014 (video) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9BoiGbMFGxk>> Acesso em 16 ago 2020

CARNEIRO. Sueli. Sur 28 | Sueli Carneiro e o feminismo negro no Brasil Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dBiQCXO0W5c>> Acesso em 28 de set de 2020

CARNEIRO. Sueli. Prêmio Itaú Cultural 30 anos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YxWDH1R0v78>> Acesso em 28 de set de 2020

CARNEIRO. Sueli. Fabrica Entrevista Sueli Carneiro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CMWXkgDNhBk>> Acesso em 28 de set de 2020

CHOUMALI, Joana. Disponível em: <<https://joanachoumali.com/index.php>> Acesso em 21 out 2020.

CONCEIÇÃO. Jaqueline. Lélia Gonzales. A neurose do Racismo. Casa do Saber 2020. (video) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=X2ruqJntOWc>> Acesso em 16 ago 2020

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. 1989. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/19ddnu0pU14SmH8hSnasdVvM4mlnXedox/view?usp=>>> Acesso em 28 de set de 2020

CULTNE DOC - Lelia Gonzalez - Feminismo Negro no Palco da História . 2017 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WxB3SVZ2tzk>> Acesso em 16 ago 2020

DASS, Angélica. Disponível em: <<https://angelicadass.com/>> Acesso em 23 set 2020.

DIABETÉ, Fatoumata. Disponível em: <<http://fatoumatadiabate.com/>> Acesso em 14 out 2020.

DO Morro, Produções. 25 de julho o Filme / Feminismo Negro contado em primeira pessoa. (filme). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J6ev2V-Ee3U>> acesso em 02/11/2020

DOUGLAS. Struan. Peter Magubane, a photographer against apartheid . NEW FRAME - Revista de Fotografia. 2019. Disponível em <<https://www.newframe.com/peter-magubane-a-photographer-against-apartheid/>>. Acesso em 14 jul 2020.

EDGAR. Como construir uma armadura durante o período de Isolamento. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?t=675&v=arm99gka8EU&feature=youtu.be>> Acesso em 02 nov 2020

EMEZI, Yagazie. Disponível em: <<https://www.yagazieemezi.com/>> Acesso em 21 out 2020

EVARISTO. Conceição. Escrivência. Leituras Brasileiras. 2020. (video) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>> Acesso em 08 ago 2020

FAYE. Safi. Mossane - 1996 (Filme) Disponível em: <<https://centralmovies.network/filmy.php?movie=258107>> Acesso em 02 ago 2020

FELINTO, Renata. Disponível em: <<https://renatafelinto.com/re-existindo/>> Acesso em 18 de nov 2020

FEIJÓ. Claudio Linguagem Fotográfica. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downs-uteis-linguagem-fotografica.pdf>> Acesso em 02 de ago 2020

FERREIRA. Viviane. O dia de Jerusa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0RY3pkRcPiQ>> (filme) Acesso em 28 de set de 2020

FERREIRA. Viviane. Encontros de Cinema. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z43qp9uhi20>> Acesso em 28 de set de 2020

FONTENELE, Camila. <<https://www.camilafontenele.com/>> Acesso em 01 dez /2020

GAMBO. Rahina <<http://www.rahimagambo.com/>> Acesso em 22 de ago 2020

GARCIA Giulia. A revolução de Helen Salomão. <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/helen-salomao-empodera-negros-e-mulheres-pela-fotografia>> Acesso em 08 de ago 2020

GARCIA. Januário (video) <https://www.youtube.com/watch?v=rog7b_i48zs> Acesso em 26 jul 2020

GERBER. Raquel. Orí. <<https://negrasoulblog.wordpress.com/2016/08/25/309/>> Acesso em 28 de set de 2020

GOMES, Flora. Nhá Fala. 2002. (filme) <<https://www.youtube.com/watch?v=Xqoa9a4A2Wk>> Acesso em 02 ago 2020

HOOKS, Bell. “O olhar opositivo: a espectadora negra”. Fora de quadro. Tradução de Carol Almeida. Disponível em <<https://foradequadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/>> Acesso em 19 de out 2020

INGRIDIS. Vaca Profana. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MXD24LOf4LI>> Acesso em: 23 nov 2020

JEAN-LOUIS, Fabiola. Disponível em: <<http://www.fabiolajeanlouis.com/>> Acesso em 28 set 2020

JESUS. Maria Carolina. 2015. (video) <<https://www.youtube.com/watch?v=ChI-lq87LVQ>> Acesso em 02 ago 2020

KILOMBA, Grada. <<http://gradakilomba.com/>> Acesso em 28 set 2020.

LIMA, Diane. Série Cada Voz 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YGpeDB71Oc>> Acesso em 24 de out 2020

LIMA, Diane. Não me Guarde na Retina. Disponível em: <<https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-diane-lima.pdf>> Acesso em 24 de out 2020

LIMA. Diane Onawale: mulheres que transcendem. 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/onawale-mulheres-que-transcendem/>> Acesso em 22 de ago 2020

LORDE, Audre. Seu silêncio não vai te proteger. Disponpivel em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MXAbIUUexQc>> Acesso em: 14 nov 2020

MAM RIO. Malick Sedibé. Disponível em <<https://www.mam.rio/artistas/malick-sidibe/>> Acesso em 14 jul. 2020.

MARQUES. Joyce Disponível em: <<https://www.favelagrafia.com.br/2019/portfolio/joyce-marques-2/>> Acesso em 16 ago 2020

MATTIUZZI, Michele Musa. Disponível em: <<https://musamattiuZZi.wixsite.com/musamattiuZZi/>> Acesso em 02 dez 2020

MCKENZIE, Ronan. Disponível em: <https://www.ronanmckenzie.co.uk/> Acesso em 30 set 2020

MENDES. Silvana. Biografia Disponível em <<http://projetoafro.com/artista/silvana-mendes/>> Acesso em 18 jul 2020

MOTTA, Aline. Disponível em < <http://alinemotta.com/>> Acesso em 18 de nov 2020

MOTTA, Aline. Foto em Pauta - projeto vencedor da Bolsa ZUM/IMS. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6fFowuCogio> Acesso em 19 out 2020

MOURA. Sabrina. A partir de Seydou Keïta: fotografia de estúdio e poéticas da modernidade no oeste da África. ZUM - Revista de Fotografia. 2018. Disponível em <<https://revistazum.com.br/radar/seydou-keita/>>. Acesso em 14 jul 2020.

MUHOLI, Zaneli. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/noticias/muholi-autorretratos/>> Acesso em 21 out 2020

MULUNEH, Aida. Disponível em: <<https://www.aidamuluneh.com/>> Acesso em 21 out 2020.

NICACIO. Glenda. Café com Canela. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=zjlopXnMV9E>> Acesso em 28 de set de 2020

NIKON 5 diretrizes do enquadramento fotográfico Disponível em: <[https://www.nikon.pt/pt_PT/learn-and-explore/photography-articles/tag/learn and explore/photography articles/5-easy-composition-guidelines.dcr](https://www.nikon.pt/pt_PT/learn-and-explore/photography-articles/tag/learn%20and%20explore/photography%20articles/5-easy-composition-guidelines.dcr)> Acesso em 02 ago 2020

NIKON. Velocidade e Abertura. Disponível em: <https://onlinemanual.nikonimglib.com/d3500/pt/10_psam_modes_01.html> Acesso em 08 ago 2020

NIKON. Medição. Disponível em: <https://onlinemanual.nikonimglib.com/d850/pt/11_exposure_01.html> Acesso em 08 ago 2020

NIKON. Exposições de Longa duração. Disponível em: <https://onlinemanual.nikonimglib.com/d850/pt/11_exposure_03.html> Acesso em 08 ago 2020

NIKON. Abertura Disponível em: <https://www.nikon.pt/microsites/digitutors/pt_PT/d5300/functions/aperture.html> Acesso em 16 ago 2020

NIKON. Definições de sensibilidade e iso. Disponível em: <https://onlinemanual.nikonimglib.com/d3500/pt/14_menu_02_02.html> Acesso em 22 ago 2020

NIMIS ERIKA. African Photography: Studio Portraiture, Part 3. 2015. Disponível em <<http://www.ken-art.com/blog/post/31/african-photography-studio-portraiture-part-3>> Acesso em 14 jul. 2020.

NOGUEIRA, Yasmin. Disponível em: <https://issuu.com/yasminfn/docs/yasmin_nogueira_portfolio_-_2020.2> Acesso em 14 out 2020

ONAWALE. Dara Alile. Disponível em: <<https://onawale.com/>> Acesso em 22 de ago 2020

OTAKE. Reiko Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/projeto-futuro-do-presente-presente-do-futuro-24-reiko-otake-protacao/>> Acesso em 02 de ago 2020

OPOKU. Zohra. Disponível em: <<http://www.zohraopoku.com/>> Acesso em 16 de ago 2020

OSSAI, Ruth. Disponível em: <<https://www.vogue.com/projects/13530530/ruth-ossai-style-portraits-nigerian-auntie-style>> <<https://ruthossai.tumblr.com/>> Acesso em 30 set 2020

PAULINO. Elana Disponível em: <<https://www.favelagrafia.com.br/2019/portfolio/elana-paulino/>> Acesso em 16 de ago 2020

PAULINO. Rosana A costura da Memória. Pinatecado e Estado de São Paulo Disponível em: < <https://vimeo.com/318317563>> Acesso em: 12 de set 2020

QUEIROZ. Jéssica. Vidas de Carolina - 2015. (curta metragem) Disponível em: <<https://youtu.be/AkeYwVc2JL0>> Acesso em: 02 ago 2020

RAJAONARY, Miora. Disponível em: <https://miorarajaonary.photoshelter.com/> Acesso em: 30 set 2020

RAQUEL, Anna. Ato 1 (Ritmo e poesia em III atos). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=3OJP5Ad-2gc>> Acesso em: 05 dez 2020

RAQUEL, Anna. Nós não estamos presos a correntes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gAi2UB5s-Lk> Acesso em: 05 dez 2020

RAQUEL, Arienne. Disponível em: < <https://www.adrienneraque.com/>> Acesso em 14 out 2020

REZENDE, Priscila. Bombril em Empoderadas. Gritem me negra. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=rkN-nolqX3k>> Acesso em: 23 nov 2020

RIBEIRO, Luciara. A narcísica história da fotografia e possibilidades de uma saída histórica única. SP ARTE 365. 2020 Disponível em: < <https://www.sp-arte.com/editorial/a-narcisica-historia-da-fotografia-e-possibilidades-de-saida-de-uma-historia-unica/?fbclid=IwAR10LfcbkaukAHTB3chzGjq3WohVQjCmHCtrHxyc167Wx85lz2nPSZ2hMC8>> acesso em 15/12/2020

RIOS, Regiane. Projeto Afro. < <https://projetoafro.com/artista/regiane-rios/>> Acesso em 24 out 2020.

SABBATINI, Leticia EM ASCENSÃO, A BAIANA HELEN SALOMÃO FALA SOBRE A ARTE DE FOTOGRAFAR: “INSIRO A MINHA DIGITAL NA HISTÓRIA” <<https://heloisatolipan.com.br/arte/em-ascensao-a-baiana-helen-salomao-fala-sobre-a-arte-de-fotografar-insiro-a-minha-digital-na-historia/>> Acesso em 08 de ago 2020

SÃO PAULO Pinacoteca do Estado de. Roda de Conversa Grada Kilomba e Djamila Riveiro <<https://www.youtube.com/watch?v=ovSKrDLs9Ro>> Acesso em 07 de setembro 2020

SCRUGGS, Dana. <<https://www.danascruggs.com/>> Acesso em 22 de ago 2020

SEMBÉNE, Ousmane. Moolaadé - (filme)
<<https://www.youtube.com/watch?v=DvtDcSJ0W7U>> (parte 1)
<<https://www.youtube.com/watch?v=JsSryZ2zVks>> (parte 2) Acesso em 02 ago 2020

SERENA, Daisy. Instituto Moreira Sales. Disponível em: <https://ims.com.br/convida/revista-o-menelick-2o-ato/daisy-serena/> acesso em: 01 dez 2020

SERENA, Daisy. Disponível em: <https://www.afrotometria.com.br/daisy-serena> Acesso em 28 set 2020

SIGNÁRIO, Sheila. Arquivo Pessoal. Instagram. Disponível em < <https://www.instagram.com/photosignario/>> Acesso em 24 out 2020

THAYNA, Yasmin. Kabelá (filme) . Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LGNIn5v-3cE>> Acesso em 02 nov 2020

TVT. Carolina Maria de Jesus: filha fala sobre vida e obra da escritora. 2014 (video) <<https://www.youtube.com/watch?v=qRjDmmWAFEO>> Acesso em 02 ago 2020

VIERO, Eduardo Os 10 Elementos da Composição fotográfica <<https://www.eduardo-monica.com/new-blog/elementos-composicao-fotografica>> Acesso em 02 ago 2020

WAISWA. Sarah. <<http://www.sarahwaiswa.com/>> Acesso em 08 de ago 2020

WEENS. Mae Carrie. <<http://carriemaeweems.net/>> Acesso em 08 de ago 2020

WILLIS. Bobb Arielle. <<https://ariellebobbwillis.com/>> Acesso em 16 de ago 2020

WIWA. Saro Wiwa - <<http://www.zinasarowiwa.com/>> Acesso em 02 de ago 2020